Este Livro he de Joze Pinro Vierra

Este Livro he de Joze Pinto Vizeu

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO SEXTO.

F. N. Pinto.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

A RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

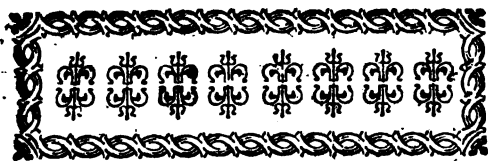
POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO VI.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1787.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro em quatrocentos réis em papel: Meza 13 de Setembro de 1787.

Com tres Rubricas.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Governo, e acções do Rei D. João I. depois da segurança da liberdade do Reino pela victoria referida de Aljubarrota no Tomo precedente.

Era vulg. 1385

ACABADO o Interregno de Portugal pela eleiçaõ do Mestre de Avís, D. Joaõ, para seu Rei; firme a nossa liberdade por consequencia da milagro-

Era vulg. 1385

grosa victoria de Aljubarrota ; succes-sos, que eu acabei de referir no Tomo antecedente ; resta-nos continuar com a vida, e acções daquelle Principe, que nós destinguimos com a devisa de D. Joaõ I. de boa memoria, já Rei sem sustos de poder ser dethronado pela potencia formidavel de Castella, sua competidora. Nasceo D. Joaõ na Cidade de Lisboa, que se o estimou natural, elle a soube defender Pátria, a 11 de Abril de 1357, e sobio ao Throno de 27 annos de idade, no dia, e anno, que fica dito. Elle casou no Porto, depois de dispensado dos votos, com D. Filippa de Lancastro, filha de D. Joaõ de Inglaterra, Duque de Lancastro, e irmã de Henrique IV., Rei do mesmo Reino, a 2 de Fevereiro de 1387. Abençoou Deos este matrimonio, de que nascêraõ Principes illustres, que enobrecem este Reino com memoria sublime, adquirida no exercicio de virtudes heroicas.

Teve o Rei D. Joaõ filhos a Infante D. Branca, que nasceo em Lisboa a 13 de Julho de 1388, e morreo no

fe-

feguinte: ao Infante D. Affonfo, que Era vulg.
nafceo em Santarem a 30 de Julho de 1390, e falleceo a 22 de Dezembro de 1400: ao Infante D. Duarte, que lhe fuccedeo no Reino, e nafceo em Vifeo a 31 de Outubro de 1391: ao Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e Regente do Reino, que nafceo em Lisboa a 9 de Dezembro de 1392; cafou com D. Ifabel de Aragaõ, filha de D. Jaime, fegundo Conde de Urgel, em 1429, da qual teve os filhos, que diremos em feu lugar, e morreo na batalha affrontofa de Alfarroubeira em 20 de Maio de 1449, jaz no Convento da Batalha: ao Infante D. Henrique, Duque de Vifeo, e Meftre da Ordem de Chrifto, que nafceo no Porto a 4 de Março de 1394, e morreo na Villa de Sagres no Algarve em 15 de Novembro de 1460, jaz na Batalha: a Infante D. Ifabel, que nafceo em Evora a 21 de Fevereiro de 1397, cafou em Bruges com Filippe III., Conde de Flandres, Duque de Borgonha, em 10 de Janeiro de 1429, e morreo a 17 de Dezembro de 1471, jaz em Dijon

Eln vulg. jon no Convento da Cartuxa: ao Infante D. João, Meſtre da Ordem de Sant-Iago, e Condeſtavel de Portugal, que naſceo em Santarem a 13 de Janeiro de 1400, caſou com a Infante D. Iſabel, filha de ſeu irmaõ natural, D. Affonſo, primeiro Duque de Bragança, morreo em Alcacere do Sal a 18 de Outubro de 1442, e jaz no Convento da Batalha: ao Infante Santo, D. Fernando, Meſtre da Ordem de Avís, que naſceo em Santarem a 29 de Setembro de 1402, e morreo cativo em Fez a 5 de Junho de 1443, donde veio o ſeu corpo para o Convento da Batalha.

Alguns dos noſſos Eſcritores com erro manifeſto attribuíraõ ao Rei D. Joaõ mais tres filhas legitimas, que naõ teve, e lhes chamáraõ D. Filippa, que diſſeraõ caſada com Erico, Rei de Dinamarca: D. Joanna, que fingíraõ mulher de Henrique III., Rei de Caſtella, e D. Leonor, a quem deraõ por marido aő Rei de Aragaõ, D. Pedro IV. Antes do matrimonio teve o Rei D. Joaõ filhos naturaes a D. Affon-

fonſo, que foi primeiro Duque de Bra- Era vulg.
gança, e caſou com D. Brites Pereira, filha do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira, com deſcendencia feliz, como eu o explicarei adiante: a D. Brites, que caſou com Thomaz, Conde de Arondel, Sobrinho de Duarte III., Rei de Inglaterra. O Infante D. Joaõ, Meſtre de Sant-Iago, e Condeſtavel, teve filhos a D. Diogo, que morreo de pouca idade: a D. Iſabel, mulher do Rei D. Joaõ II. de Caſtella, pais da Rainha Catholica, D. Iſabel: a D. Brites, que caſou com o Infante D. Fernando, e tiveraõ entre outros ao Rei D. Manoel.

Nós deixámos vencida a batalha de Aljubarrota: recolhidos os ſeus importantes deſpojos, entre elles as doze bombardas, que foraõ as primeiras armas de fogo deſte genero nas Heſpanhas; o Rei acclamado, deſcançando das ſuas fadigas glorioſas em Santarem, e fazendo merçês aos vaſſallos fieis, que mais ſe tinhaõ diſtinguido no zelo, e ſerviço da Pátria. O Condeſtavel, que fora o mais remunerado,

co-

Era vulg. como ſe nada tivera feito, elle ſe diſpôz a ſervir de novo, valendo-ſe dos premios para eſtimulos de ſe conduzir de módo, como ſe entaõ começára a merecer. Sem deſpir, nem deixar esfriar as armas, elle ſe recolheo á Provincia do Alem-Téjo, aonde, dos deſtacamentos das guarnições das Praças, pode formar hum campo, pouco inferior ao de Aljubarrota, para ir viſitar os inimigos á ſua meſma caſa, augmentar-lhes o terror, antes que ſe recobraſſem do ſuſto. Marchando na vanguarda o reſpeito do ſeu nome, que os Caſtelhanos já ouviaõ com eſpanto, elle vadeou o Guadiana na téſta do pequeno exercito, e foi colher novas palmas a Caſtella.

Logo da fronteira principiáraõ a moſtrar as hoſtilidades, que o deſpique das noſſas injúrias naõ ficára ſatisfeito com o golpe de Aljubarrota, ſem que os éccos dos noſſos gemidos na invaſaõ barbara de Almeida até Leiria foſſem repercutir em Caſtella por igual extenſaõ de terreno. Todo o paiz foi talado até Çafra, e outras Praças, que

lhe

lhe abríraõ as portas para encontrarem na submissaõ a piedade, que se faría inexoravel á resistencia. O mesmo peso de marcha soffreo a campanha, que vai de Çafra a Valverde: Peso taõ duro de levar, que obrigou esforçaremse para lhe resistir aos Mestres de Sant-Iago, Calatrava, e Alcantara, que com 33 mil homens o foraõ seguindo á vista de Mérida, quando elle levava o destino em Valverde. Lembrados estes Chéfes do successo passado, naõ lhes deo alentos a grande desigualdade do número para atacarem o Condestavel em campanha rasa. Elles foraõ ganhando os montes para o cercarem em fórma, que huma vantagem em tudo superior, ou a necessidade de mantimentos lhes désse huma victoria, que sem atender ao valor, elles a tivessem por certa.

Era vulgar

Porém o valeroso Condestavel, que lhes percebeo a idéa, e já a experiencia lhe tinha mostrado, que o maior número de gente naõ he o que faz a hum partido sempre vencedor. Antes que os inimigos o rodeiem, elle os ataca,

Era vulg. ca, e faz outra vez provar aos Castelhanos, que os Portuguezes se contaõ menos pelas figuras da arithmetica, que pelos caracteres do valor. Elle os destroe com huma victoria completa, bem igual á precedente, quando os dous Reis se bateraõ em pessoa; hum successo sem mais differença do passado, que ter aquelle a gloria repartida; neste ser ella toda do Condestavel. Entre os mortos ficou no campo o Mestre de Sant-Iago, D. Pedro Moniz; mas como o Condestavel naõ entendeo conveniente, entranhado em Castella, perseguir os fugitivos taõ longe, e com a vivacidade com que o fez na de Aljubarrota, elles tiveraõ tempo de recobrar-se para se pôr em forma, e retirar-se. Elles o faziaõ, quando chegou o feróz Coronel Antaõ Vasques, que trazia hum reforço de tropas ao Condestavel. O bravo Official, emulo da gloria do Chéfe, com a sua gente descançada, ainda que pouca, quiz consummar o triunfo. Elle se lança sobre os inimigos com valor desmedido, e acaba de os cortar em postas.

Es-

Esta segunda infelicidade, em que se perdêraõ todas as forças dos Reinos de Andaluzia, desterrou da imaginaçaõ do Rei de Castella a esperança de continuar huma guerra, que sobre prejudicial, a tinha por vergonhosa, e mandou ao grosso da sua Armada, que ainda estava no Téjo, se recolhesse aos pórtos de Castella. Nada mais que esta retirada demorava ao Rei em Santarem para até agora, senaõ aproveitar das consequencias da sua victoria. Elle se pôz em marcha immediatamente para recobrar os Lugares de Entre-Douro, Minho, e Tras-os-Montes. Chegou ao Porto, aonde ajuntou a gente, que lhe foi possivel, e se postou sobre a Praça de Chaves, que defendia por Castella Martim Gonçalves, Fidalgo Portuguez, e valeroso, que repugnou a entrega, e sustentava o seu posto com vantagem sobre os ataques vigorosos do nosso campo. Sobrados estimulos tinha Martim Gonçalves para senaõ conduzir assim com o seu Rei, senaõ o preoccupára a fantasia de huma honra quimerica; mas com a chegada do

Era vulg. 1386

Con-

Era vulg. Condestavel triumfante entrou elle a prevêr a impossibilidade de resistir à hum exercito taõ consideravel, como já tinha El-Rei.

Continuando na sua preoccupaçaõ, este bravo homem, constante em que havia cobrir o seu credito a qualquer reprehensaõ, que o mundo lhe podesse dar, respectiva á fidelidade devida ao partido, que abraçára. Depois de alguns dias de trincheira aberta, elle representou ao Rei, que naõ tinha dúvida em lhe entregar a Praça, se no termo de quarenta dias naõ fosse soccorrido; mas que lhe havia dar licença para fazer este aviso ao Rei de Castella. Pareceo rasoavel a proposta, que foi concedida; e neste meio tempo veio ao campo hum Fidalgo Inglez, que da parte do Duque de Lancastro agradecia ao Rei o aviso, que lhe mandára dar pelo seu Embaixador da sua exaltaçaõ ao Throno, e pedia o cumprimento da promessa, que o mesmo Ministro lhe fizera em seu nome de mandar a Inglaterra algumas galés, e navios para reforçar a Armada, com

que

que elle determinava vir em pessoa á con- Era vulg.
quista de Castella, que lhe tocava. Sem
demora despedio o Rei ordens, para que
se esquipassem doze navios, e seis galés,
que deixaremos navegando para Inglaterra,
em quanto continuamos com os
successos do principio do anno de 1386.

Recebeo Martim Gonçalves a resposta
do Rei D. Joaõ de Castella, em
que lhe dizia entregasse a Praça, que
elle de modo algum podia soccorrer,
porque antes queria deixar o dominio
de huma Villa, que arriscar hum homem,
como Martim Gonçalves. Cumprio
este fidalgo a sua palavra na entrega
de Chaves, donde sahio com as
honras da guerra recebidas na Patria,
que abandonava. Entrou o Rei na Villa,
que deo ao Condestavel, e estando
nella, Joaõ Affonso Pimentel, que
tinha por Castella a Bragança, reparou
o golpe com tempo, mandando-a offerecer
ao Rei, antes de ser atacado.
A continuaçaõ destas prosperidades nos
fez nascer os desejos de levar avante as
nossas conquistas no Reino proprio, e
no alheio. Da Provincia de Tras-os-

Mon-

Era vulg. Montes veio o Rei acabar de dissipar as reliquias rebeldes, que ainda na da Beira tinhaõ devoçaõ a Castella. Com a mesma marcha entra por este Reino, levando a espada em huma maõ, o fogo na outra. Na face dos muros da Cidade de Coria parou respeitoso o furor, que até alli naõ encontrára padrasto, que lhe detivesse na carreira a velocidade. Igual era o valor com que os inimigos sustentavaõ os repelões das armas, e nós os ataques da epidemia, e da fome. Naõ houve mais remedio, que levantar o sitio, e fazer na volta de Portugal com tanto sentimento do Rei, que disse para os seus: Ah, e que falta nos fizeraõ aqui os Cavalleiros da Taboa Redonda! Eraõ estes Cavalleiros de huma Ordem Militar de Inglaterra, com este nome, que se dizia instituida pelo Rei Artur, de que eu já dei noticia no II. Tomo da minha Aula da Nobreza. Mem Rodrigues de Vasconcellos, Fidalgo brioso, que ouvio a mal fundada queixa do Rei, acodio destemido pela nobreza, dizendo: Naõ, Senhor; naõ faltáraõ aqui esses

Ca-

Cavalleiros: vós eſtais rodeado de outros ſemelhantes; a elles he que lhes faltou hum Rei Artur, que os governaſſe. Outro Rei, que naõ foſſe D. Joaõ I. daria ao tom deſta reſpoſta o peſo, que ella merecia; mas eſte Principe, que o tinha grande de circunſpecçaõ para a repartir pelas peſſoas, fez que naõ entendia a força, nem o ſentido da reſpoſta audaz de Mem Rodrigues. Era vulg.

Como Ricardo II. havia condeſcendido ás propoſtas do Duque de Lancaſtro, ſobre as ſuas pretenções á Corôa de Caſtella; nós fizemos com a de Inglaterra huma liga offenſiva, e defenſiva, que o Duque veio ſuſtentar em peſſoa, embarcando-ſe na armada Real daquelle Reino. Nós celebravamos victorias, e triunfos, quando eſte Principe, acompanhado de ſua ſegunda mulher D. Conſtança, filha del-Rei D. Pedro, o Cruel de Caſtella, eſtimada ſua herdeira, e de ſuas filhas D. Catharina, e D. Filippa, que naſcêra de ſua primeira mulher, D. Branca, Duqueza herdeira de Lancaſtro,

Era vulg. tomava terra em Galliza. Quiz elle desembarcar na Corunha; mas teve de vir ao Padraõ, por lhe resistir entaõ com alento D. Fernando de Andrade, e os nobres Gallegos. O Rei D. Joaõ, sabida a chegada do Duque, lhe mandou Embaixadores, que o congratuláraõ da boa vinda; do reconhecimento de Rei de Castella pelos Póvos, que o recebêraõ, e lhe pedíraõ da sua parte quizesse vir a Pontemouro sobre a fronteira de Entre-Douro e Minho, aonde elle se acharia para tratarem dos seus interesses respectivos.

O Duque correspondeo a este obsequio pelo Senhor de Bovines, que veio a Coimbra com hum presente, ao Rei estimavel, de Dogues, e aves de rapina de Inglaterra. Este Ministro deixou ajustado o tempo do encontro dos dous Principes, que foi em tendas de campanha na planicie de Pontemouro, aonde tomáraõ as medidas para a continuaçaõ da guerra, que era o ponto mais principal de ambas as partes interessadas. Nas negociaçoẽs militares taõ bem foi particularmente contratan-

te

té amor, que rendeo a liberdade do Era vulg.
Rei, cativo da formosura de D. Filippa, filha do Duque, e de sua primeira mulher D. Branca, que adquirio a Coroa de Portugal pela gentileza, quando sua irmã D. Catharina vinha pretender a de Castella pelo sangue. Em razaõ deste direito da Princeza, neta de D. Pedro o Cruel, queria o Duque que ella fosse a designada esposa de D. Joaõ, para que com a esperança de futuro Rei da mesma Castella, a justiça da pretençaõ o fizesse redobrar o vigor na guerra. Mas se os corações altos, quando se inclinaõ deveras, só desejaõ interesses para fazerem delles sacrificio aos objectos do gosto: o Rei á offerta do Duque, que com D. Catharina lhe dava o direito a hum Reino; elle céde os interesses á ternura, e prefere o amor da paz ás vantagens de avançar a Monarquia.

Elle se contentou, com que o Duque dotasse sua filha com Ledesma, Placencia, Çafra, Valença, e mais Lugares da sua dependencia; dote, naõ só mal seguro, mas quasi imagi-

Era vulg. nario em razaõ do dominio poderoſo, que ſugeitava eſtas Praças, todas dependentes da fortuna da guerra, que as havia dar a Portugal; quando o Duque recebeſſe da maõ da ſua inconſtancia toda Caſtella. Para firmeza do tratado, foi D. Filippa mandada para a Cidade do Porto, ſervida por Senhores Inglezes, e Portuguezes, até chegar a diſpenſa, que para eſte matrimonio concedeo o Papa Urbano VI., deſatando o Rei dos votos da Religiaõ, que profeſſára. O Duque mandou acompanhar a nova Rainha por cem lanças Inglezas, duzentos archeiros, e entre os mais Fidalgos, por Joaõ de Hollanda, Thomaz de Perey, e Joaõ de Auberticour, que aſſiſtíraõ na Cathedral ao recebimento dos Reis com os Biſpos de Lisboa, Evora, Coimbra, e o Clero do Porto, em Fevereiro do anno ſeguinte. Naõ permittia a conjuntura dos negocios, que o tempo ſe gaſtaſſe em feſtejos, e celebradas as vodas, o Rei, e os Inglezes partíraõ para os lugares deſtinados, em que haviaõ fazer a guerra.

CA-

Era vulg.

CAPITULO II.

Disposições do Rei de Castella para resistir aos seus inimigos; entrada do Duque de Lancastro em Portugal, e continuaçaõ da guerra.

O REI D. Joaõ de Castella reduzido ao estado triste, que fica dito depois de tantas perdas consideraveis na reputaçaõ, e nos Dominios, com a vinda dos Inglezes, e pretenções do Duque de Lancastro posto em maior consternaçaõ; mandou Embaixadores a Carlos VI., Rei de França, que lhe representáraõ os máos successos da guerra de Portugal; os novos projectos do Mestre de Avís; as idéas do Duque Inglez; o golpe formidavel, que esperava Castella, se elle com as suas forças naõ o soccoresse contra inimigos victoriosos, e soberbos. Sentio, e consolou o Francez na sua desgraça ao Castelhano com a relaçaõ das afflicções, que tinhaõ padecido os seus Estados com a trabalhosa, e diuturna guer-

Era vulg. guerra Anglo-Gallica, e promettendo mandar-lhe de ſoccorro parte das ſuas forças ás ordens do Duque de Bourbon. O Anti-Papa Clemente VII. taõ bem o alentou com boas razões em huma dilatada carta, como a fautor officioſo do ſeu Sciſma. Taõ grande era a conſternaçaõ deſte Principe, tanto creſceo com a chegada do Duque, que publicou hum Edito, em que promettia o foro, e iſenções da nobreza a toda a ſórte de gente, que por dous mezes o ſerviſſe com cavallo, e armas á ſua cuſta.

Elle mandou reforçar Benavente; deſpachou ao Arcebiſpo de Sant-Iago, D. Joaõ Garcia Manrique, com algumas trópas para Leaõ, e repartio as mais pela Fronteira, até que chegaſſem os ſoccorros da França para poder ſahir a campo. O Duque, que além das noſſas doze náos, e ſeis Galéz, que mandava Affonſo Furtado, appareceo ſobre Galiza com huma armada de 162 vélas: o temor deſte poder lhe abrio as portas de quaſi todas as Praças de Galliza, aonde ſe começou a cha-

chamar Rei de Castella. Esta vantagem, e a da nossa alliança o resolvêraõ a mandar hum Heraldo ao Rei D. Joaõ, notificando-o lhe entregasse o Reino, que lhe pertencia por sua segunda mulher, D. Constança, e que se o naõ fizesse, lhe declarava a guerra. A huma proposta taõ dura quiz o Rei responder moderado com as vozes eloquentes dos Jurisconsultos D. Joaõ Serrano, Prior de Guadalupe, depois Bispo de Ciguença, Alvaro Martins, e Diogo Lopes de Medrano, que propozeraõ ao Duque o direito de seu Amo. Outro algum admittio o Inglez, determinado a responder ás razões com a espada, que com a maior força de huma vez articula todas. O Prior, que notou incontrastavel a repugnancia do Duque, metteo a arte em uso, e lhe disse em particular, que o meio de hum bom ajuste era casar sua filha, D. Catharina, com D. Henrique, primogenito de Castella; uniaõ, que traría aos Póvos a paz, e proposta, que o Duque naõ ouvio com desagrado; mas entaõ naõ teve

Era vulg.

ef-

Era vulg. effeito pelo embaraço da liga contrahida com Portugal.

Foi o Rei ajuntar as suas forças com as do Duque em Bragança, e puchou o mais grosso de todas ellas, já advertido, de que no meio do ardor da guerra o seu alliado poderia entrar em algum ajuste com o inimigo. Este receio o obrigou a levar a gente dos presidios, excepto a do Alem-Téjo, aonde tambem deixou 250 lanças ás ordens de Vasco Martins de Mello, que ficou acompanhado de seus filhos, e de alguns Fidalgos para se opporem aos intentos, que por'aquella parte poderiaõ ter os Castelhanos. Com semblante pouco favoravel se entrava nesta empreza da conquista, em razaõ dos movimentos de Galliza, que principiava a sacodir o jugo do Duque, para reentrar no dominio do seu Soberano, que pela mesma razaõ de afflicto, provocava a fidelidade dos vassallos com honra.

1387 A 21 de Março, formado o Exercito em batalha, se rompeo a marcha direito a Alcanisas. Levavaõ a vanguar-

guarda os dous Condeſtaveis de Portugal, e Inglaterra com o Prior do Crato, e outros Fidalgos. Governava o lado direito Martim Vaſques da Cunha seguido de ſeus irmãos Gil, e Lopo Vaſques: cobriaõ o eſquerdo Gonçalo Vaſques Coutinho, e Ruy Mendes de Vaſconcellos: o Rei, e o Duque, com ſua mulher, e filhas, marchavaõ na retaguarda, e as carruagens no centro. Os Portuguezes eraõ dez mil, reforçados pelas trópas do Duque, já muito diminuidas pelas muitas doenças com que as hoſpedára o clima. Todos os lugares da fronteira até Benavente foraõ entregues á pilhagem. Já a eſte tempo o Infante D. Carlos de Navarra, que ſempre aſſiſtira com as ſuas trópas ao Rei de Caſtella, ſeu cunhado, havia partido a tomar poſſe do Reino, em que ſuccedêra por mórte de ſeu pai Carlos II.: mas a ſua falta foi ſupprida por varios deſtacamentos Francezes, que desfiláraõ antes da partida do Duque de Bourbon, e ſerviraõ para reforçar as guarnições.

Era vulg.

O Rei de Caſtella, que eſtava em

Tor-

Era vulg. Tordefilhas determinado a naõ arrifcar a fua fortuna em nova batalha; informado das prevenções dos feus contrarios, deo ordem para fe recolherem os viveres, e os gados ao centro do Reino, ganhou a benevolencia dos Póvos, e pôz-fe na defenfiva com a efperança, de que a falta de mantimentos nos forçaria a defiftir dos projectos. Oito dias perdemos no fitio de Benavente, que levantamos; affim pela falta de inftrumentos de expugnar, como pela dura refiftencia, que encontramos em D. Alvaro Peres Oforio, que defendia a Praça. O Rei inimigo, que viera com a Corte para Çamora, dava todo o calor aos Lugares, que poderiaõ fer atacados, e continuava na idéa de retirar os viveres. Nós nos defpedimos de Benavente com defafios de cavalleiros particulares, que quizeraõ moftrar o feu valor, e com dar permiffaõ aos da Praça, que quizeffem vir vêr o noffo campo. Muitos tiveraõ effa curiofidade, e entre elles hum Cavalleiro attrevido, que na prefença de alguns Portuguezes fallára na peffoa

do

do Rei com menos decencia. Elles lhe soffrêraõ a confiança por naõ alterarem as ordens; mas o Principe informado do caso, respondeo: Eu sim assegurei o campo, mas naõ dei seguro a attrevimentos. Era vulg

A esta resposta do Rei estava presente Alvaro Coitado, de quem eu já dei larga noticia, que tomou o despique á sua conta. No dia seguinte esperou os Castelhanos, e vendo o descortez, se chegou a elle para o ouvir motejar do Rei de *Avís*. Elle, que estava mais audaz com a dissimulaçaõ passada, fallou mais solto. O Coitado com huma maõ o desmontou, com outra lhe servio bem o rosto, e parecendo-lhe este instrumento muito honrado para castigar hum sacrilego, deitou-o a terra, e deo aos pés o exercicio, que principiára com as mãos. Queixáraõ-se os Castelhanos deste desprezo feito a hum Fidalgo, que viera ao nosso campo debaixo do seguro da palavra Real; mas El-Rei se satisfez com lhes dar a mesma resposta, que fica referida.

Do-

Era vulg. Depois de ganhado o Caſtello de Mantilha, alguns dos noſſos Chéfes chegáraõ a Valença do Campo, aonde tiveraõ huma eſcaramuça pezada com os Caſtelhanos. Nella deixou a vida o mais valente dos Cavalleiros inimigos, o bravo Alvaro Tordehumos, ao qual Joaõ Rodrigues de Sá em Guimarães provára, e naõ podera reſiſtir ao valor. A noticia falſa, de que os inimigos tinhaõ abandonado a Villa de Valdeiras, foi cauſa da expediçaõ mais gentil, que ſe obrou neſta campanha. Apenas ella ſe rompeo no exercito, Joaõ Fernandes Pacheco, Antaõ Vaſques de Almada, Joaõ Gomes da Sylva, e alguns Fidalgos com hum pequeno corpo de trópas, marcháraõ a tomar poſſe della. O encontro nos ſeus campos com 400 lanças, e outra muita gente, que mandavaõ o Almirante, e o Adiantado de Leaõ, D. Pedro Soares de Quinhones, moſtrou a falſidade da nova, e naõ houve mais remedio, que inveſtir. As façanhas, que obráraõ os noſſos poucos ſobre tantos excedem todo o encarecimento; mas

hum

hum soldado, que os vio rodeados de inimigos, e teve por impossivel que deixassem de ser mortos; a todo o correr do cavallo assim o veio fazer certo ao Rei, que ao tempo em que lamentava a perda de Cavalleiros taõ illustres, elles chegavaõ ao campo livres, e victoriosos, rasgados de feridas, com os animos inteiros. O soldado, que os vio, foi mais honrado no temor de mentiroso, que na retirada do combate. Elle perdeo o juizo immediatamente; e pouco depois a vida.

Era vulg.

Esta acçaõ briosa estimulou o Rei para se fazer Senhor de Valdeiras, que capitulou aos primeiros ataques. Daqui marchamos a sitiar Villa-Lobos, aonde succedeo com o mesmo corpo dos inimigos outro caso para os nossos mais glorioso, que o precedente. Marchára Martim Vasques da Cunha com seus irmãos, e Lourenço Martins do Avelar, Marbon, Joaõ Portella, e outros até desoito Cavalleiros, que em huma madrugada de muita nevoa haviaõ ido escoltar a gente, que condu-

Era vulg. zia fachina ao campo. Como elles cobriaõ a retaguarda, perdêraõ de vista os companheiros, o tino da terra, e foraõ em distancia de meia legoa do campo dar de rosto com os 400 cavallos, e maior número de infantaria, com que os reforçára D. Alvaro Peres Osorio, senhor das Villas, que o Rei, e o Duque hiaõ conquistando. Picouse o brio generoso dos nossos para obrar huma proeza, que se succedesse em Roma, ou na Grecia nos atroaria os ouvidos a impertinencia dos seus fastos.

Sobíraõ elles a huma eminencia, e atando os cavallos para lhes servirem de trincheira, com desembaraço inimitavel entrâraõ a defender-se da multidaõ, que os cercava. Na força da refrega disse aos companheiros Diogo Peres do Avelar: Senhores, qual será maior acçaõ, defender-me aqui comvosco, ou romper por esses inimigos, e ir dar parte a El-Rei, para que vos soccorra? Resolvêraõ todos, que romper os inimigos, e avisar o Rei era empenho mais sublime. Entaõ Diogo Pe-

Peres montou a cavallo, e com tal intrepidez lhe bateo as pernas, e vibrou a lança, que penetrando o centro dos contrarios, abrio caminho, e veio ao campo informar o Rei do que passava. Com a gente, que estava mais prompta, marchou o Condestavel em soccorro dos formosos aventureiros, que já estavaõ rodeados de quarenta cadaveres inimigos; de muitos feridos estendidos na campanha; elles, depois de tanto tempo de combate, com as forças taõ inteiras, como se entaõ começassem a peleija. A vista do Condestavel fez cahir das maõ as armas aos Castelhanos, sendo o assombro do que viaõ o estimulo, que mais os picava na vergonhosa retirada.

Era vulg.

Rendeo-se Villa-Lobos; mas a victoria foi bem cará pela perda de Ruy Mendes de Vasconcellos, Heróe famoso da sua idade, que da ferida ligeira de huma setta ervada se deixou morrer, por naõ vencer o asco de levar huma pouca de ourina, que para lhe dar exemplo, o Rei bebeo na sua presença. O Rei de Castella informado

 des-

Era vulg. deſtas, e outras conquiſtas, que poderiaõ ter conſequencias funeſtas, ſe elle promptamente ſe naõ oppoſeſſe aos progreſſos das noſſas armas; elle quiz ouvir os votos do ſeu Conſelho. Nelle ſe deliberou por vóz commua, que o Rei naõ devia fazer movimento algum, por ſer menos conſideravel perder humas poucas de Praças, que comprometter a gloria da ſua peſſoa, e das ſuas armas a hum golpe da fortuna: que o Rei de Portugal, e o Duque naõ podiaõ ſubſiſtir muito tempo entranhados em Paiz inimigo, já pela diminuiçaõ das trópas, já pela falta de mantimentos. Foi ſeguido eſte parecer, que os ſucceſſos qualificáraõ de prudente. Dos meſmos ſentimentos eſtava tocado o Rei de Portugal, que ponderava a difficuldade de conquiſtar hum Reino, cada Praça de per ſi, ſem haver huma ſó, que voluntariamente ſe ſubmetteſſe ao Duque, nem declarar-ſe partido a ſeu favor, ſobre que elle houveſſe de apoiar as ſuas pretenções.

Occupado o Rei deſtes penſamentos,

tos, se resolveo propôllos ao Duque, Era volg. e dizer-lhe: Que elle naõ descobria vestigio algum, que désse esperanças de se render Castella por meio da conquista das Praças huma depois de outra: Que se admirava de naõ encontrar em Castella hum só homem, que o buscasse, e reconhecesse por seu Rei, antes se hiaõ levantando contra elle os que o recebêraõ em Galliza: Que naõ sendo possivel sugeitar hum Estado contra a vontade de todos os seus moradores, elles deviaõ recorrer a medidas mais promptas, e mais seguras para chegarem ao fim dos seus designios: Que como as trópas se diminuiaõ, e os viveres faltavaõ, depois de lhe protestar, que sempre o acharia prompto para o ajudar nas suas pretenções áquelle Reino, o seu parecer era, que se tornassem a Portugal, donde elle a toda a diligencia podia passar a Inglaterra a pedir novos soccorros: Que entretanto elle faria levas para reforçar o exercito, que com poder respeitavel, ou obrigasse o Rei a vir a huma acçaõ decisiva, ou atemorisasse os Póvos pa-

Era vulg. ra o medo os obrigar a render-ſe, já que de vontade ſenaõ ſugeitavaõ.

Teve o Duque por muito ajuſtado o parecer de ſeu genro, e entaõ lhe declarou, que já ſe lhe tinha inſinuado a intençaõ do Rei de Caſtella, que deſejava paz, de que fazia garante o ajuſte do caſamento do Principe ſeu ſobrinho com ſua filha D. Catharina, que lhe parecia meio decoroſo para a concluſaõ das ſuas idéas, deixando ſua filha Rainha. Concordáraõ o Rei, e o Duque na retirada, que começou no meſmo tempo, que o Duque de Bourbon ſahia de França com ſoccorro a Caſtella, que achando já livre de inimigos, propôz ao ſeu Rei a entrada em Portugal para darem batalha aos dous Principes alliados. Naõ quizeraõ os Caſtelhanos expôr-ſe a encontrar nos noſſos campos outro de Aljubarrota, e pagando melhor ao Duque a viſita em civilidades, que aos ſeus Francezes com dinheiro, pela falta que tinha delle a Monarquia, os deſpedíraõ como deſneceſſarios para o ſeu Paiz.

Retirou-ſe o noſſo exercito, e chegou

gou a Almeida, aonde se apartáraõ o Rei a dar graças á Senhora da Oliveira de Guimarães, o Duque para Coimbra, e o Condestavel para o Alem-Téjo. Em Trancoso encontrou o Duque dous Embaixadores de Castella, que da parte de seu Amo vinhaõ tratar da paz, e pedir a Princeza D. Catharina para esposa de D. Henrique. Elles se ajustáraõ com satisfaçaõ mutua, e convenções reciprocas, sendo entre outras da parte do Duque entregar ao Rei a D. Joaõ de Castella, que se dizia herdeiro deste Reino, por ser filho de D. Pedro o Cruel, e de D. Joanna de Castro, filha de D. Pedro de Castro, Senhor de Sarria, com a qual o Rei se recebeo em público, depois do repudio de D. Maria de Padilha. Permittio o Rei de Inglaterra ao Duque seu tio, que mandasse ao infeliz D. Joaõ para Castella, aonde esteve sempre em prisaõ dura, opprimido de ferros no Castello de Soria, que lhe abateo as imaginações da Magestade. Naõ fez esta especie ao Alcaide Mór, e Carcereiro de D. Joaõ, Beltraõ de Arriel,

Em vulg.

Era vulg. riel, que vendo-o casado na prisaõ com sua filha D. Elvira, que podia ser Rainha, elle preferio a esta honra a da fidelidade inviolavel, que guardou ao seu Soberano na costodia do preso. Acçaõ, com que fez mais famosa a sua descendencia, que no appellido de Castella inculcava illustre a qualidade na origem, por huma parte Real, pela de tal Heróe sublime.

Em Coimbra estava o Duque com as suas filhas, quando correo a noticia, de que o Rei, voltando de Guimarães, adoecêra no caminho, e ficava em grande perigo de vida. Os Portuguezes, que amavaõ este Principe, e que na sua perda se viaõ no risco de recahir na dominaçaõ de Castella, verdadeiramente se affligíraõ, e o Condestavel partio do Alem-Téjo pela posta a assistir-lhe. Se a dôr dos póvos parecia extrema, a da Rainha foi taõ viva, que agitando-lhe hum máo successo, passou com grande incommodo largo tempo. A convalescença do Rei, dissipando o susto, que causou a probabilidade da sua morte, os Póvos come-

meçavaõ a restituir-se da consternaçaõ, quando se espalhou a voz, de que o máo parto da Rainha a deixára em estado, que naõ tornaria a ser mãi. Prognostico, que o tempo mostrou taõ fallivel, como he o fundo da sciencia conjectural, que o formava. O Duque na congratulaçaõ da melhora do genro, involveo o empenho da soltura do Conde de Neiva, de seu filho D. Martinho, e de Ayres Gonçalves de Figueiredo, que se valêraõ, e encontráraõ efficaz a protecçaõ deste Principe, a quem devêraõ a liberdade.

Era vulg.

Com o restabelecimento da saude do Rei, determináraõ os Duques a sua partida para Bayona, que entaõ era de Inglaterra, antes de passarem a este Reino; porque alli os haviaõ esperar para a ultima conclusaõ do Tratado os Embaixadores de Castella Fr. Fernando de Ilhescas, Confessor de El-Rei, e os Doutores Pedro Sanches de Castilho, e Alvaro Martins, que eraõ os mesmos, que tinhaõ vindo a Trancoso. Sahio o Duque de Coimbra acompanhado do Rei, e das Rainhas até ao

Por-

Era vulg. Porto, aonde ſe tinhaõ mandado eſquipar quatorze galés para a ſua viagem. Apartáraõ-ſe os Principes com as demonſtrações do maior agrado, e aportando o Duque em Bayona, ratificou com os Embaixadores o caſamento dos Principes, que foraõ em Heſpanha os primeiros chamados das Aſturias, e ſe recolheo a Inglaterra com a ſatisfaçaõ de haver dado Rainhas a Portugal, e Caſtella.

Eſta paz vantajoſa ás duas partes contratantes, o Rei D. Joaõ da ſua naõ a teve por menos feliz para os ſeus intereſſes. A conſideraçaõ, de que o Duque de Lancaſtro, já livre da guerra, era ſogro dos dous Principes concurrentes, elle a ſeu tempo naõ deixaria de ſer medianeiro para hum ajuſte raſoavel, e dar a ultima maõ á tranquillidade, que o Reino começava a poſſuir. Quando elle aſſim diſcorria, naõ deixou de aſſuſtallo a vinda repentina de ſeu irmaõ o Infante D. Diniz, que ſem ſabermos a aventura, com que elle ſe eſcapou da ſua priſaõ, nem como ſahio de Caſtella, por eſte tem-

po

po se apresentou em Portugal. Dissimulou o Rei todas as imagens, que no seu interior lhe podia delinear a concurrencia deste Infante nos seus Estados, e o tratou nos agrados como a irmaõ, na grandeza como a Principe. Em tal lance naõ podia a politica escusar-se de fazer os seus officios, e com ella delicada o Rei propôz a seu irmaõ a importancia de ir a Inglaterra em pessoa. D. Diniz, que naõ se via em estado de impugnar, houve de obedecer, e na viagem o prendeo hum Pirata de Bretanha, que o conduzio a esta Provincia com a esperança de hum resgate taõ importante, como era a pessoa.

Era vulg.

Naõ encontrou o Infante favoravel a seu irmaõ para obter a liberdade por seu meio. Os motivos saõ sacramentos de Reis, que em si mesmos os escondem. Neste desamparo elle naõ perdeo a firmeza, que lhe foi inseparavel no vigor das suas desgraças mais fortes. Occupado de huma confiança igualmente Christã, e heroica, elle naõ se fez tributario da melancolia profunda,

que

Em vulg. que os homens vulgares coſtumaõ pagar aos infortunios. A ſua virtude deo o Infante o lugar de força, e ella ſervio para lhe inſpirar os meios de ſe eſcapar das mãos do Pirata, aſſim como ſe ſalvou do poder dos Caſtelhanos, que tornou a buſcar para amparo.

CAPITULO III.

Renova-ſe a guerra com Caſtella, novas expedições de ambos os Reis.

COMO o caſamento do Principe das Aſturias naõ teve para a guerra mais conſequencia, que huma ſuſpenſaõ das armas: concluidas as negociações, o Rei ſeu pai ſahio a campo com hum pequeno exercito, que entrando pelo Condado de Niebla, invadio o Alem-Téjo, e fez huma preza importante nos Lugares abertos. Ao eſtrondo deſtas deſordens acodio o Condeſtavel, que bateo os Caſtelhanos com a fortuna coſtumada, e depois de vingar as deſolações, que elles tinhaõ feito na ſua

ſua Provincia, reſtituio a preza com uſuras avultadas. Em quanto o Condeſtavel andava ás mãos com os inimigos na raia do Alem-Téjo, o Rei ſem temor dos rigores de Janeiro, paſſou á de Galliza para ſitiar a Praça de Melgaço, que ainda eſtava por Caſtella. Acompanhou-o muita nobreza, e entre ella, D. Pedro de Caſtro, Joaõ Fernandes Pacheco, e o Prior do Crato.

Era vulg. 1388

Governava a Villa Alvaro Paes Sotomaior, que reſiſtio quinze dias com valor aos noſſos ataques. Em quanto o Rei formava hum Caſtello de madeira para aſſaltar os muros, foi aviſado, que alguns dos moradores de Salvaterra, do partido inimigo, ſe haviaõ levantado com a Villa, que lhe entregára D. Pedro de Caſtro. Deſtacou elle ao Prior do Crato com hum bom corpo de gente para fazer reentrar Salvaterra na ſua devoçaõ; mas o Prior encontrou a reſiſtencia taõ dura, que houve de ſe recolher ſem vaidade ao campo. Prompto o Caſtello para o aſſalto, aviſou El-Rei á Rainha, que eſ-

Era vulg. estava em Monçaõ, viesse assistir a elle. Ao mesmo tempo chegou o Conde de Neiva, que quiz logo mostrar aos inimigos, que se a prisaõ de Evora lhe represára, naõ lhe abatêra o valor. Os sitiados, tímidos, ou respeitosos, quizeraõ capitular, quando o Rei escandalisado da sua obstinaçaõ, determinava levallos á espada; mas rogado por Joaõ Rodrigues de Sá, teve por bem conceder-lhes pactos humildes.

Em Lisboa se entreteve o Rei até ao tempo mais opportuno da campanha, desejoso de acabar a conquista das Praças, que lhe restavaõ no Alem-Tejo. A occurrencia de outros negocios lhe impedio poder chegar a Estremoz, antes de Setembro, com designios de sitiar Olivença. O seu astuto Alcaide Mór, Pedro Rodrignes da Fonseca, entaõ desprevenido, arbitrou ganhar tempo enganando a El-Rei. Elle lhe enviou a dizer, que queria entregar a Praça, e mandasse pessoas, com quem ajustar a capitulaçaõ, que foraõ Alvaro Vasques Cor-

rea, e o Escrivaõ da Puridade, Gonçalo Lourenço. O Chéfe caviloso os entreteve o tempo, que lhe foi preciso para reforçar-se, e logo que se vio em estado de defensa, os despedio sem conclusaõ. Justamente se accendeo a cólera do Rei, que determinava desafogalla no Commandante descortez. Mas chegando á Praça o Infante D. Joaõ com hum grande reforço, pagou Campo Maior o crime de Olivença.

Era vulg.

O Rei se postou sobre ella, que tinha por Governador a Gil Vasques de Barbuda, primo do Mestre de Alcantara, Martim Annes de Barbuda; é sendo-nos vantajosos muitos ataques de partidas no campo, e os assaltos contra a Praça, nós a levamos no que se deo a 13 de Outubro. O Commandante se refugiou no Castello, aonde capitulou a entrega se no espaço de trinta dias naõ fosse soccorrido, e naõ o sendo, entregou o Castello, que El-Rei deo a Martim Affonso de Mello. Por meio da força foi livre do poder dos Castelhanos o resto destas duas

Por-

Era vulg. Provincias, aonde o Rei restabeleceo a tranquillidade, que ellas gozavaõ antes dos inimigos as invadirem, e voltou a Lisboa para assistir ás Cortes, que havia convocado; necessarias para deliberar os expedientes mais conformes ás faculdades dos Póvos, que haviaõ fornecer o necessario para os gastos de huma guerra, de que dependia a felicidade, e repouso do Reino.

1389 Depois desta Assembléa ser concluida, o Rei marchou para a Provincia do Minho; e porque o Rei de Castella receou, que o seu intento fosse invadir a Galliza, usou de dous estratagemas, que nada lhe aproveitáraõ. O primeiro foi propôr-lhe huma suspensaõ de armas, como preludio para ajustes da paz; mas as condições naõ só foraõ desavantajosas, senaõ que taõ pouco rasoaveis, que o Rei houve de romper a tregoa. O segundo consistio em ordenar a Paio Serodia, Governador da Cidade de Tuy, lhe escrevesse offerecendo a Praça, de que podia ir tomar posse, para que visse o modo

do, por que o podia prender. El-Rei lembrado do successo de Olivença, naõ crêo, nem desprezou o aviso; antes tendo concebido formar o sitio de Tuy, marchou com semblante de quem ao mesmo tempo hia acceitar a offerta, e atacar a Praça. As primeiras conferencias descobríraõ os intentos ardilosos do Governador, que picáraõ o Rei para sem demóra mandar abrir a trincheira, e bater a muralha. A Rainha partio do Porto a honrar o campo, que se esmerou nos combates animado da sua presença.

Era vulgi

Á voz que correo, de que o Rei de Castella vinha em pessoa soccorrer a Tuy, acodio o Condestavel, e com seis Galés de Lisboa o Doutor Joaõ das Regras, que estava recem casado com huma filha de Martim Vasques da Cunha. Mostrou o tempo, que nem o Rei, nem as pessoas a quem elle encarregou o soccorro de Tuy, que foraõ o Arcebispo de Toledo, D. Pedro Tenorio, o de Sant-Iago D. Joaõ Garcia Manrique, e o Mestre de Alcantara, Martim Annes de Barbuda,

se

Era vulg. ſe attrevêraõ a apparecer na noſſa preſença, e víraõ deſcarregado na ſua cabeça o golpe, que a fraude preparava contra a noſſa. Rendeo-ſe Tuy á violencia dos noſſos aſſaltos, e o perfido Governador, Payo Serodia, que ſe jurou vaſſallo de Portugal, pouco depois faltou á fé, e palavra, fogindo para Caſtella. El-Rei deo o governo da Praça a Gonçalo Vaſques Coutinho, e ſoube que a nova deſta conquiſta fez mudar de linguagem ao Rei inimigo. A apprehenſaõ que concebeo, de que ella bem depreſſa ſeria acompanhada de outras muitas, o determinou a relaxar as propoſições duras, que antes fizera, quando fallou em paz. Elle mandou hum Embaixador ao Rei, offerecendo-lhe huma tregoa por ſeis annos com a condiçaõ de lhe entregar Tuy, e Salvaterra no eſtado, em que ſe achavaõ, e que elle da ſua parte reſtituiria Noudar com o terreno, que lhe tocava. Conſentíraõ ambos os Principes na tregoa, que foi publicada neſte meſmo anno de 1389 em que fallamos.

Eſ-

Eſtranháraõ em acto de Cortes eſte ajuſte os Caſtelhanos, que nellas ſoltáraõ mais as linguas, do que deſembaraçáraõ as mãos nas occaſiões; que reduzíraõ o ſeu Rei ao eſtado de infeliz. Animados de hum zelo, ſenaõ indiſcreto, demaſiadamente vivo, em plena Aſſembléa reprehendêraõ o Principe de quanto acabára de obrar com o Duque de Lancaſtro, que ſervindo-ſe de hum direito quimerico á Coroa de Caſtella, ſe lançava do lado dos ſeus inimigos para a eſpoliar das ſuas riquezas em gratificações, em donativos, em pensões: que elle Rei fora a unica cauſa da perda da batalha de Aljubarrota; e de ſenaõ ganhar Lisboa: que eſtas duas expedições eſgotáraõ Caſtella de homens, e dinheiro. Em fim, levantando mais o tom, elles concluíraõ, que conformes com a honra, e a politica, naõ podiaõ conſentir em huma tregoa taõ injurioſa, como elle acabava de ajuſtar com Portugal, inteiramente oppoſta aos titulos juſtos, claros, evidentes, que elle tinha ſobre a ſua Coroa. O Rei naõ

Era vulg.

Era vulg. naõ teve outro meio para cohibir tanta audacia, mais que com a affectaçaõ de huma pouca de authoridade, que fizesse temer os effeitos della, aos que se aproveitavaõ da desgraça para a fortificar em garante das demasias.

Muito poderoso he o caracter de hum Rei, ainda nos abatimentos da fortuna, para se fazer respeitoso, e refrear os descommedimentos; mas no infeliz D. Joaõ I, de Castella este mesmo caracter naõ pode adoçar a inquietaçaõ do seu espirito por tantos modos agitado, que em si mesmo se reprehendia, quando meditava nos insultos, a que se abandonára. A alta Providencia lhe atalhou os designios, e as desgraças, tirando-lhe repentinamente a vida em Alcala de Henares a 9 de Outubro deste anno, da quéda de hum cavallo, que precipitando-se de hum despenhadeiro, o esmagou debaixo de si, tendo reinado onze annos. Em idade menor lhe succedeo seu filho D. Henrique, e da Rainha D. Leonor, que naõ podia ter sobre Portugal as mesmas pretenções de seu pai, que

naõ

naõ deixou filhos da Rainha D. Brites. Era vulg.
Accidente, que reduzio Castella á si-
tuaçaõ de tomar novas medidas. Ella
se applicou a estabelecer o governo
do Principe seu Enteado com os Tu-
tores nomeados no Testamento do Rei;
que eraõ D. Pedro Tenorio, Arcebis-
po de Toledo, D. Joaõ Garcia Man-
rique, Arcebispo de Sant-Iago, o
Mestre de Calatrava, D. Gonçalo Nu-
nes de Gusmaõ, o Mordomo Mór,
D. Joaõ Furtado de Mendoça, o Mar-
quez de Vilhena, e o Conde de Nie-
bla.

El-Rei D. Joaõ acabava de obter
do Papa Bonifacio IX. a erecçaõ da Ca-
thedral de Lisboa em Arcebispado,
quando as inquietações domesticas de
Castella inclinavaõ os animos ao ajuste
da paz com Portugal, ou ao menos
a humas tregoas firmes, que entaõ se
ajustáraõ por tres annos em Monçaõ
pelo Prior do Crato, D. Alvaro Gon-
çalves Camello, e pelo Chanceller
Mór, Lourenço Annes Fogaça, com
condiçaõ: Que cessassem de ambas as
partes as hostilidades por mar, e ter-

Era vulg. ra : que Portugal fizesse a entrega de Tuy, e Salvaterra; que Castella restituiria no Alem-Téjo Noudar, Olivença, e Mertola; na Beira Castello Melhor, Castello Mendo, e Castello Rodrigo: Tratado; que ratificárao ambos os Monarcas, e depois foi prorogada a tregoa a quinze annos, como diremos adiante; porque agora vamos a tratar da

FAMOSA

Expediçaõ dos doze Cavalleiros Portuguezes, que foraõ a Inglaterra desaggravar as Damas offendidas por outros tantos Cavalleiros Inglezes.

CONTA-SE que a formosura, ou que a fama de doze Damas Inglezas, na presença de algumas do Paço, fora amolgada pelos saynetes picantes de outros tantos Fidalgos, que sem escrupulo a esta sórte de sacrilegio, se arrojárao a proferir, que elles sustentariaõ em campo contra quem as quizesse defender, que as Damas naõ

estaõ formosas, ou que abusavaõ da gentileza. Qual das duas injúrias sería no seu conceito mais enorme, só ellas teriaõ acçaõ para o resolver. Huma dellas, ou ambas juntas, tanto perturbáraõ a sua serenidade, que cobertos de horror aquelles Ceos, clamáraõ ao Duque de Lancastro lhes nomeasse Cavalleiros, que segundo o estylo do tempo, as defendessem do insulto arrogante dos seus profanadores. Elle lhes nomeou doze bravos Portuguezes, que conhecêra no nosso Reino; insinuando-lhes, que cada huma escrevesse ao que lhe sahisse nas sórtes, que deviaõ tirar; bem certas, que encontrariaõ officiosos no seu obséquio homens de huma naçaõ, que sendo nas ternuras Adonis, em lances destes os achariaõ Martes cobertos de ferro, respirando furores.

Era volg

Assim o fizeraõ as Damas, que tirados por sórte para defensa de cada huma seu Cavalleiro, escrevêraõ a Alvaro Gonçalves Coutinho, de alcunha o *Magriço*, filho do Marichal Gonçalo Vasques Coutinho; a Alvaro Vaz

Era vulg. de Almada; a seu sobrinho Alvaro de Almada; a Lopo Fernandes Pacheco, irmaõ de Joaõ Fernandes Pacheco, que logo veremos abandonar o seu Rei, e ir para Castella ser o Chéfe da grande casa dos Duques de Escalona: a Pedro Homem da Costa; a Joaõ Pereira, sobrinho do Condestavel; a Luis Gonçalves Malásaya; a Alvaro Mendes Cerveira; a Ruy Mendes Cerveira; a Ruy Gomes da Sylva; a Sueiro da Costa, que servio ao Infante D. Henrique nos seus descobrimentos, e a Martim Lopes de Azevedo, que teve lugar distinto em feitos grandes: Pedindo-lhes quizessem tomar á sua conta o desaggravo de Damas offendidas, que fiavaõ dos seus peitos generosos a satisfaçaõ de huma injúria transcendente a todas as bellezas, que lhes pediaõ passassem a Inglaterra para com as gentilezas das suas acçöes as deixarem a ellas mais brilhantes, e fazerem a heroicidade dos seus espiritos mais luminosa.

Vinhaõ estas cartas acompanhadas de huma do Duque para El-Rei, em

que

que lhe pedia licença para os feus vaf- Era vulg.
falos fazerem a jornada, que logo em-
prehendêraõ, embarcando onze no
Porto, e o Magriço por terra, dan-
do palavra aos companheiros de fe
achar com elles no dia marcado para
o combate, que era o do Efpirito San-
to. Chegáraõ a Londres os onze aven-
tureiros; mas a falta do Magriço,
entre todos o mais célebre, pertur-
bou a fua Dama, que fe fentia fem
Athleta, que lhe fuftentaffe o campo.
Todos lhe affeguráraõ, que Magriço,
fó faltando-lhe a vida, lhe faltaria;
que nefte cafo todos elles, e cada
hum de per fi feria feu manutendor.
Chegado o dia do defafio, apparecê-
raõ pompofos os doze Inglezes acom-
panhados dos feus parentes, e amigos:
do lado oppofto, naõ menos magni-
ficos, fahíraõ os Portuguezes conduzi-
dos pelo Duque de Lancaftro com to-
dos os Officiaes da fua Cafa.

Já o terreno eftava marcado, e ti-
nhaõ tomado affento os Juizes efpe-
rando o ponto de inveftir, quando
hum grande ruido fez final, de que
che-

Reg. vulg. chegava outro Cavalleiro. Era elle o Magriço, que vencidos grandes trabalhos na sua marcha, vinha rompendo a multidaõ do Povo: entrou na estacada: levantou a viseira para ser conhecido: occupou o lugar, que lhe tocava: alvoraçou-se a sua Dama: admittíraõ-no os Juizes, e começou vistoso o combate. Investíraõ-se ao mesmo tempo os vinte e quatro com impeto taõ formidavel, que fez palpitar os corações dos Expectadores, e nos primeiros encontros despedaçadas as lanças, tiráraõ pelas espadas. Durou horas a peleija, em que se víraõ dar golpes horrendos; descançando alguns intervallos os braços para se alentarem os brios, que voltavaõ mais furiosos á contenda. Já os Inglezes naõ podiaõ tolerar o impulso dos Portuguezes, e alagados no proprio sangue, foraõ largando o campo, e a victoria. Esforçáraõ os nossos os pulsos, quando se principiava a declarar o triunfo, que se consummou com o destroço total dos Inglezes, com os vivas do Duque de Lancastro, com o agradecimento

das

das Damas, que se víraõ vingadas por humma fineza, que naõ tendo nella parte o amor, a heroicidade era a sua origem.

Era vulgar.

Alguns dias se detiveraõ em Londres os bravos Aventureiros, honrados pelo Rei, e o Duque, regalados das Damas, attendidos de todos, e no fim delles, nove voltáraõ para a Patria; tres, que foraõ o Magriço, Alvaro Vaz de Almada, e outro, que ignoramos quem fosse, passáraõ a outras Cortes, aonde obráraõ proezas, que os fizeraõ dignos das memorias. Alvaro Vaz de Almada foi tanto do agrado do Rei de França, que o fez Conde de Abranches, e por anthonomasia lhe chamavaõ o Hercules Hespanhol, como mostrou nos alentos, com que espirou na batalha de Alfarrobeira, acompanhando ao Infante D. Pedro, e desempenhando a palavra, que lhe deo de morrer com elle.

CA-

Ess. vulg.

CAPITULO IV.

Da tregoa de quinze annos, que se ajustou entre Portugal, e Castella, desgostos do Condestavel, e da Nobreza com El-Rei.

1392 COMO estava espirando a primeira tregoa dos tres annos antes ajustada, os Tutores de D. Henrique de Castella, com o parecer de todos os Grandes, cuidáraõ em protogalla para a Monarquia restituir as suas perdas a beneficio da paz, que mostrára a sua formosura nos dous annos precedentes. Vieraõ com este fim por Plenipotenciarios a Portugal D. Joaõ, Bispo de Siguença, Pedro Lopes de Ayala, e Antonio Sanches, que depois de conferirem com o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, e com o Doutor Joaõ das Regras, naõ estando as cousas ainda nos termos da conclusaõ da paz absoluta, ajustáraõ huma tregoa por quinze annos, com condiçaõ: Que o Rei de Castella restitui-

tuiria a Portugal as duas Praças de Miranda, e Sabugal: que de huma, e outra parte seriaõ restituidos os prisioneiros no espaço de seis mezes: que o Rei de Castella naõ protegería, nem daría socorro ás pretenções, que a Rainha D. Brites, os Infantes D. Joaõ, e D. Diníz, ou seus herdeiros tivessem á Coroa de Portugal; e que para segurança do tratado se dariaõ refens mutuos, que foraõ Fidalgos illustrissimos de ambas as partes, além dos filhos dos Cidadãos honrados das duas Monarquias.

Era vulg.

1393

Ainda que estas condições parecêraõ duras ao Conselho de Castella, com ellas se conformou a pluralidade dos votos, que entendeo ceder algumas vantagens, antes que arriscar outras maiores na continuaçaõ da guerra. Os Authores desta Naçaõ, sempre attentos a tirar huma especie de glória das suas mesmas confusões, attribuem as nossas vantagens neste Tratado á conjuntura dos tempos, á menoridade do Rei, á desordem dos seus Tutores: tudo idéas para abaterem a

re-

Era vulg. reputaçaõ dos nossos triunfos, que os reduzio a estado de acceitar huma paz taõ vergonhosa. Logo que ella foi publicada com as formalidades requisitas, o Rei D. Joaõ mostrou a sua magnanimidade em ser o primeiro na execuçaõ das condições, especialmente na da liberdade dos prisioneiros. Elle os fez tratar com tantas maneiras de civilidade, conduzillos á fronteira com tal segurança, e cómmodo, que foraõ semeando por Castella elogios da pessoa do Rei, que com modos generosos, tanto de obrigar, ordenára a politica, que com elles se usára. Tudo pelo contrario se praticava em Castella a nosso respeito, de que a seu tempo veremos as resultas.

Pouco foi o que durou ao Rei o gosto desta felicidade, que vio perturbada pela divisaõ, que o espirito de discordia introduzio em hum grande número de Fidalgos, que tiveraõ na sua testa ao Condestavel fazendo a primeira figura: Aquelle homem, que em tantos annos, com fidelidade sem parelha; que em occasiões immensas

ar-

arriscára a vida pelo seu Rei; agora, Era vulg.
se naõ rompeo os limites da moderaçaõ, em injúrias, que entendeo da honra, naõ pode reprimir o resentimento. O Condestavel, que o Rei estimava como seu amigo intimo; que olhava como columna firme da sua Coroa, tinha recebido deste Principe todas as demonstrações de amizade, e de reconhecimento, que elle podia desejar. Todo rodeado de honras, todo cheio de beneficencias, o Condestavel se via o homem mais rico, o mais consideravel do Reino. Estas ventagens, que só pelo que saõ em si, daõ hum relevo brilhante a quem as possue; ellas se sustentavaõ sobre o merecimento, e virtudes, que tinhaõ ganhado para o Condestavel todos os corações, a generalidade dos agrados, a inclinaçaõ toda da gente de guerra.

Entendeo elle, que o ajuste de huma tregoa taõ longa, havia produzir a desejada paz. Quiz descançar á sombra della; e ao exemplo do Rei, que lhe déra tanto, se resolveo a remunerar as pessoas, que tinhaõ sido insepa-

Esp. vulg. raveis da sua fortuna, repartindo por ellas, á proporçaõ das suas qualidades, e merecimentos, o grande número de terras, que o Rei lhe deo por gratificaçaõ. Elle chamou esses homens dignos da sua attençaõ, que no serviço, que lhe haviaõ feito, muito mais servíraõ a Patria; e destribuio por todos elles Evora Monte, e as suas rendas; Monte-Alegre com as terras de Barroso; Chaves com os seus rendimentos; Arco de Baulhe; Alonquer; o Rabaçal; Alter do Chaõ, Villa Alva; Villa Ruyva; a Alcadaria Mór, e rendas de Estremoz, com as de Villa de Frades, de Monte-Mór, o Novo, de Almada, de Rio Maior, de Borba, de Porto de Mós, e de Monfarás, com outras muitas rendas, quintas, e propriedades, com que enríqueceo vinte e hum homens benemeritos das suas, e das Reaes attençoẽs.

Todos os espiritos sem paixaõ, que conheciaõ a candura de D. Nuno Alvares Pereira, derramáraõ sobre esta acçaõ os elogios, que ella na realida-

de

de merece, com tanto de ſublime, quanto tem de pouco imitada. Porém a inveja de dous emulos a eſcolhêraõ para materia de ſua detracçaõ. Murmurou-a o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, que ſe agora fallaſſe menos, naõ ſería trahidor taõ feio ao depois: notou-o o Doutor Joaõ das Regras, que em tudo fazia grande figura do tempo de Impoſtor audaz nas Cortes de Coimbra atégora, e ambos em hum corpo repreſentáraõ ao Rei: Que o Condeſtavel no que obrava, ſe eſquecia que era vaſſallo: que a ſua liberalidade era deſobediencia, era ambiçaõ, era competencia com a Mageſtade: que elle ſe contrafazia em Principe, diſpondo das terras, de que era uſo fructuario; independencia intoleravel, com que ſe queria conſtituir hum arbitro das Leis: que aſſim ſe faziaõ creaturas, ſe trazia á devoçaõ particular a gente de armas, que o Rei naõ podería domar quando quizeſſe: que o meſmo Condeſtavel com a ſua politica lhe eſtava enſinando a juſtiça, com que a-

Era vulg.

el-

Era vulg. elle, e aos mais Fidalgos devia tirar as terras, que lhes déra; derrogaçaõ licita no tempo da paz, por serem mercês feitas no da guerra.

Destas, e outras semelhantes razões apparentes, que Joaõ das Regras tecia com destreza, e mais a respeito do Condestavel pela sua natural antipathia contra elle, o Rei se deixou tocar para cahir na unica injustiça, que se lhe nota na sua vida larga. Elle attento á conservaçaõ dos Infantes seus filhos, que foraõ as imagens, que a astucia retocou com cores mais vivas: por outra parte sentindo no fundo do coraçaõ a amizade sincéra do Condestavel; as muitas, e fórtes próvas, que este lhe havia dado de inclinaçaõ á sua pessoa, de zelo na sua proclamaçaõ; a divida aos Grandes, e aos Militares, que lhe pozeraõ, e sustentáraõ a Coroa: todas estas idéas atormentavaõ o Rei para se resolver; se a favor dos filhos, contrario aos vassallos; se favoravel aos vassallos, opposto aos filhos. Cedeo em fim a obrigaçaõ á natureza, e foi determina-

naõ, que os Fidalgos restituissem á Coroa as terras, que possuiaõ? Já a lisonja, que naõ sabe contradizer quando teme, ou depende, havia inclinado a maior parte dos convocados á presença do Rei a approvar como justa a resoluçaõ suggerida: mas o Condestavel, que navegava rumo opposto ao da gente, que naõ sabe unir o humilde com o fórte, o respeitoso com o resoluto, lhe representou:

Era vulgã

1394

Que as terras, e rendas, que elle recebêra da maõ Real, naõ foraõ só lances de generosidade, senaõ premio de huns serviços ao mundo taõ notorios, como eraõ os seus: Que elle nada pedíra, nada requerêra, tudo Sua Alteza lhe déra; mas que depois de possuir, era injustiça largar: Que essas que deixou aos que bem servíraõ, mais resultava em glória sua, que em applauso delle, quando confessasse o mundo, que tinha hum vassallo, que remunerava aos que serviaõ o seu Rei com as mesmas mercês, que delle recebia para o servírem melhor: Que tanto o que lhe ficára, co-

mo

Era vulg. mo o que déra, elle naõ podia já largar, nem vender; o que tinha, porque lhe era neceſſario, o que dêra, porque eſtava dado: Que ainda no caſo de poder deixar algumas das terras, que poſſuia, nunca o faría a titulo de venda, por naõ cahir em huma infamia; que ſe a iſſo o forçaſſem, ſe faría huma injuſtiça: Que a materia pedia mais ponderaçaõ, que aquella que fizéraõ os ſuggeſtores de ſemelhante novidade, que hum Rei taõ juſto havia bem pezar para bem ſe reſolver, porque a materia era mais importante á ſua reputaçaõ, que á ſua fazenda.

Naõ goſtou El-Rei da repreſentaçaõ do Condeſtavel, que deſta vez foi vencido pelas intrigas dos ſeus inimigos, e mandada obſervar a Ordenaçaõ ſem fazer eſpecie a ſua queixa. Retirou-ſe para Eſtremoz deſgoſtado, e cheio de reflexões eſte grande homem. Naõ gaſtáraõ nellas o tempo para venderem as Villas, que o Rei lhes déra, Martim Vaſques da Cunha, e Lopo Vaz ſeu irmaõ, Joaõ Fernandes Pa-

checco, Egas Coelho, e outros Fidalgos menos delicados, que o Condestavel, desde logo resolutos a abandonar a Patria, e passarem a Castella a receber os grandes premios, com que estabelecêraõ muitas das mais illustres, e oppulentas Casas daquella Monarquia. Em Estremoz rodeáraõ ao Condestavel os seus amigos, os mesmos que elle beneficiára, e lhe protestáraõ, que sentiaõ muito menos a perda dos seus bens, que a violencia feita a hum homem do seu merecimento. Elles se lhe offerecem para o seguir em todos os destinos; e entaõ o Condestavel lhes declára o seu respeito profundo para com o Rei; o sentimento, que tinha de naõ poder obedecer-lhe; mas que a sua honra estava taõ vivamente offendida, que naõ podia escusar-se com taõ bons companheiros de ir viver a outro Reino, com tanto que apartassem de si o espirito de rebelliaõ; que sempre respeitassem as ordens do Rei, e entendessem que quanto elle obrava, era effeito dos máos conselhos, que lhe déraõ.

Era vulg.

Era vulg 1395

Chegou ao Porto, aonde El-Rei eſtava, a noticia, de que o Condeſtavel com a ſua gente ſe preparava para ſahir do Reino. Eſte Principe a ſentio á proporçaõ do affecto, que tinha a tal vaſſallo, e deſattendendo as ſuggeſtões, que o calumniavaõ de deſobediente com injúria da Mageſtade, mandou a Ruy Lourenço, Deaõ de Coimbra, foſſe inſpirar a D. Nuno ſentimentos diverſos aos que elle concebia; que elle queria imitar ao Rei D. Diniz, que rogára a hum vaſſallo, como Domingos Annes Jardo, rogando a outro como D. Nuno Alvares Pereira, que o naõ deſamparaſſe. Entre muitas dexteridades, que o Deaõ ſoube metter em uſo, foraõ as mais preſſantes a conſideraçaõ das infelicidades, a que a Pátria ficava expoſta com a ſua auſencia: que os inimigos viriaõ aballar o Rei no Throno a que ſobíra, porque elle á ponta da ſua eſpada lhe franqueára o caminho: que o primeiro ponto da ſua honra era naõ deſiſtir da empreza de firmar a Coroa na cabeça do Principe, que o amava,

e

e ſempre delle fora amado. Attento ouvio o Condeſtavel ao Deaõ ; mas naõ deſiſtio do projecto, officioſo ao Rei, ſenſivel á conjuraçaõ dos ſeus emulos.

Era vulg.

O Rei, que o eſtava muito mais na imaginaçaõ da perda de hum Heróe completo, que os Seculos produzem esforçando-ſe, repetio as inſtancias pelo Meſtre de Avís Fernaõ Rodrigues de Sequeira, logo por D. Joaõ, Biſpo de Evora. O mais que conſeguio delle o ultimo, foi dizer-lhe, que penſaría bem, e aviſaría a El-Rei. Elle lhe enviou a reſpoſta por ſeu tio Martim Gonçalves do Carvalhal, por Lopo Gonçalves de Eſtremoz, e depois appareceo na Corte. Já mais ſe ſoube o que paſſou nas conferencias particulares, que elle teve com El-Rei. O que ſoou em público foi, que o Soberano tomaría a ſi os vaſſallos, que eraõ dos Fidalgos, de ſórte que ſó elle os tiveſſe: que naõ ſe lhes prohibia terem o meſmo número de trópas, que o Rei ſe encarregava de lhes pagar: que as terras do Condeſtavel de juro herdade, as poſſuiſſe; mas que as

1396

E ii que

Era vulg. que dera, o Rei poderia comprallas, ficando obrigado á remuneraçaõ dos ferviços, como logo executou por meio de muitas mercês. O Prior do Crato, e o Doutor Joaõ das Regras naõ poderiaõ goftar deftas modificações, que derrotavaõ as fuas idéas, tranftornadas com o Condeftavel attendido, para com elles defgoftado.

Concluido efte negocio de tantas confequencias, e fendo paffados tres annos depois do ajufte da tregoa com Caftella, o feu Monarca, bem longe de ufar de huma exactidaõ femelhante á do Rei de Portugal na obfervancia dos Artigos, detinha muitos dos noffos prifioneiros com o mefmo rigor do tempo da guerra, e mandára a vários para Aragaõ, e outras terras mais diftantes: procedimento, que defgoftou muito a El-Rei, e o forçava a tomar medidas naõ menos violentas. Com tudo, antes de defcobrir os feus fentimentos, mandou a Joaõ de Alpoem foffe em feu nome queixar-fe ao Rei, e perfuadillo a cumprir a fua palavra. Nenhum effeito produzíraõ as vi-

vivas representações deste Ministro, Era vulg.
que justamente estimuláraõ El-Rei para naõ occultar mais o seu resentimento; mas ainda moderado, antes de romper a guerra, quiz valer-se do direito de reprasalia; apoderando-se por sobpreza de alguma das Praças fortes da fronteira, que lhe servisse de garante ao cumprimento dos ajustes mal observados. Em Viseo consultou El-Rei as suas intenções com Martim Affonso de Mello, que se offereceo a metter na sua obediencia Badajóz, ou Albuquerque.

Com felicidade cumprio Martim Affonso a promessa por meio de Gonçalo Annes Caçaõ, hum Portuguez valeroso, que estava refugiado em Badajóz. Elle o attrahio facilmente; e resoluto á empreza Gonçalo Annes, com hum bello estratagema enganou hum dos porteiros para várias noites o esperar fóra das pórtas, e ajudar a conduzir cargas de trigo, que entre si repartiaõ, dizendo as vinha buscar a hum celleiro sobterraneo, que descobríra na fronteira, e lho dava Martim

Af-

Era vulg. Affonſo. Na noite premeditada ſahio eſte Fidalgo com a ſua gente de Campo Maior; Alvaro Coitado, Vaſco Lourenço Marinho, e outros com a de Elvas, e Olivença, que poſtáraõ em parte aonde inveſtiſſem, quando o Caçaõ deſſe ſinal. Levavá eſte as ſuas cargas coſtumadas, que o porteiro eſperava em diſtancia da pórta, a que os noſſos corrêraõ de galope, e ſem perda de hum homem, ſe fizéraõ Senhores da Praça, aonde prendêraõ o Governador Affonſo Sanches, o Biſpo, e Garcia Gonçalves Grijalva, que naõ pode ſalvar-ſe em Badajóz, como eſcapou de Aljubarrota. Foi executada eſta ſobpreza a 12 de Maio deſte anno, e a ella ſe ſeguio o rompimento da guerra.

CA-

CAPITULO V.

Era vulg.

Rompe-se a guerra com Castella, e alguns grandes Fidalgos desgostados fogem para este Reino.

NAÕ era a intençaõ do Rei na tomada de Badajoz romper com Castella, senaõ obrigar por este meio o seu Rei a cumprir os artigos do Tratado da tregoa. Assim lho mandou elle intimar pelo seu Plenipotenciario Affonso Vasques, Comendador de Orta Lagoa, assegurando a restituiçaõ de Badajoz, tanto que elle enchesse as condiçoẽs referidas. D. Henrique nada respondeo a este respeito, sendo-lhe todas as vozes necessarias para se queixar do attentado comettido sobre huma Praça no meio da paz, que elle naõ podia deixar de tomar como rotura de guerra; e como o seu fim principal era ganhar tempo para se prevenir, mandou hum Ministro a Portugal, que se explicou nos proprios termos, que elle fizéra a Affonso Vasques, e que em quan-

Era vulg. quanto á obſervancia do Tratado, iſſo era negocio, que tinha mudado de natureza em razaõ do golpe, que ſobre elle deſcarregára o Rei; e neceſſitava de novas convenções por meio de arbitros. Em quanto ſe levavaõ, e traziaõ eſtes recados, alguns navios de Biſcaya nos tomáraõ no Cabo de S. Vicente duas náos, que vinhaõ de Genova; e os Miniſtros, avançando a negociaçaõ na noſſa Corte, conſeguíraõ, que Martim Vaſques da Cunha, e ſeus irmãos, homens de taõ alta qualidade, declaraſſem com a ſua fugida para Cáſtella o ſeu reſentimento contra o Rei deſde as Cortes de Coimbra; agora pela uſurpaçaõ das terras, que ſe lhes tinhaõ dado.

1397 Eſte exemplo pernicioſo dos Cunhas levou apôs ſi outros muitos homens ſemelhantes, que armados contra a Patria, vingáraõ nella os motivos particulares da ſua queixa. O Rei D. Henrique eſtimou tanto eſtes hoſpedes, que os mandou logo com o Condeſtavel D. Ruy Lopes de Avalos entrar em Portugal pela Provincia da Beira, que deſ-

destruírao até Viseo, deixando reduzida a cinzas esta Cidade. Chegárao os éccos tristes destes estragos a Santarém, aonde se achava o Rei, que necessitou de toda a sua constancia para sopportar a escusa de todos os Fidalgos, que nao quizérao servir no exercito, e até o Condestavel sendo chamado, respondeo: Que elle já nao podia ser-lhe necessario, quando tinha comsigo tantos Cavalleiros, que o aconselhavao, e o serviao melhor. Porém o zelo, e amor da Patria neste Heróe sobresahia tanto aos seus estimulos, que mostrou a violencia da resposta com a pessoa, que veio offerecer em Santarém para entrar de novo nos perigos. El-Rei o recebeo fóra da Villa com os agrados, que em hum provinhao da necessidade, para o outro erao divida do merecimento.

Era vulg.

Quando o Condestavel se dispunha para ir buscar o inimigo na Beira, e teve aviso de se haver retirado, soube que o Mestre de Sant-Iago D. Lourenço de Figueiroa fazia no Alem-Téjo até Alcacere do Sal o mesmo,

que

Era vulg. que o Condeſtavel Avalos acabava de uſar na Beira. Eſta noticia o levou a accodir ao Alem-Téjo, que já achou deſaſſombrado dos inimigos. Em Arrayolos foraõ informados o Rei, e o Condeſtavel da perfidia do Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camelo, Marichal do Exercito, que naõ foi logo prezo, porque D. Nuno deſpicou as queixas, que tinha ſuas, em rogar por elle a El-Rei. Depois ſe provou completamente a ſua trahiçaõ, e o prendêraõ em Evora, donde foi levado para Coimbra; mas fugindo da priſaõ, e vagando pelo Reino, o Rei lhe perdoou, e aggravando os crimes, ſe refugiou em Caſtella para uſar das novas induſtrias, com que conſeguio outro perdaõ.

Como os eſpiritos da nobreza andavaõ perturbados depois da privaçaõ das ſuas Villas, terras, e iſençôes, que tinhaõ ſido premio de avultados ſerviços, e agora a renovaçaõ da guerra lhe abria a porta para dar entrada á infidelidade ſem temor da infamia: muitos Fidalgos, com Joaõ Fernandes

Pa-

Pacheco, Egas Coelho, e Joaõ Affonso Pimentel na sua frente, foraõ entregar ao Rei de Castella, naõ só as pessoas, mas as Villas, e Praças, que governavaõ: expediente com que nos tiráraõ a dúvida, de que o seu retiro coberto com a voz de queixosos, na realidade era de trahidores. O sentimento da perda de taes vassallos fez conhecer ao Rei o erro dos conselhos de Joaõ das Regras, e do Prior do Crato, este já conhecido inconfidente, o outro hum invejoso; mas no meio destas infelicidades, o seu grande coraçaõ naõ desistio da entrada, que determinava fazer em Castella para restaurar a Praça de Tuy, que havia cedido pelo Tratado da trégoa. Elle se moveo com quatro mil lanças, e muita Infantaria a passar o Minho, aonde chegou o exército de noite, e como se fosse formado da gente mais bisonha, sem acordo, nem discernimento militar, se lançou ao váo, e errando o porto, miseravelmente se affogáraõ quinhentos homens, que o escuro impedio ser soccorridos.

Era vulg.

Era vulg.

Em quanto o Rei se dispunha para esta empreza de Tuy, de que logo fallaremos, o Condestavel, depois que se apartou delle em Santarém, fez huma entrada em Castella com o Mestre de Avís para despicar a invasaõ do Alem-Téjo. Desasete legoas de terra ficáraõ assoladas, e queimados os arrabaldes da Villa de Caceres com outros Póvos abertos. Depois sobreveio ao Condestavel huma dôr taõ vehemente, que movendo-lhe huma melancolia profunda, o fazia andar como atonito, ou frenético. Quiz Deos conservar esta columna de Portugal, quando cahiaõ as mais firmes; e restituido á sua saude, convocou a gente do Algarve, Alem-Tejo, e Estremadura para voltar á Castella, quando soube que o Mestre de Sant-Iago com exercito grosso se fazia prestes para o vir buscar em Portugal. Alvoroçou-se o seu espirito com esta nova, e sem perda de tempo escreveo ao Mestre, dizendo: Que á sua noticia chegava, como elle com as suas gentes o vinha buscar, quando da sua parte

te

te elle tinha os mesmos desejos: que o naõ fizéra por causa da sua doença; mas como estava melhor, e naõ queria dar-lhe incommodo, lhe pedia se deixasse estar quieto em sua casa, que elle já se punha em marcha a ir visitallo.

Era vulg.

O Mestre de Sant-Iago com este aviso pedio ao de Alcantara, e aos Fidalgos Andaluzes o reforçassem, e pelo mesmo trombeta respondeo ao Condestavel, que o esperava. Entrou elle por Castella com 7300 homens, que mandavaõ nos seus lugares respectivos Martim Affonso de Mello, D. Lourenço Esteves, Mem Rodrigues, e Gonçalo Annes de Abreu, e assim marchou até Villa-Boa, onde o inimigo se postava, que logo nos mandou intimar o dia do combate. O Condestavel alegre por encontrar tantos sentimentos de valor, e humanidade nos Senhores Castelhanos, lhes enviou a dizer pelo trombeta que se soubesse, que elles estavaõ no campo, se fizéra hum merecimento de os prevenir para o encontro, que desejavaõ, e elle iria bus-

car

Era vulg. car no ſeguinte dia, a frente dos ſeus meſmos alojamentos. Aſſim o praticou o Condeſtavel, que na ſua face eſteve de piquete dous dias, ſem que elles deſceſſem da vantajoſa poſtura da montanha para acceitarem o deſafio, de que tinhaõ feito paſſar palavra. Toda a corage do Meſtre de Sant-Iago ſe deſaſſogou em mandar ſatisfações ao Condeſtavel, deſculpando-ſe da violencia com que fizéra a ſua entrada no Alem-Téjo: que elle naõ queria dar-lhe batalha, e pedia que da ſua parte a ſuſpendeſſe, por ſer a ſua intençaõ hum ajuſte, ou huma tregoa taõ firme, que pareceſſe paz.

Tiveraõ os noſſos por eſtratagema as boas intenções do Meſtre, e reſoluto o Condeſtavel a inveſtillo, foi rodeando a ſerra, chegando-ſe ás ſuas trincheiras para vêr ſe de envergonhado o obrigava a ſahir dellas. O Meſtre lhe tornou ſegundo recado, para que os deixaſſe, e naõ quizeſſe mais gloria, que a adquirida naquelles tres dias com tanta affronta ſua; que lhe mandaſſe peſſoa habil, com quem conferir

ma-

materias importantes. Fernaõ Domingues, criado do Condestavel, foi o Emissario, que voltou com a reiteraçaõ dos protestos de paz, que o Mestre desejava, e da constancia firme de naõ sahir das trincheiras a combater. Com esta certeza retrocedeo o Condestavel para fazer no exercito a Procissaõ do Corpo de Deos defronte dos muros de Safra, visinho ao campo contrario, com admiraçaõ sua pelo socego de animo deste homem inimitavel. De Safra, e Burguilhos veio a Xeres dos Cavalleiros, rebanhando quanto apparecia em campanha taõ fertil, que lhe forneceo huma das prezas mais importantes, que entaõ se fizeraõ em Castella.

Era vulg.

El-Rei desgostado da perda das Villas de Bragança, Vinhaes, e Mogadouro, que os Fidalgos rebeldes, e fugidos entregáraõ a Castella, e muito mais da morte de tantos vassallos de valor affogados no Minho. Elle repassou este rio para exercitar a caridade nos seus suffragios, e enterro dos cadaveres, que appareciaõ nas suas margens,

Era vulg. gens, e o estimulavaõ a proseguir a empreza, senaõ por vingança, como resentimento. Outra vez vadeou o rio com mais cautela, e rendendo Salvaterra sem trabalho, appareceo sobre Tuy, que governava o mesmo Payo Serodia com muitos Fidalgos, presidio numeroso, e abundancia de provimentos para huma larga defensa. Elles a sustentáraõ com valor admiravel, e quanto da nossa parte cresciaõ os trabalhos, mais os sitiados dobravaõ o vigor para os arruinar nas sahidas frequentes, que emprehendiaõ. Esta mesma corage fazia, que a nossa obstinaçaõ se avantajasse á sua, e a diminuiçaõ das suas trópas começou a derramar o medo entre elles, obrigandoos a pedir soccorros ao seu Rei com a ancia de quem se achava no ultimo aperto.

Entaõ publicou o Rei de Castella, que elle vinha em pessoa soccorrer Tuy: que elle mandava invadir-nos pelo Infante D. Diniz, condecorado com o titulo de Rei de Portugal pela renuncia, que nelle fizera do seu direi-

to

to a Rainha D. Brites, e com elle to- dos os Fidalgos Portuguezes, que an- davaõ em Castella: que a sua armada naval vinha sobre Lisboa, e o Mestre de Sant-Iago passava a assolar o Alem-Téjo, para que o Mestre de Avís, atacado por tantas partes, desistisse do empenho temerario de querer ser Rei. Naõ foraõ imaginarios estes ameaços; porque estando o Condestavel no Alem-Téjo, teve aviso do Rei, para que marchasse a Tuy a acharse na bata- lha, que vinha darlhe o Rei de Cas- tella; e partindo de Monte-Mór para ajuntar a sua gente em Evora, lhe es- creveo da Beira o Governador da Pro- vincia, Gonçalo Vasques Coutinho, que o Infante D. Diniz havia feito nel- la grandes estragos; que naõ se demo- rasse em soccorrello. Ao mesmo tem- po lhe mandáraõ noticia, que o Mes- tre de Sant-Iago tinha ordem para en- trar no Alem-Téjo; que de Biscaya, e Sevilha entráraõ em Lisboa qua- renta e duas náos, e galés, man- dadas pelo Almirante D. Diogo de Mendoça, e com treze embarcações li- gei-

Era vulg.

Era Vulg. geiras, para assolarem as margens do Téjo.

Quando apparato semelhante poderia consternar qualquer espirito, o do Rei se mostrou taõ firme, que disse em público nada seria bastante para o fazer mudar a resoluçaõ da conquista de Tuy. O do Condestavel, revestido da sua natural constancia, a tudo quizera acodir, se a maior necessidade da Beira lhe permitisse divertir as forças; mas até para as unir encontrou difficuldades no desabrimento dos animos, que duvidavaõ arriscar-se tantas vezes sem premio, sem agradecimento, até sem sóldo do seu Rei. A esta última parte occorreo a generosidade de Martim Affonso de Mello, que da sua fazenda pagou ás tropas; as duas primeiras adoçou o Condestavel; e juntos estes dous Chéfes, que leváraõ comsigo o Prior do Crato, fugido da prizaõ de Coimbra para o reconciliarem com o Rei, se fizeraõ na volta da Beira, que o Infante D. Diniz com Martim Vasques da Cunha, Joaõ Fernandes Pacheco, e mais Fidalgos descontentes destruiaõ,

deixando viver as suas trópas á discri- Era vulg.
çaõ.

O Condestavel despedio de Castello-Branco hum criado seu com huma carta ao Infante, em que lhe dizia, que a noticia da sua vinda áquella Provincia com o titulo de Rei de Portugal, o trouxera a ella para lhe mostrar, que nelle se levantava hum testemunho: que vinha muito mal aconselhado por Portuguezes trahidores, por Castelhanos lisongeiros, e que o esperasse mais tres dias no campo, que elle já partia a fazello conhecer o seu engano. Naõ chegou esta carta á maõ do Infante, porque bastou aos Castelhanos ouvirem dizer, que D. Nuno Alvares estava na Provincia, para os obrigarem a retirar-se com precipitaçaõ a Castella. Com esta certeza ordenou a Martim Affonso fosse para Alem-Téjo esperar o Mestre de Sant-Iago, que tinha mudado de parecer; e por Lisboa estaria sem susto da armada, desfeito este grande apparato, que tinha suspensas as attenções, quando o Condestavel queria ir ajudar a El-

Era vulg. Rei no sitio de Tuy, soube do rendimento da Praça.

1398 Constante perseverou elle sobre as armas, em quanto o Condestavel se occupou nas expedições referidas, continuando os assaltos com hum vigor, que se naõ concebe. Informado, que o Mestre de Alcantara deixára a invasaõ do Alem-Téjo para se ajuntar com o Condestavel D. Ruy Lopes de Avalos, e que estavaõ huma legoa do seu campo; com tanta firmeza os esperou, que elles voltáraõ caras, e se abrigáraõ em Ponte-Vedra. Aqui se encontráraõ com o Arcebispo de Sant-Iago, D. Joaõ Garcia Manrique, sentido do seu Rei; por haver mandado prender o Duque de Benavente, D. Fradique, contra a palavra, que lhe déra: Resentimento taõ grande para o honrado Arcebispo, que veio para Portugal, aonde naõ só foi Bispo de Coimbra; mas gozou as honras devidas a taõ alta pessoa, ornada de qualidades illustres. Os da Praça sem esperança de soccorro, capituláraõ salvas as vidas. El-Rei entregou o gover-

no

no della a Lopo Vasques, Commendador Mór de Avís, e veio para o Porto, aonde o esperava a Rainha, e chegou o Condestavel para o congratularem da victoria. Era vulg.

1399

Succedendo ao Rei as cousas conformes aos seus desejos; feliz nas suas conquistas; cobertos de confusaõ os seus inimigos, o Rei de Castella já queria escusar-se a ser participante da desgraça de seu pai. Tanta impressaõ lhe fez a perda de Badajoz, de Salvaterra, e de Tuy, que para renovar a paz, rota por causa da sua pouca exactidaõ, mandou a Portugal com o caracter de Ministro ao Genovez Ambrosio Marini, que a propôz ao Rei. Este Principe lhe fez entender, que as idéas de seu Amo eraõ ganhar tempo para se reforçar, e renovar a guerra: que era da sua obrigaçaõ evitar este inconveniente, e nada acreditar, em quanto se lhe naõ dessem seguranças effectivas, mais firmes, que as passadas. Como as instrucções do Ministro naõ vinhaõ taõ amplas, que elle podesse decidir as dúvidas, que se

lhe

Era vulg. lhe propunhaõ; contentou-se com conseguir tres mezes de suspensaõ de armas para os dous Reis contratantes nomearem Plenipotenciarios, que tratassem as condições do ajuste. Em conferencias gastáraõ o tempo, da nossa parte o Bispo de Coimbra, e o Condestavel, da dos Castelhanos o Mestre de Sant-Iago com hum Jurisconsulto; mas sendo exorbitantes as propostas do seu Monarca, o nosso rompeo a negociaçaõ para continuar a guerra.

Elle ajustou com o Condestavel marcharem ambos na testa de quatro mil cavallos, e huma grossa infantaria a encher Castella de terror, e se lhe fosse possivel expugnar a Praça de Alcantara; conquista de importancia, que daria alta reputaçaõ ás nossas armas. A 15 de Maio se plantáraõ elles sobre a antiga povoaçaõ, que pela sua grandeza foi honrada pelo Imperador Trajano com o nome de Norba Cesárea, e mandou fabricar no Téjo, que a banha, a ponte famosa, que a illustra. Em quanto se avançavaõ os trabalhos, e abria a trincheira, tres

1400

cór-

córpos separados do exercito, hum que mandava o Condestavel, outro Martim Affonso, e o terceiro D. Lourenço Esteves, novo Prior do Crato, em lugar de D. Alvaro Gonçalves Camello, fugido para Castella, penetráraõ muitas legoas pelo interior do Paiz, e se recolhêraõ com todas as riquezas daquelles contornos, havendo sacrificado ao fogo as reliquias, em que naõ pode cevar-se a cubiça. Junto todo o exercito, se meditáraõ as impossibilidades da empreza; fosse pela falta das barcas para a nossa passagem; fosse pela Praça estar bem fortificada, e melhor defendida; fosse por naõ podermos impedir o soccorro, que em hum grande exercito lhe trazia o Condestavel de Castella, nós nos contentamos de assolar a fertil campanha visinha, que forneceo aos soldados huma importante preza, com que voltáraõ ricos para a Pátria.

Era vulg.

Assolações taõ lastimosas, e de duraçaõ taõ longa, obrigáraõ o Rei D. Henrique a pensar sériamente nas propostas, que havia fazer a Portugal pa-

ra

Era vulg. ra dar aos seus póvos huma paz perduravel. Entaõ renovou elle os poderes aos mesmos Plenipotenciarios, que ficaõ nomeados, que com effeito concluíraõ huma trégoa de dez annos; obrigando-se a entregar mutuamente as Praças a hum mesmo tempo; a naõ dar o Rei de Castella favòr a algum dos pretendentes á Coroa de Portugal, em prejuiso do Rei D. Joaõ; a ser geral o armenisticio ás duas Nações belligerantes, que restituíriaõ de ambas as partes os prisioneiros, ficando perdoados os que tivessem tomado as armas contra os seus Principes naturaes. Assim descançáraõ os espiritos das fadigas da guerra diuturna, restabelecida plenamente a tranquillidade nos dous Reinos, naõ havendo no de Portugal cousa memoravel no espaço dos dez annos desta trégoa, do qual daremos hum salto ao anno de 1411 com a noticia da paz geral, e de algumas providencias civís, que lhe precedêraõ, e se lhe seguíraõ.

CA-

CAPITULO VI.

Era vulg.

Trata-se da paz com Castella, e outros acontecimentos até a conquista de Ceuta.

A RAINHA de Castella D. Catharina, que era irmã de D. Filippa, Rainha de Portugal, anciosamente desejava que a trégoa concluida entre as duas Coroas fosse huma paz, que désse socego perpetuo a ambos os Póvos. No melhor destes desejos, e correndo o anno de 1406 falleceó seu marido o Rei D. Henrique; e ainda que este incidente mudou a face dos negócios, naõ fez mudança alguma nas intenções desta Princeza. Seu filho o Principe D. Joaõ ficou na idade de menos de dous annos, e naõ faltáraõ Grandes, que offereciaõ o Reino a seu cunhado, o Infante D. Fernando. Em nome delles lhe levou este recado o Condestavel D. Rui Lopes de Avalos, ingrato ao Rei defunto, que de simples Fidalgo particular o elevara ás honras mais subli-

1411

mes

Era vulg. mes de Castella. O Infante justo, e attento á Regencia do Principe seu sobrinho, que lhe ficára encarregada juntamente com a Rainha, repellio o sugestor, entaõ mais digno da Coroa, quando assim a regeitava. Deos lhe remunerou a equidade, fazendo-o Rei de Aragaõ; a seu filho D. Affonso Rei de Napoles; ao segundo filho D. Fernando Rei de Navarra, depois de Aragaõ, ao terceiro D. Joaõ pai de D. Fernando o Catholico, no qual todas estas Coroas, e a de Castella recaíraõ.

No quinto anno da Regencia da Rainha D. Catharina, que era o de 1411, com as mesmas condições da trégoa, ella a converteo em paz, que encheo ambas as Nações de alegria. Grande era o seu desejo, de que El-Rei se obrigasse por hum dos artigos a ajudar os Castelhanos na guerra contra os Mouros; mas elle assegurou, que estes soccorros ficavaõ ao seu arbitrio, e que nelles sería taõ effectivo, como as experiencias o mostrariaõ. Quiz a Rainha examinar a sinceridade desta offer-

ferta, e por huma carta cheia de attenções lhe pedio dez, ou doze Galés, que El-Rei lhe affirmou eftarem promptas com o refto das fuas forças, e à peffoa propria, quando os negocios de feu filho o neceffitaffem. Naõ fe approveitou a politica Caftelhana da candura defte offerecimento, como tambem o naõ fez a do Rei D. Henrique na propofta dos cafamentos das duas Coroas, a que fe inclinava feu irmaõ, o Infante D. Fernando, para firmar a paz por efte meio da uniaõ. O mefmo fuccedeo a refpeito do matrimonio da noffa Infante D. Ifabel, depois Duqueza de Borgonha, que quando fe tratava o ajufte com feu primo D. Joaõ II. de Caftella, o atalhou as tres mortes fucceffivas, do Rei D. Henrique, feu pai, a do Infante D. Fernando, feu tio, a de fua mãi a Rainha D. Catharina: que parece naõ queria entaõ a Providencia fe eftreitaffem em laços de amor as vontades de duas Nações, que havia tantos annos fe derramavaõ o fangue fem compaixaõ.

Era vulg.

El-Rei D. Joaõ, que com tanta glo-

ria,

Era vulg. ria, ſuſtentára na cabeça a Coroa ſem mais ſoccorros, que o do ſeu valor: vendo agora, que o Reino reſpirava a aura benigna da paz, poſtas em ſocego as armas, elle ſe applicou a illuminallo com muitos Regulamentos a beneficio da Juſtiça, e da Economia. A averſaõ natural, que concebêra aos homicidios, o arrebatava a perſeguir inexoravelmente eſtes flagellos das vidas humanas, proporcionando-lhes penas bem conformes á gravidade dos crimes. Como entaõ era grande a authoridade dos Senhores nas ſuas terras, e o uſo continuo das armas tinha neceſſidade de homens, elles amparavaõ eſtes facinoroſos deſtemidos, que devendo ſer olhados como inimigos da Republica, obrigáraõ o Rei a promulgar Leis ſevéras contra os Fidalgos, que lhes deſſem protecçaõ, e ordenar aos Magiſtràdos, que neſta materia tiveſſem huma vigilancia a mais exacta.

Depois do Rei aſſegurar aſſim a tranquillidade pública, ſe fez inſtruir em todos os impóſtos, com que nos an-

annos antes se haviaõ gravado os generos, especialmente os mais necessarios á vida, e os moderou de modo, que sem attençaõ ás suas utilidades, fossem ellas todas dos vassallos. Com a mesma equidade avanҫou o Patrimonio Real, que pelas muitas mercês dos Reis seus predecessores estava bastantemente diminuido, já por meio de compra, já por novas acquisições, a que precedia a gratificaçaõ dos benemeritos, que todos ficavaõ satisfeitos, e muitos com tanto excesso, que a economia se mostrava derrotada pela liberalidade. O Doutor Joaõ das Regras foi hum dos que teve a melhor parte nas graças da Corte. Este grande homem havia casado com D. Leonor da Cunha, filha herdeira de Martim Vasques da Cunha, e de sua mulher D. Constança, filha bastarda do Rei D. Henrique de Castella. Como Martim Vasques passou para este Reino, e perdêra os bens, que tinha em Portugal; o Rei o castigou com dar todos a sua filha, que era o mesmo, que elle podia desejar. Joaõ das Regras

Era vulg.

Era vulg. gras, taõ rico, e taõ honrado, teve de sua mulher unica filha a D. Branca da Cunha, que casou com seu tio D. Affonso de Cascaes, filho bastardo do Infante D. Joaõ, e neto do Rei D. Pedro, e da Rainha D. Inez, dos quaes tambem nasceo unica filha D. Isabel, mulher de D. Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto, que seguio na Casa dos Marquezes de Cascaes, extinta nos nossos dias.

Tanta beneficencia do Principe elle a acompanhava da grande affabilidade, com que honrava os seus aulicos, quasi sempre de hum ar taõ honesto, taõ condescendente, que só o respeito com que era tratado, o fazia parecer Rei. Tantos modos de obrigar traziaõ a todos satisfeitos, em igualdade de fortuna, proporcionada á virtude, a qualidade, o merecimento. Elle honrava os vassallos dignos, chamando-os pelos seus nomes, dando-lhes lugar na sua meza, e nos seus passeios. Inimigo da lisonja, os que lhe diziaõ, e sabiaõ dizer as verdades eraõ os depositarios dos seus segredos, os homens

do

do ſeu Conſelho. Quando eſta politica lhe inclinava os corações, a facilidade, que tinha em admittir as gentes; as audiencias frequentes, que lhes dava; a equidade das reſpoſtas, que percebiaõ, tudo eraõ huns quilates novos, que elle cada dia deixava vêr no caracter de Rei. Se as couſas, que lhe pediaõ, ſe deviaõ conceder, elle deſterrava a lentidaõ, que ſempre affligе aos que eſperaõ, e que deſmaia aos que tem razaõ para eſperar.

Era vulg.

Floreſceo no ſeu tempo a Juſtiça, ſem ſe dizer, que as ſolicitações, ou os donativos a corrompiaõ; e como os cargos ſe davaõ em remuneraçaõ dos merecimentos, aquelles que os occupavaõ, naõ ſe conduziaõ pelos caminhos eſcuros, e vergonhoſos, nem ſe propunhaõ outro fim na deciſaõ dos negocios, que o de julgar a favor do partido mais juſto, naõ attendendo para differir ao mais poderoſo, ou ao mais acreditado. Eſta maxima ſeguida nos Tribunaes, era a meſma da Corte, que eſcuſava os rógos aos que tinhaõ as qualidades dignas para occuparem

Era vulg. os lados do Principe; e como este conhecia os homens, rara vez se enganava nas eleições. Daqui lhe nascia a intolerancia ainda para as menores desordens daquelles, que serviaõ no Paço, de que he boa prova Fernando Affonso de Santarem, que cortejando com ternuras de amante huma das Damas da Rainha, a protecçaõ desta Senhora, o nascimento, e serviços de Fernando Affonso, nada bastou para elle deixar de morrer, e ella de ser desterrada.

Para dar segurança no futuro ao Tratado da paz com Castella, que pela menoridade do Rei D. Joaõ II. ainda naõ estava firmado por elle, e podia ser perturbado, em razaõ das morte da Rainha D. Catharina, e do Infante D. Fernando, Rei de Aragaõ, seus Garantes: Elle renovou com Henrique IV. de Inglaterra a mesma alliança, que fizera com Ricardo II., e com seu sogro, o Duque de Lancastro D. Joaõ de Gante, correndo o anno de 1404, pelos seus Embaixadores, Joaõ Gomes da Silva, e o Doutor

Mar-

Era vulg.

Martim Docem. Na eleiçaõ dos primeiros Ministros para o seu despacho brilhava igualmente a prudencia illuminada de El-Rei. O primeiro que elle nomeou depois de acclamado Regente, e Defensor do Reino, foi o Arcebispo de Braga, D. Lourenço Vicente, natural, e Senhor da Villa da Lourinhã, que estudando nas Universidades de França, e depois em Bolonha com o famoso Baldo, veio illustrar a Pátria com os seus muitos talentos: Prelado eminente, taõ digno da attençaõ Real, que quando se deo parte ao Rei da sua mórte, disse que perdêra hum dos olhos da sua cara. Ella foi taõ preciosa, como provaraõ os repetidos milagres, obrados no seu sepulchro, para serem indicios da sua santidade, assim como foi a do seu corpo incorrupto no anno de 1663 sem mais final da mortalidade, que vêr-se hum homem immovel, com os vestidos debaixo da terra taõ intactos, como lhos tinhaõ posto havia 266 annos.

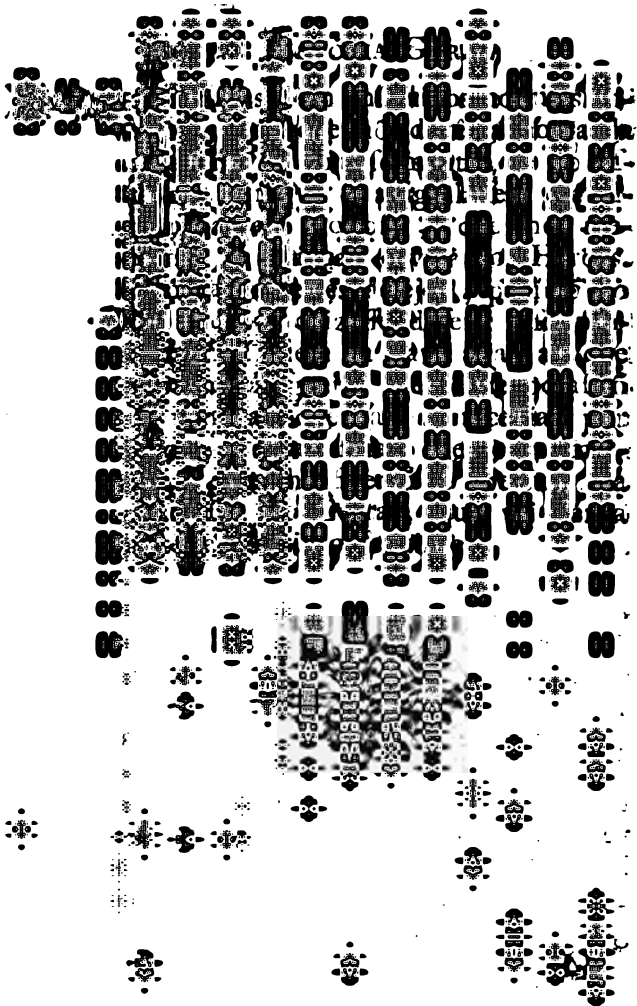
O segundo Ministro, que D. Joaõ

Era vulg. nomeou depois de Rei, foi Joaõ Affonso da Azambuja, que o Papa Joaõ XXIII. criou Cardeal do Titulo de S. Pedro ad Vincula, e de Santa Eudoxia, a trez de Junho deste anno, sendo nelle Arcebispo de Lisboa. Este Cardeal, foi filho de Affonso Esteves Cavalleiro, Reposteiro Mór del-Rei D. Pedro, Senhor de Salvaterra de Magos, e irmaõ de Joaõ Esteves, Alcaide Mór de Lisboa, chamado o Privado pelo ser dos Reis D. Pedro, e D. Fernando. Ainda que o appellido de Esteves era illustre, Joaõ Affonso quiz tomar o de Azambuja para enobrecer a Villa deste nome, sua Patria; e porque a reputaçaõ de seu pai tinha sido fructo de muitas acções heroicas, o merecimento do filho, collocado no Collegio dos Cardeaes, naõ lhe procurou gloria inferior. Elle governou successivamente as Dioceses de Evora, Porto, Coimbra, Lisboa, e fez terceira viagem á Italia, aonde foi hum dos Padres do Concilio de Pisa, que poz fim ao trabalhoso Scisma do Anti-Papa Pedro de Luna, que tantos

an-

annos molestára a Igreja. Voltando para Lisboa, o Cardeal fez caminho por Flandres para visitar a Duqueza de Borgonha, mas adoecendo em Bruges, falleceo a 23 de Janeiro de 1415 com estimaçaõ da Igreja, e do Estado.

Era vulg.

Como El-Rei tinha aproveitado o beneficio da paz em tantas acções illustres, e prudentes para a felicidade dos seus Reinos, e casado seus filhos naturaes D. Affonso com D. Brites Pereira de Alvim, filha unica do Condestavel, de que darei larga noticia, se Deos permittir, que chegue a escrever a successaõ a este Reino da Casa Real de Bragança, que delles descende, e de sua filha D. Brites com Thomaz, Conde de Arondel em Inglaterra. Elle entrou nos desejos de armar Cavalleiros os outros Infantes legitimos, que pelas qualidades heroicas das suas pessoas já se faziaõ dignos desta ceremonia honrosa, e indispensavel naquellas idades. Como ella regularmente naõ se practicava, senaõ em tempo de guerra, á face dos inimigos, ou depois de algum combate;

LIVRO XXIII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Das diſpoſições que precedêraõ á conquiſta da Cidade de Ceuta, em Africa.

1414

GOZAVA Portugal o beneficio de huma tranquillidade profunda, quando os Infantes propozeraõ a ſeu pai a conquiſta da Cidade de Ceuta, e os ſoldados, que tantos annos vivêraõ ricos com os deſpojos da guerra, coſtumados ás fadigas da campanha aborreciaõ o ocio, e com ardor naõ menos vivo deſejavaõ occaſiões de ſe aſſignalar pelas armas. O Rei, que depois de o ſer, ſe impôz a ſi meſmo a regra de nada emprehender ſem muita juſtiça, aſſentou que ella havia dar a reſpoſta ás razões, com que os Infantes o atacavaõ para condeſcender na empreza,

que

Era vulg. que pretendiaõ. Depois de ouvir sobre ella os votos dos maiores homens do Reino em sciencia, consciencia, e segredo; se resolveo a propôr as suas dúvidas aos filhos, e entre elles ao Conde de Barcellos, que com vigor iguál o persuadia instado dos Infantes seus irmãos. Elle lhes ponderou a pouca gente experimentada de már, e guerra, que havia no Reino, para de repente formar dous exercitos, hum terrestre, outro naval, que naõ podiaõ escusar-se: que o número das náos, galés, e embarcações de transporte devia ser muito crescido, e naõ se acharía em todos os portos da Monarquia: que o Erario estava exausto pelos grandes gastos precedentes, e naõ sería facil arbitrar fundos correspondentes para as despezas enormes, que eraõ indispensaveis em hum projecto taõ vasto: que pensassem bem estas difficuldades, que a serem venciveis, elle estava prompto a concorrer com a pessoa, e o sangue para gloria de Deos na exaltaçaõ da Fé, e credito do Reino na reputaçaõ das armas.

O

O receio de que tomada Ceuta se quebrassem as forças do Rei de Granada, que por aquella Cidade recebia os soccorros de Africa contra o Rei de Castella, este Principe mais forte com a fraqueza do outro, se faria temivel aos seus visinhos: era outro motivo ponderoso para a nossa circunspecçaõ na conjunctura, em que todos os avances de Castella serviaõ de padrasto ás nossas vantagens. Os Infantes se retiráraõ da presença Real melancolicos, por naõ terem que responder: mas Deos, que queria servir-se para instrumentos da sua gloria destes Principes, que pelas suas idades immaturas podiaõ naõ dar esperanças de muitas sábias reflexões, elle pôz na bocca do Infante D. Henrique tantas das suas palavras de convicçaõ, que sem deixar a El-Rei razaõ de duvidar, lhe ordenou avisasse a seus irmãos, que estava resoluta a jornada de Ceuta, e que do peso dos seus annos elle tirava a agilidade para os acompanhar em pessoa. Beijou D. Henrique a maõ a seu Pai pela mercê especial, que tanto deseja-

Era vulg.

Era vulg. java, e dando parte aos mais Infantes, voltáraõ todos a fazer a mesma demonstração do seu prazer respeitoso.

Deo-se o primeiro passo para a expedição, que foi o modo industrioso de mandar sondar o fundo do mar na visinhança da Praça; examinar o sitio mais proprio para o desembarque; notar a fortaleza dos muros, a quantidade de artilharia, o número, e estado da guarnição, com tudo o mais, que era necessario ao conhecimento do paiz, e da Praça, que haviaõ ser invadidos. Para este fim se esquipáraõ com magnificencia duas galés, em que embarcáraõ o Prior do Crato, D. Alvaro Gonçalves Camello, outra vez restituido á graça do Rei, e Affonso Furtado, Capitaõ Mór do mar, para que, representando o caracter de Embaixadores mandados a Sicilia para tratarem com a Rainha D. Branca, Viuva do Rei D. Martinho, o casamento do Infante D. Pedro, aportassem em Ceuta, e fizessem as observações, de que hiaõ encarregados. Tudo elles executáraõ com igual cautela, e exacti-

daõ:

daõ: diligencia, que tornáraõ a repe- Era vulg. tir na volta de Sicilia sem a conclusaõ do imaginario casamento, que cobrio esta primeira manobra.

A informaçaõ, que os Embaixadores deraõ a El-Rei do negocio, que se lhes encarregára, elles a revestíraõ de huma pouca de celebridade. Affonso Furtado muitas vezes instado para dar a conta das suas observações, fechava-se, e só respondia ao Rei: Que a Cidade era sua. Naõ podendo já escusar-se de dar a razaõ desta resposta assertiva, disse: Que sendo elle rapaz fora com seu pai a Ceuta mandado pelo Rei D. Pedro: que passando por hum chafariz, aonde bebiaõ os cavallos, parára pela curiosidade de os ver: que hum velho veneravel lhe perguntára de que naçaõ era, e dizendo-lhe que Portuguez, lhe pedio o informasse de quantos filhos tinha o seu Rei: que nomeando-os todos, menos a elle D. Joaõ, o velho lhe instára se lembrasse bem, porque entendia lhe faltava algum: que elle entaõ lhe dissera ser o seu Rei, pai de outro filho natu-

Era vulg. tural, chamado D. Joaõ, que era Meſtre de Avis: noticia, que ſobprendêra o velho, e lhe provocára lagrimas, e ſuſpiros: que perguntando-lhe a cauſa da ſua commoçaõ, elle lhe reſpondêra com eſta noticia, que todos os que eſtavaõ vivos em Portugal viraõ verdadeira:

Sabei, diſſe o velho, que as minhas lagrimas naõ naſcem das calamidades, que de preſente padece a minha Patria, ſenaõ das futuras, que lhe eſpero. Temos huma tradiçaõ, de que voſſo Rei D. Pedro naõ ha de viver muito. Por ſua morte ſerá Rei D. Fernando, que caſará com huma vaſſalla ſua. Morto elle pela ambiçaõ, e induſtria deſta mulher, padecerá o Reino grandes trabalhos, e antes delles ſe paſſaráõ para Caſtella os Infantes D. Joaõ, e D. Diniz ſeus cunhados: auſencia, que dará cauſa para ſer acclamado Rei ſeu meio irmaõ D. Joaõ, Meſtre de Avis, que vós nomeaſtes. Eſte, depois de fadigas glorioſas, ſe eſtabelecerá no Reino, que lhe ha de invadir o Rei de Caſtella; mas obriga-

gado a fazer a paz, o Rei D. Joaõ com grande poder virá ſobre Ceuta, que facilmente ganhará aos Mouros, e naquelle meſmo chafariz, que vós eſtais vendo, haõ de dar de beber aos ſeus cavallos. Iſto ſuppoſto, Senhor, (continuou Affonſo Furtado) ſe quanto o velho me diſſe, eſtá cumprido, e ſó falta a ultima parte da promeſſa; que mais reſpoſta tenho eu de dar-vos, ſenaõ que he voſſa a Cidade de Ceuta? Era vulg.

Seguio-ſe a fallar o Prior do Crato, e affirmou, que elle nada podia dizer, em quanto lhe naõ mandaſſe vir duas cargas de arêa, huma peça de fita, meio alqueire de favas, e huma eſcudella. El-Rei ſe reveſtio de circunſpecçaõ, e ordenou com ſeveridade ao Prior reſpondeſſe a propoſito ſobre as circunſtancias concernentes ao eſtado da Cidade. Porfiou o Prior naõ lhe ſer poſſivel fazello, ſem lhe porem prompto o que pedia. El-Rei voltando-ſe para os Infantes, lhes diſſe: Que entendia ter mandado eſpiar Ceuta por dous homens ſabios, de graduaçaõ, e autho-

Era vulg. thoridade ; mas que hum voltára Aſtrologo , o outro Magico. Em fim, a rogos dos Infantes , que conheciaõ o fundo dos talentos dos dous Fidalgos , perſuadíraõ a ſeu pai mandaſſe vir o que o Prior pedia , e lhe ſeria neceſſario para explicar melhor a ſua idéa. Aſſim ſe fez, e o Prior fechado ſó em hum quarto do Paço , formou da area o monte, aonde a Cidade eſtá fundada, e que elle plantou com a ſua meſma figura : Servio-ſe da fita para a cingir , repreſentando a muralha , aonde aſſinalou a diviſaõ das Torres : com as favas marcou as caſas, e ruas , indicando em tudo com demonſtrações os lugares fortes, e fracos da Cidade. O meſmo fez entaõ de palavra Affonſo Furtado a reſpeito de tudo o que tocava á marinha , e á viſta deſtes deſenhos ficou El-Rei completamente informado das circunſtancias todas, que queria ſaber.

Reſtava para vencer outra difficuldade conſideravel na repugnancia , que ſe receava da parte da Rainha , que os Infantes, pelo que a elles tocava, podê-

dêraõ reduzir com modos ternos, honrosos, e insinuantes a conceder-lhes faculdade; mas quando soube, que o Rei determinava acompanhallos, nada era bastante a socegar o seu espirito, que fluctuava no temor das contingencias, no intoleravel da premeditada saudade. Se estes motivos naõ foraõ os que lhe abreviáraõ a vida; a morte, que lhe sobreveio antes, a livrou dos sustos. Principiáraõ com lentidaõ os aprestos, assim da parte do Almirante Carlos Peçanha, pelo que respeitava á armada, como da dos Officiaes destinados á dinumeraçaõ, e listas da gente, que havia servir. Sem prejuiso de seus donos, foi o Rei tomando a si toda a prata do Reino, menos a das Igrejas; reformou os gastos da sua Casa; arrematou as rendas Reaes, e sem impôr tributo algum, ajuntou em breve tempo quanto lhe era necessario para huma empreza de tanto gasto.

Era vulg...

Desejoso de consultar o Condestavel, voto de tanto peso, quanto era o da sua authoridade, e experiencia, com o pretexto de huma caçada da ou-

tra

Era vulg. tra banda, ſe lhe fez aviſo, para que vieſſe a Monte-Mór, aonde o Rei tinha que lhe communicar hum negocio de igual importancia, e ſegredo. Sahio elle de Arrayolos, e recebido em Monte-Mór com as honras coſtumadas, o Rei lhe communicou o negocio, que teve do Condeſtavel naõ ſó a approvaçaõ, mas os altos elogios, que merecia hum projecto taõ cheio de magnanimidade. Depois determinou convocar o conſelho em Torres-Vedras, aonde foraõ chamados entre outros Fidalgos, o Conde de Barcellos, o Condeſtavel, os Meſtres das tres ordens Militares, o Prior do Crato, Gonçalo Vaſques Coutinho, Martim Affonſo de Mello, e Joaõ Gomes da Silva. O Condeſtavel aconſelhou a El-Rei, que quando fizeſſe a propoſta naõ foſſe em modo de quem pedia os votos para ſe deliberar; mas que como negocio já reſoluto, ſó perguntaſſe os meios, de que ſe havia ſervir para o executar.

No dia decretado, o Rei, Infante, e mais Senhores ouvíraõ a Miſſa

ſo-

ſolemne do Eſpirito Santo, e vindo para a Sala do Paço, todos ſuſpenſos eſperavaõ ouvir o grande caſo, para que os chamaria El-Rei, que em tom de Mageſtade rompeo o ſilencio com eſtas vozes: O que eu venho a propôr-vos, e o modo por que o farei, vos cauſará novidade. O voſſo primeiro reparo ſerá, que conhecendo eu a voſſa fidelidade, vos mando jureis naquelle livro dos Santos Evangelhos, que me guardareis ſegredo inviolavel no que hei de referir-vos, porque as circunſtancias do caſo pedem todas as cautelas. Tomado o juramento, naõ ſó ſem repugnancia, mas com goſto, continuou El-Rei: Pois, Amigos, ſabei que chegou a hora feliz de mim ſempre deſejada: a hora de parar a effuſaõ de ſangue na guerra entre Chriſtãos, que ſempre ſuſtentei violento, fiz neceſſitado, defendi-me conſtrangido; mas graças ao Senhor dos Imperios, que me concedeo paz glorioſa. Nós eſtamos em harmonia concorde com Caſtella, até agora noſſa inimiga; que fazemos ocioſos? Vamos edi-

Era vulg.

Era vulg. edificar o Mundo com o nosso zelo pela Fé em guerra santa; marchemos a salpicar as Mesquitas dos Infieis com o seu sangue barbaro, e sirvaõ estas victimas da impiedade, ao mesmo tempo que para a expiaçaõ dos nossos peccados, para hum culto de gratidaõ a Deos pelos beneficios innumeraveis, evidentes, sensiveis, que nos faz ha tantos annos. Ha muito tempo que discorro, qual sería a qualidade deste culto, desta expiaçaõ, de que ao mesmo tempo resultasse á Pátria utilidade, e gloria. Lembrou-me a conquista de Ceuta, que tenho determinado; porque della resulta fazermos serviço a Deos, emprehender huma acçaõ digna do nosso valor, fechar as portas aos barbaros para as invasões em Hespanha, para os seus insultos nos mares. Tenho informaçaõ do estado da Praça; já dispuz os meios para a empreza: agora espero me aponteis os mais necessarios para a conseguir, e que todos vos prepareis para me acompanhardes.

Como á Oraçaõ do Rei se seguio a acclamaçaõ do Condestavel, e do In-

Infante D. Duarte, que beijárao a mao Era vulg.
a El-Rei pela heroicidade do seu pensamento: toda a Assembléa o approvou, e deo demonstrações vivas da sua honrosa complacencia. Começárao depois a laborar as idéas para cobrir os fins dos preparos extraordinarios, e entendeo o Rei nao as havia mais proprias, que fingir-se descontente de Carlos o Atrevido, Conde de Flandres, e publicar que dous dos seus navios tinhao aprisionado hum Portuguez; que nao era possivel conseguir delle a restituiçao, tantas vezes reclamada, e nao havia outro remedio, senao mandar a Fernando Fogaça, seu Enviado em Hollanda, lhe declarasse a guerra. Em audiencia particular communicou este Ministro as intenções de seu Amo ao Conde, que fez alta estimaçao do Rei de Portugal fiar delle hum segredo de tanta importancia; e para o cobrir melhor, ajustou com o Enviado, que na presença dos Grandes da Corte lhe daria audiencia pública, em que podia fallar arrogante para elle lhe responder feróz, e ficarem todos na in-

Era vulg. telligencia, que a guerra era inevitavel entre os dous Eſtados.

Aviſou o Conde a ſua Corte para ouvir, e depois reſolver ſobre os Officios do Enviado, que fallou bem á Portugueza em lingoa eſtranha, com ſom taõ alto, e taõ ſubido, tanto em tom de guerra, e deſafio, que pode provocar no Principe cólera taõ real, como ſe nada tivera de fingida. Elle ordenou ao Miniſtro ſe retiraſſe, e diceſſe ao Rei, que naõ ſe deixaſſe occupar tanto do orgulho pelos bons ſucceſſos das guerras paſſadas: que elle naõ era Principe, a quem ſe mandaſſe ameaçar; e advirtiſſe que todos os inimigos naõ tinhaõ o meſmo caracter: que ſe fez tremer Caſtella, naõ havia aballar Holanda: que vieſſe com eſſe poder, que opprimia o Téjo, e punha em ſuſpenſaõ a Europa: que elle lhe promettia ir eſperallo ao caminho, para que hum Rei taõ grande entraſſe nos ſeus dominios bem acompanhado: que entaõ viría, como o Conde de Flandres tinha vaſſallos naõ menos valeroſos, que o Rei de Portugal. Sahio o Mi-

Miniſtro da audiencia com o bom deſpacho, que deſejava; e voltando de noite ao Paço, o Conde o recebeo com as maiores honras, e lhe entregou a carta para El-Rei, em que agradecia a eleiçaõ, que fizera da ſua peſſoa para depoſitária do ſegredo, de que a Deos, e á Chriſtandade reſultaria honra, e gloria.

Era vulg.

Tirado o rebuço para os apreſtos com a publicidade deſta negociaçaõ, o Rei continuou nelles com o ardor de quem eſtava para entrar em huma guerra. Entaõ ſe mandáraõ fretar navios a Inglaterra, Galliza, Biſcaya, e ſe preparáraõ os que havia nos pórtos do Reino, em eſtado de ſervir; ſendo Cabos da expediçaõ os Infantes D. Pedro, e D. Henrique. Ainda que o ſucceſſo de Flandres indicava, que contra elle ſe encaminhava o raio da guerra, os juizos do povo, e o temor dos Reis viſinhos o entendiaõ eſtratagema para cobrir o deſignio verdadeiro. Fallava a plebe quanto lhe propunhaõ os ſeus diſcurſos vágos, e ſó o Judeo Judas Negro, criado da Rainha, ſe jactava

Era vulg. de que pelos seus calculos Astrologicos penetrára, que as nossas armas iriaõ descarregar o golpe em Ceuta; mas como tal expediçaõ naõ passava pelo pensamento ainda da gente menos vulgar, todos tinhaõ os prognosticos do Judeo por taõ falliveis, como a sciencia, em que elle os firmava.

Entre os Principes, o que entendeo ter mais razões para se assustar, foi o de Castella, e sua Mãi, a Rainha Regente, que governava só, por estar já Rei de Aragaõ seu cunhado, o Infante D. Fernando, e depois de varios conselhos, seguio o prudente que propôz. Como naõ se devia fazer movimento, nem desconfiar da fé do Rei de Portugal, sem que primeiro se lhe mandasse huma Embaixada, pedindo ratificasse as pazes: que se o fizesse, nada havia, que temer, e se naõ o praticasse, taõ bem nada havia, que esperar. Foraõ nomeados Embaixadores o Bispo de Mondonhedo, e Diá Sanches de Benavides, que marcháraõ com a desconfiança de toda Castella, na intelligencia, de que o armamento de

de Portugal tinha por objecto á Sevilha, e mais Praças de Andaluzia. Elles mudáraõ de conceito, logo que entráraõ na fronteira, aonde os esperava hum criado del Rei, que lhes fez os gastos da jornada até Lisboa, e chegados á Corte experimentáraõ tantos agrados, tantas condescendencias ás suas propostas, recebêraõ gratificações taõ consideraveis, que igualmente admirados da affabilidade, e grandeza del Rei, enchêraõ de prazer os animos consternados da sua Monarquia.

Era vulg.

Com o bom successo da negociaçaõ de Castella, o Rei de Aragaõ se deixou tocar das mesmas suspeitas, que ella teve; e como cada Principe sempre tem razões particulares para temer hum Rei respeitavel, e poderoso, D. Fernando, que na eleiçaõ á Coroa de Aragaõ, preferio a D. Jayme, Conde de Urgel, receou que este Principe, por causa do seu casamento com huma filha do Rei de Aragaõ, D. Pedro, houvesse trazido a favor dos seus interesses ao Rei de Portugal, e que este quizesse com a guer-

Era vulg. ra abalallo no Throno, a que acabava de subir. Tanto que os Ministros Aragonezes informárao ao Rei das inquietações do espirito de seu Amo, elle lhes ordenou se recolhessem, e lhe dicessem: Que lhe affirmava pela sua Real palavra, como os seus aprestos nada prejudicariaõ á sua pessoa, ou aos Reinos de Aragaõ, e Sicilia: que antes estava prompto para o ajudar com as mesmas forças á conquista de outro qualquer Estado, a que tivesse o mesmo direito: que se o seu segredo fora revelavel, a elle só o fizera; mas que brevemente lhe mostraria a experiencia a candura das suas intenções, e a verdade, com que o tratava.

Isto que no Aragonez naõ passou de suspeita, no espirito de José, Rei de Granada, foi verdadeiro temor. Este Principe Mouro, inquieto depois que El-Rei recusou acceitar a offerta das suas trópas para a guerra de Castella, se persuadio que esta repugnancia se fundava na differença da sua Religiaõ, e que o Rei fazendo entaõ escrupulo de confundir os Christãos com

os

os Mouros no mesmo exercito, agora quereria lançallos das terras de Granada para estabelecer nellas o Christianismo. Occupado desta idéa, mandou tambem Plenipotenciarios a Portugal, que foraõ recebidos com particular distinçaõ; mas nas instancias dos seus Officios, que fizeraõ ás pessoas do Rei, da Rainha, e do Infante D. Duarte, elles recebêraõ as respostas em termos vágos, e indifferentes, que já desterravaõ, já naõ destruiaõ o seu temor, e com este desengano se retiráraõ confusos com esperanças. Era vulg.

Depois da partida destes Ministros chegou a Lisboa o Infante D. Henrique com a fróta do Porto, que constava de vinte náos grossas, e de sete galés, em que vinhaõ embarcados, além da sua Real Pessoa, seu irmaõ D. Affonso, Conde de Barcellos, D. Fernando de Bragança, filho do Infante D. Joaõ, o Marechal Gonçalo Vasques Coutinho, Joaõ Gomes da Sylva, Alferes Mór, Vasco Fernandes de Ataide, Governador da Casa do Infante, Gomes Martins de Lemos, D.

Pe-

Era vulg. Pedro de Castro, filho do Conde D. Alvaro Pires, Gil Vasques da Cunha, Pedro Lourenço de Tavora, Diogo Gomes da Silva, Joaõ Rodrigues de Sá, Joaõ Alvares Pereira, Gonçalo Annes de Sousa, Martim Lopes de Azevedo, Martim Affonso de Sousa, Fernaõ Lopes de Azevedo, Luiz Alves Cabral, e seu filho Fernando Alvares, Estevaõ Soares de Mello, Mem Rodrigues de Refoyos, Garcia Moniz, Payo Rodrigues de Araujo, Vasco Martins de Alvergaria, Alvaro da Cunha, Alvaro Fernandes Mascarenhas, e Ayres Gonçalves de Figueiredo, os primeiros sete destes Fidalgos commandantes das galés, e os mais das náos de alto bordo. Com vista alegre entrou o Infante pela barra, donde sahio a recebello o Infante D. Pedro, seu irmaõ, com oito galés brilhantes, huma que elle mandava, e nas mais o Condestavel, o Mestre da Ordem de Christo, D. Affonso, filho do Infante D. Joaõ, o Prior do Crato, o Almirante, o Capitaõ Mór do mar, e Joaõ Vasques de Almada, com ou-

tros

tros muitos Fidalgos magnificamente luzidos. Era vulgar

CAPITULO II.

Morte da Rainha D. Filippa, e continuação da jornada de Ceuta.

HUM exercito numeroso em Lisboa, huma armada poderosa, surta no Téjo, proxima a occasiaõ da partida, eraõ circunstancias, que já naõ consentiaõ recatar mais tempo á Rainha o segredo, que El-Rei lhe guardava com tanta cautela, de ser elle em pessoa o Chéfe da expediçaõ. Elle lhe declára, que o interesse da Religiaõ, a sua mesma gloria, a segurança de Hespanha dependiaõ da sua passagem a Africa com os Infantes; que elle naõ devia deixar escapar esta occasiaõ de assignalar o seu zelo, e de extender o Dominio com a conquista de Ceuta, que elle marchava a emprehender na testa do seu exercito. Ella, que até entaõ estava certa, de que o projecto era dos Infantes, e duvidava se interessasse nelle a pessoa do 1415

 Rei,

Era vulg. Rei, ausencia, que se lhe fazia insoportavel; agora empregou para o persuadir ao contrario tudo, quanto o seu coração, e a sua ternura lhe inspiravaõ de mais tocante. Os movimentos do amor conjugal a ensináraõ a fallar huma nova lingua; os sustos das contingencias, a lembrança da heroicidade em cada periodo lhe cortavaõ as vozes, mudavaõ os sentidos, dizia, e naõ se explicava. Combatida de tantos sentimentos differentes, a vivacidade da alma sempre a inclinava a fazer entender os perigos, a que hum Rei se expunha; que ella ficava sem marido, sem filhos, o Estado sem successor, e tal vez sem Soberano.

Fosse originado da tristeza, ou do contagio, que laborava em Lisboa causado do concurso de tantas gentes; no mesmo dia da entrada do Infante com a fróta do Porto, adoeceo a Rainha. Quizera ella ter o gosto de vêr armar cavalleiros aos Infantes seus filhos, antes de se embarcarem; mas cheia deste espirito de sobmissaõ, que devemos ás ordens Divinas, ella se resignou para

ra todas as disposições da Providencia, que tudo governa. Como o mal engravecia, depois de se preparar para huma morte santa, chamou o Rei, e os Infantes. Ella rogou ao primeiro amasse aos seus filhos, como penhores preciosos do seu amor conjugal, lembrando-se do respeito, e da ternura, que sempre tivera por elle desde o instante, em que a associou ao Throno. Voltando-se para os segundos, os exortou a defender a expensas da propria vida os interesses da Religiaõ, e da honra; a conservar sempre o mesmo respeito á pessoa do Rei seu pai; a sustentarem entre si com firmeza a uniaõ fraternal, em que ella os educára do tempo da sua mininice; e perguntando-lhes, que vento fazia, sendo entaõ proprio para a jornada de Africa, respondeo: Que bom tempo este para a vossa partida! Seja Deos bemdito, que me nega o gosto de a vêr; mas eu a verei de lugar mais alto, e naõ estorvará a minha morte a vossa jornada; que fareis dia de Sant-Iago.

Era vulgo

Pareceo este dito hum delirio, em

ra-

Era vulg. razaõ de faltarem só oito para o dia marcado; mas o effeito mostrou, que fora illustraçaõ da alma, que vaticinára ao mesmo tempo a morte do corpo, e a hora da jornada. He tradiçaõ constante, que no seu transito succedido aos 19 de Julho, com 56 annos de idade, lhe apparecêra Maria Santissima, e a confortára para levar com gosto a morte, que era preciosa nos olhos de Deos. Foi esta Princeza devota, e observante da Religiaõ; diligente, e generosa na Caridade; attenta, e reverente no respeito ao Rei; vigilante, e activa na educaçaõ dos filhos; firme e constante nas adversidades; moderada, e sobria na fortuna; effectiva nas resoluções, ponderosa nos conselhos, sem altiveza grave, sem abatimento humilde, sem vaidade liberal, sem affectaçaõ modesta, em tudo hum bello exemplar das pessoas do seu sexo, e caracter. O lugar de Odivellas foi o da sua morte; e o Convento da Batalha he o da sua sepultura, aonde foi gravado o Epitafio, que refere Fr. Luiz de Sousa na

pri-

primeira parte da Historia de S. Domingos, Liv. 3. pag. 384. Era vulg.

Cobrio-se a armada de lutos para participar dos que estavaõ vestidos os animos; affligia a peste, que grassava em Lisboa, e ainda atemorisava o eclypse espantoso do Sol, que precedêra á morte da Rainha. Tantos contratempos parecia, que desconcertariaõ ao Rei nas medidas, que tinha tomado, e se esperava que em lugar de executar o designio de Africa, elle o encarregaria a algum dos Infantes associados de bons Generaes; mas querendo conduzir-se com a madureza, que em tudo costumava, mandou ouvir os do Conselho. Dividíraõ-se, e empatáraõ-se os votos, que elle houve de decidir, e o fez com esta elegante falla: Muito me admiro, que haja quem intente dissuadir huma empreza tanto da gloria de Deos: empreza toda do seu serviço, igualmente justa, e pia. Esses successos tragicos, que vos assustáõ, saõ os mesmos, que a mim me animaõ. Mandanos Deos a peste, para que nos acaute-

Era vulg. telemos os vivos, recorrendo a elle, emendando as vidas. Nós o faremos aſſim, empenhados na guerra ſanta, e a pureza das noſſas conſciencias ſerá o primeiro inſtrumento das noſſas victorias. Eclipſou-ſe o Sol, fenomeno vulgar da natureza, que naõ nos indica querer dar ás meias Luas barbaras as ſuas luzes, ſenaõ divertir os ſeus raios para nós combatermos á ſombra. Morreo a Rainha: as ſuas orações lhe abbreviariaõ a vida para ſoffrer antes a morte, que a ſaude; ellas agora mais puras, mais viſinhas á Divindade, conſeguiráõ do Deos dos Exercitos mande em noſſo ſoccorro muitas das ſuas eſquadras, que nos faraõ invenciveis. Se o mundo alterna os goſtos, e os pezares; eſtes eſtaõ ſoffridos; agora vamos ter a complacencia de vêr adorar o Deos verdadeiro na terra dos barbaros, e de fazer celebrar os Sacrificios de expiaçaõ nas Meſquiſtas de Ceuta.

O meſmo foi repetir o Rei eſtas palavras, que deſapparecer o luto da armada, içarem as flamulas, e galhar-

de-

detes, soarem os clarins, e trombetas
para annunciar aos Póvos, que o Téjo
banha, que estava determinada a
empreza de Africa, com desprefo de
todos os agouros. Quiz El-Rei partir
dentro em quatro dias; mas alguns
Fidalgos contemplativos pediaõ mais
hum mez de demóra para se fornecer
a armada de muitas cousas, que necessitava.
O Infante D. Henrique se oppôz
a esta demanda, dizendo a seu
pai: Senhor, o que falta na armada,
he que vós vos embarqueis; que ella
leve as ancoras, e largue as vélas.
Assim se executou effectivamente, e
no dia 25 de Julho, como a Rainha
predissera, levantou ferro toda a armada,
composta de 59 galés, 33 náos de
alto bordo, e 120 navios de transporte,
em que embarcáraõ 50000 homens:
armada a mais consideravel, que até
áquelle tempo havia saido dos pórtos
de Hespanha, assim no número das
náos, e da gente, como na qualidade
della. Além da pessoa do Rei, e
de seus tres filhos os Infantes D. Duarte,
D. Pedro, D. Henrique, e do
Con-

Era vulg.

Era vulg. Conde de Barcellos, D. Affonso, irmaõ natural dos Infantes, hiaõ D. Fernando, e D. Affonso, filhos do Infante D. Joaõ, o Condestavel D. Nuno, a melhor nobreza do Reino, e os Mestres das Ordens, menos Fernaõ Rodrigues de Sequeira, que o era da de Avís, por ficar encarregado do governo do Reino, e das pessoas dos Infantes D. Joaõ, e D. Fernando, pelas suas idades tenras incapazes da dureza da guerra.

De várias partes da Europa acodíraõ para se acharem nesta gloriosa empreza muitos Fidalgos com armas, e gente á sua custa, entre os quaes devemos lembrar o Inglez Mondo, que sendo hum dos mais ricos homens do seu Reino, veio servir-nos com quatro, ou cinco náos bem esquipadas, e guarnecidas de trópas Inglezas, que pagou da sua bolça todo o tempo, que durou a expediçaõ. Tal era o brado, que as gentilezas de D. Joaõ I. tinhaõ dado no mundo, que movia as Nações a largar a Patria para ter a honra de se alistar debaixo das suas vi-

cto-

ctoriosas bandeiras. Este foi o apparato formidavel, que no dia referido sahio da barra de Lisboa, sem que até agora Escritor algum duvidasse do número das nossas náos, excepto Mariana, que empenhado em deprimir a nossa gloria, só conta 120 entre todas. No seguinte, que era Sabbado, chegou a armada a ancorar defronte de Lagos no Algarve, aonde El-Rei declarou a todos, que marchava a conquistar Ceuta, e foi publicada pelo Padre Fr. Joaõ de Xira em hum elegante Sermaõ a Cruzada, que para esta guerra dos Infieis havia concedido o Papa Joaõ XXIII. Com ventos prosperos continuou a viagem, naõ sem susto dos portos maritimos de Andaluzia, até que toda a armada em conserva ferrou o porto de Tarifa.

Era vulg.

Governava esta Praça, por El-Rei de Castella, Martim Fernandes Portocarreiro, tio do nosso Conde D. Pedro de Menezes, que logo fará alta figura nesta Historia. Aquelle Fidalgo Portuguez, sabendo que El-Rei vinha na armada, lhe mandou por seu filho Pe-

Era vulg. dro Fernandes Portocarreiro hum refresco magnifico, que o Rei naõ quiz acceitar, e o delicado Governador, para que ninguem se servisse do presente, que tinha sido offerecido a hum Rei de Portugal, mandou degollar os gados, e espalhar pela praia em pedaços todos os generos, de que elle se compunha: acçaõ del Rei taõ estimada, que elle, e os Infantes a remunerárão com preciosos donativos. Circunstancias differentes obrigáraõ a usar de outra politica com os medrosos Mouros das Algeziras, vassallos do Rei de Granada, aonde a armada veio dar fundo para occultar os designios. Vendo elles no seu porto tantas forças, em nome do seu Rei mandáraõ ao de Portugal outro refresco, pedindo com termos humiliantes quizesse elle declarar ao Monarca seu amigo o destino da jornada. El-Rei fez responder aos Enviados: Que mal poderia elle descobrir-lhes o segredo, que escondêra ao seu Rei; mas que para lhes mostrar a sua condescendencia, acceitava o presente.

Das

Das Algeziras se fez a armada na volta de Ceuta, Cidade situada na entrada do Estreito de Gibraltar para a parte do Mediterraneo; edificada em huma lingua de terra, que além do Continente se dilata da parte do Nörte, e que curvando-se para a do Levante, forma huma especie de Peninsula. Pomponio Mela lhe chamou Septa, em razaõ dos sete montes, que a cercaõ, e os antigos Ceit, nome de hum neto de Noe, que significa Principio de formosura. Os Romanos a diziaõ Cidade por anthonomasia, e era a Capital da Provincia de Habat, no Reino de Féz, ou da Mauritania Tingitana, estimada de Ortellio pela Essilissa, ou Exilissa de Ptolomeo. Quer Procopio, que os Godos a ganhassem aos Romanos; mas vindo a pertencer aos Reis Mouros de Granada, sobre elles a tomáraõ os de Marrocos com o soccorro das armas de Aragaõ. Neste tempo a governava o Mouro Zalá Benzalá, Senhor de Tangere, de Arzila, e de outros muitos Lugares, em qualidade illustre, como descendente

Era vulg.

Era vulg. dos Reis Benemerines, no valor provado, no talento distincto, capaz de se lhe encarregar a segurança da chave de Africa, e de Hespanha.

Quando Zalá Benzalá vio que a armada estava no Estreito, naõ pode duvidar, de que Ceuta era o lugar do seu destino: idéa constante, que o obrigou a conduzir trópas de todas as partes para reforçar a sua numerosa guarniçaõ, que chegou a contar cem mil homens. El-Rei entrou no porto de Barbaçote, que fica ao Oriente da Praça, para esperar a maior parte da fróta desgarrada com huma tormenta. Elle se deteve mais dias do que pensava, esperando a reuniaõ dos navios, que com algumas galés mandou conduzir pelo Infante D. Henrique dos portos de Hespanha, aonde haviaõ arribado. Elles chegáraõ; e quando se entendeo, que tudo contribuia para os progressos desenhados, tomadas as medidas para o desembarque, tempestade mais violenta, que a primeira, outra vez separou a armada, e pôz o Rei em estado de nada emprehender

sem

ſem outra reuniaõ das ſuas forças. Neſ- tes intervallos, os Mouros que vieraõ de ſoccoro, tendo por impoſſivel, que El-Rei podeſſe fazer huma ſegunda ten- tativa ſobre a Cidade por cauſa da con- tinuaçaõ do temporal, alguns delles ſe retiráraõ antes de tempo.

Era vulg.

Porém unida a eſquadra nas Alge- ziras, quando já ninguem penſava, que terceira vez ſe intentaſſe a expediçaõ de Ceuta, o Rei chamou os Princi- pes, e Generaes a conſelho. Os pri- meiros naõ queriaõ deſiſtir da empre- za; os ſegundos renovavaõ a memo- ria dos agouros, e tinhaõ por melhor a retirada para Lisboa. El-Rei com hu- ma pouca de ſeveridade á viſta das dú- vidas, mandou que a armada ſe fizeſſe á véla, e que a ſeu tempo lhes da- ria a reſpoſta. Chegados á Ponta do Carneiro, que fica fóra da enſeada, pu- blicou El-Rei: Que a reſpoſta, que tinha de dar ás indeciſões dos conſe- lhos tomados nas Algeziras, era que as proas ſe pozeſſem em Ceuta para ſe fazer o deſembarque pela parte de Almina: e chamando ao Infante D. Hen-

Era vulg. Henrique, lhe fallou assim á vista de todos:

Eu vos naõ respondi, quando em Lisboa me pedistes vos permitisse seres o primeiro, que no desembarque, que vamos a intentar, pozesses o pé em terra. He chegada a occasiaõ de differir a huma rogativa taõ justa, para animar a todos com o risco, a que exponho gostoso a vossa Pessoa ao serviço de Deos. Tendes licença para saltar em terra antes de todos, naõ só como nosso camarada, mas como Chéfe principal, a quem eu encarrego esta expediçaõ, bem instruido no fundo dos vossos talentos. Com todas as náos, que trouxestes do Porto, ide ancorar junto a Almina; que o resto da armada vai dar fundo da outra parte, para que alli acudaõ com mais vigor os Mouros na intelligencia, de que alli he o desembarque; e ouvido o signal, que vos dér, postai-vos em terra com a vossa gente; obrareis o que de vós espero, e Deos vos ajude. O Infante, naõ podendo reprimir o prazer, beijou a maõ ao Rei seu pai, e

par-

partio a executar as ordens com a felicidade, que diremos no Capitulo seguinte.

Era vulg.

CAPITULO III.

Como foi investida, e ganhada a Cidade de Ceuta.

ZALÁ Benzalá, penetrando pelas manobras da armada, que sem dúvida era investido, para se defender nada teve que ajuntar ás ordens, que antes havia dado. A sua guarniçaõ era muito numerosa, os armazens estavaõ bem providos, e reparadas na fortificaçaõ ainda as mais pequenas roturas. O seu zelo se affervorava á vista da face do perigo, quando soou o signal para o desembarque. O Infante D. Henrique antes de sahir da sua galé, pôz na borda della ao seu Capellaõ Mór, Martim Paes, com o Santissimo em huma Costodia, rodeado de todos os Padres, que em preces continuas, em quanto durasse o ataque, lhe estivessem rogando se mostrasse aos filhos propicio,

aos

Era vulg. aos Infieis inexoravel. A esta vista adoravel, plantada sobre as agoas barbaras do Freto Herculeo, sahio pelos olhos dos nossos destilado em lagrimas o fogo da Fé, e do zelo, que lhes ardia nos corações. Desta demora pia, que observava na galé do Infante, tomou occasiaõ Joaõ Fogaça, Védor da Casa do Conde D. Affonso, para a toda a voga ferrar a praia, aonde o primeiro, que saltou, foi Ruy Gonçalves, depois Commendador de Canha, que com os poucos que o seguíraõ, mostrou aos Mouros os preludios elegantes da fatalidade, que os esperava.

O Infante D. Henrique, que estava mais longe da terra, se lançou em hum batel com Estevaõ Soares de Melho, e o seu Alferes Mór, Mem Rodrigues de Refoyos, que marcháraõ a carregar os innumeraveis Mouros, de que estavaõ bordadas as praias. O Infante D. Duarte, que observava o espirito denodado, com que seu irmaõ andava de envolta com os Mouros, sahio á terra acompanhado de Martim

Af-

Affonſo de Mello, de Vaſco Annes Corte Real, e outros, que com os mais, que tinhaõ deſembarcado, faziaõ por todos cincoenta, que com golpes incriveis foraõ rechaçando os barbaros até a porta de Almina, por onde entráraõ com elles Vaſco Annes Corte Real, logo o Infante D. Duarte, e depois deſtes dous Aventureiros, mais trezentos dos noſſos, que ſeguiaõ ao Infante, e foraõ levando os Mouros até as portas da Cidade. Aqui ſe formáraõ elles em batalha, quando o Infante D. Henrique, já vencidos os tropeços do campo, ſe unira a ſeu irmaõ D. Duarte, e conſiderando que de envolta com os Mouros poderiaõ entrar pelas portas da Cidade, como o fizeraõ pela de Almina, ſe reſolvêraõ a atacallos com valor extremo.

Era vulg.

Aſſim o fizeraõ os Infantes na téſta deſtes, e dos mais ſoldados, que vinhaõ chegando, defendendo-ſe os Mouros amparados da muralha com corage deſmedida; mas elles a perdêraõ, quando viraõ que Vaſco Martins de Albergaria atraveſſára hum Mouro monſ-

truo-

Era vulg. truoſo, todo negro, e nu, que na ſua frente deſpedia pedras, que pareciaõ raios. Elles ſe retíraõ, e de tropel os vaõ ſeguindo 500 dos noſſos, que entraõ com elles na Cidade, ſendo o primeiro o meſmo Vaſco Martins, que abrio aos Infantes, e a ſeu irmaõ o Conde de Barcellos o caminho, pelos levar perfilados de peito á eſpalda na ſua retaguarda. Aqui foi arvorado o Eſtandarte do Infante D. Henrique, que era o Chéfe da acçaõ por eſta parte, e á ſua viſta todos ſe fizeraõ firmes para eſperar os camaradas, que vinhaõ chegando, e ſegurar as portas, naõ ſuccedeſſe, ſe os Mouros as fechaſſem, ficar elles dentro, e naõ poderem entrar os defora. Excede todo o encarecimento o valor dos noſſos neſte lance, e a conſtancia com que peleijavaõ. Zalá Benzalá, que do alto do Caſtello obſervava todos eſtes movimentos, e vio levar ferro a armada del-Rei do lugar, que elle entendia do deſembarque, e reforçára com maior numero de gente, para lançar a ſua em terra no primeiro lugar do ataque;

naõ

naõ perdeo o acordo, e sem faltar á defensa da Cidade, determinou esperar no Castello o repelaõ mais violento.

Era vulgà

Vasco Fernandes de Ataide, naõ contente só com huma porta, a troco do seu, e de alheio sangue, seguido de huns poucos, com arrójo de valor, que naõ he facil conceber-se, abrio segunda, aonde elle, seu tio Gonçalo Vasques Coutinho, e outros sequazes do seu exemplo, e da sua corage se mantiveraõ, como columnas de marmore, esperando os bravos aventureiros, que corriaõ em seu soccorro. Entrou o Védor da Fazenda, Joaõ Affonso, que aconselhou aos Infantes esta empreza, e avistando-os taõ gentis, cobertos de sangue, de pó, e de gloria, lhes disse: Ah! Senhores, em vistosas festas vos metti; bem mereceis nellas ser armados Cavalleiros. Depois da lingua entráraõ a obrar as mãos, levando este alentado homem diante de si pelas ruas de Ceuta muitos Mouros já cortados igualmente do temor, e do ferro. Em quanto elle, Martim

Af-

Era vulg. Affonſo, e outros Fidalgos com a muita gente, que hia entrando, deſpejavaõ as ruas a golpes, os dous Infantes marcháraõ intrepidos a ganhar huns altos, donde os Mouros nos podiaõ fazer damno. Sobre elles ficou plantado o Infante D. Duarte, que coroou o mais eminente chamado o Ceſto; e o Infante D. Henrique tornou a deſcer ás ruas para augmentar a carnagem dos barbaros, que os noſſos faziaõ horrorosa.

El-Rei, que ainda eſtava embarcado com o groſſo da gente, vendo correr a todos para a parte de Almina, mandou pelo Infante D, Pedro dizer ao Infante D. Duarte, que ſaltaſſe em terra, ſuppondo-o ainda a bórdo; mas informado, que no principio da acçaõ ſe incorporára com o Infante D. Henrique, diſſe para os ſeus: Meu filho como me vê velho, entendeo que o naõ poderia acompanhar, e ajuntou-ſe com ſeu irmaõ, que he mais agil: Eu dou graças a Deos de lhe ter cumprido os deſejos. Immediatamente mandou arvorar a Bandeira Real pelo ſeu

Al-

Alferes Diogo de Ceabra, e tocando a desembarcar, pisou a terra Africana todo o exercito Portuguez. O prazer deste formoso dia, entre tantos mil homens, só o sabia disfarsar o Rei magnanimo, que no meio das fortunas, e das desgraças, conservou sempre inalteravel o mesmo semblante.

Era vulg

Naõ foi menos vigorosa a defensa dos barbaros neste lugar, que o Rei atacou com o maior número das suas armas. Elle correo o mesmo perigo, que os seus capitães, que os seus soldados: Principe, Chéfe, camarada em todos os lances, e ainda que gravemente ferido em huma perna ao desembarcar, taõ insensivel á dôr, quanto sensivel á gloria. Chegado á Cidade, reservou para acçaõ sua a expugnaçaõ do Castello, e ordenou ao Infante D. Pedro marchasse a unir-se com seus irmãos para acabar de alimpar as ruas de Ceuta das immundicies de Mafoma. Entaõ o Infante, o Condestavel, o Mestre de Christo, e muitos Fidalgos, entráraõ com varios destacamentos, como correntes rápidas, que levavaõ enrolada

Era vulg. toda a resistencia, que se lhes punha diante. A velhice respeitosa do Condestavel naõ lhe embaraçava mostrar-se o mesmo homem dos dias dos Atoleiros, de Aljubarrota, e de Valverde. Ruy de Sousa, sobrinho do Mestre de Christo, largo espaço brigou só, como Leaõ, contra hum grosso de Mouros junto a hum postigo, a que deraõ o seu nome em memoria desta gentileza; até que foi soccorrido; e os barbaros cortados em postas.

Alvaro Gonçalves de Figueiredo, hum Fidalgo de noventa annos, todo o dia armado, e naõ cessando de vibrar já a lança, já a espada, foi hum dos espectaculos vistosos desta acçaõ. Estando El-Rei assentado a huma porta, novo Cesar, que em hum dia veio, vio, e venceo, chegou a elle o seu Escrivaõ da Puridade, Gonçalo Lourenço, que todos acclamavaõ hum monstro de valor, e lhe pedio, que em premio do que acabava de obrar, alli mesmo o armasse Cavalleiro, o que El-Rei fez sem demóra, cheio de huma complacencia, que senaõ

po-

podia ser nelle invejosa, foi agradecida.

Em todas as partes durava o combate; e o Infante D. Henrique, como se quizesse para si só toda a gloria da tomada de Ceuta, ainda naõ satisfeito com tantas victorias na duraçaõ longa de hum combate, marchava sobre o Castello, quando foi atacado por hum grande corpo de Mouros, que pareciaõ renascer das suas mesmas ruinas. Elle os foi levando com dezasete soldados, que o seguiaõ, por huma rua estreita, aonde lhe deitáraõ aos pés o seu Escudeiro, Fernaõ Chamorro; e porque o suppôz morto, depois de duas horas de peleija, a renovou com tal ardor, que os metteo pela porta da Villa, toda murada, e defendida de muitos inimigos, entre os quaes entrou elle só com quatro companheiros, que foraõ os valerosos Alvaro Fernandes Mascarenhas, Vasco Esteves Godinho, Gomes Dias de Goes, e Fernando Alvares, homens pela sua fidelidade dignos de ficarem os seus nomes gravados nos bronzes immortaes.

Era vulg.

Já

Era vulg.

Já todos suppunhaõ morto ao Infante, que naõ apparecia; e desejoso seu pai de o averiguar, se offereceo a este arriscado empenho o animoso Vasco Fernandes de Ataide, que demandando a porta, por onde o Infante entrára, huma grande pedra despedida do alto, lhe tirou a vida, que respira eternidades de fama. Com igual valor, e melhor successo logrou este intento Garcia Moniz, criado do mesmo Infante, que lhe estranhou respeitoso o excesso, com que se arriscava, e o obrigou a retroceder com perigo naõ menor na retirada, que na peleija. Ao mesmo tempo recebeo aviso do Infante D. Duarte, para que lhe fosse fallar na Mesquita maior, aonde o esperava com o Infante D. Pedro. Quando elle queria obedecer a este recado, soube que a gente deste ultimo Infante sustentava outro ataque contra innumeraveis Mouros, e voltando sobre elles, disse ao messageiro, que da sua parte dissesse a seus irmãos, que dia semelhante naõ era para se perder. A toda a pressa veio outra ordem, para

ra

ra que deixasse a refrega, e se recolhesse á Mesquita, como fez com o gosto de encontrar vivo a Fernaõ Chamorro. Naõ he explicavel o alvoroço, com que os Infantes recebêraõ nos braços ao heroico irmaõ, e pouco depois seu pai, que largo espaço se esteve revendo neste duas vezes filho da sua natureza, e disciplina.

Era vulg.

O Governador Zalá Benzalá, rodeado das gentes, que haviaõ escapado, quiz fazer-se fórte no Castello; mas vendo a Cidade toda perdida sobre a marcha, immediatamente depois do desembarque, naõ cuidou em seguir o meio mais honrado, senaõ o mais seguro. Naquella noite pôz elle em cobro suas mulheres, e filhos com as riquezas, que podéraõ levar as pessoas da sua familia, e consultando com o medo o que faria no dia seguinte, resolveo naõ o vêr amanhecer dentro do Castello de Ceuta. Elle montou hum cavallo, e fugindo acceleradamente, toda a sua guarniçaõ lhe seguio os passos, deixando desamparado o Castello, aonde havia riquezas

Era vulg. consideraveis, que El-Rei deixou livres para as saquear João Vasques de Almada com a sua gente, que delle tomou posse, e arvorou a bandeira de S. Vicente, Patrono de Lisboa, na mais alta das suas Torres. Restava examinar as casas, onde estavaõ occultos muitos Mouros, que naõ se attreviaõ a desamparar a sua Cidade, que sendo entaõ hum dos Emporios, que illustravaõ o Universo, tinha em si riquezas infinitas em ouro, e generos preciosos, que estimulavaõ a cubiça.

Finalmente, a fortuna del Rei em hum só dia desembarcou, e conquistou a famosa Cidade de Ceuta, defendida de huma guarniçaõ numerosa, que nella deo tantas batalhas, quantas foraõ as portas, os passos, as ruas, que disputou aos nossos, e nos vendeo a troco mais de fadigas, que de sangue. Faz-se incrivel que, no meio de tantos perigos, só morressem oito dos nossos, cinco na porta, que rompeo Vasco Fernandes de Ataide, e trez dentro na Cidade, que foraõ o mesmo Ataide, o Alferes D. Henrique

de

de Noronha, e hum soldado ordinario. O número dos Mouros, que faltáraõ he incerto, ainda que alguns dizem dez mil, que os nossos naõ gastáraõ o tempo em contar, senaõ em lançar ás ondas a grande multidaõ dos seus cadaveres, que bordavaõ as praias do desembarque, e estavaõ amontoados por todas as ruas da Praça, para evitarem os effeitos da corrupçaõ. Seguio-se o saque, em que a trópa, mais transportada do furor, que da cubiça, estragou generos, drogas, e especiarias preciosas, de que estava recheada huma Cidade, que era o porto universal do Commercio, aonde as Nações da Europa vinhaõ buscar as producções estimaveis do Oriente, que alli se conduziaõ de Alexandria, de Damasco, de Egypto, da Libia, e de outros lugares apartados, entaõ desconhecidos aos habitadores do nosso continente.

Era vulg.

Tanto que El-Rei se vio senhor da Cidade, mandou dar parte da sua victoria ao Governador de Tarifa Martim Fernandes Portocarreiro, que fez

Era vulg. a mais alta eſtimaçaõ deſta benignidade Real, e quiz vir a Ceuta em peſſoa para agradecella. O meſmo aviſo fez a D. Fernando, Rei de Aragaõ, inſinuando-lhe quanto deſejava acompanhallo na guerra dos Mouros com as ſuas armas, eſpecialmente ſe elle emprehendeſſe a conquiſta do Reino de Granada. A meſma attençaõ teve com o Rei de Caſtella; e dadas eſtas novas de tanto goſto, e intereſſe para a Chriſtandade de Heſpanha, no dia ſeguinte ao do rendimento da Praça, determinou El-Rei purificar a Meſquita Maior das expiações barbaras, e ridiculas dos Agarenos para dar nella graças a Deos por tamanha victoria, ſuccedida a 21 de Agoſto. Eſta acçaõ pia ſe interrompeo, e naõ pode ſer executada, ſenaõ no Domingo ſeguinte, 25 do meſmo mez, por apparecerem á viſta da Praça numeroſas partidas de Mouros, que os noſſos ſahiaõ a receber; mas obſervando, que os ſeus deſignios naõ eraõ outros, que os de dar á Pátria as ultimas deſpedidas, elles ſenaõ movêraõ mais, e cuidáraõ

em

em practicar os devidos actos de Religiaõ, como cultos de agradecimento ao Senhor dos exercitos.

Era vulg.

Feita huma solemne Procissaõ, se entrou a purificar a Mesquita, que depois foi Cathedral, com as ceremonias, que a Igreja determina, e foi dedicada ao Mysterio da Assumpçaõ da Senhora. Assistíraõ a estes actos, e ao *Te Deum*, que foi cantado por todo o Clero revestido de ornamentos riquissimos, El-Rei, os Infantes, e toda a Nobreza, no fim dos quaes feriraõ os ares os instrumentos bellicos, e se seguio huma Homilia eloquente, propria da acçaõ, que recitou o Mestre Fr. Joaõ de Xira. Depois foi celebrado o Sacrificio da Missa com tantas lagrimas de ternura dos Principes, e de todos os assistentes, que bem mostravaõ serem os Portuguezes huns homens taõ sensiveis, quando prostrados aos pés de Deos, quanto inexoraveis no furor das armas sobre os inimigos do seu nome. Concluio-se a acçaõ com a brilhante ceremonia de serem armados Cavalleiros por El-Rei, segundo a ordem

Era vulg. dem dos nascimentos, os Infantes, e o Conde de Barcellos. Depois todas estas mãos Reaes se occupárao, e cançárao todo aquelle dia em conferir a mesma honra a tantos Fidalgos, e Officiaes benemeritos, quantos na conquista de Ceuta haviao coroado com heroicidade as suas façanhas precedentes.

Que destino se havia dar a Praça tao importante, foi o assumpto, que principiou a occupar os pensamentos do Rei, e quiz ouvir os do seu Conselho. Nao forao poucos os que impugnárao a sua conservaçao em huma terra de inimigos, muito apartada de Lisboa; que pedia huma guarniçao fórte, despezas grossas, e contínuas. Prevaleceo porém o voto, a que se encostárao o Rei, e os Princípes: Que aquella conquista se emprehendêra para gloria de Deos; que por essa mesma razao se devia conservar: que diria o mundo, quando depois de tantas fadigas, tantos perigos, tantos gastos, o Rei de Portugal se aballára com todo o poder dos seus Reinos para

ra arrasar quatro paredes em Africa? Como seria possivel, depois de ter na sua maõ a Chave desta parte do Mundo, e das portas de Hespanha, abandonalla aos inimigos para lhes deixar a elles a entrada franca, para a fechar aos Christãos, que a Providencia em alguma Época quereria fazer senhores daquellas terras barbaras? Era vulg.

Estes, e outros semelhantes modos de pensar, fizeraõ resolver El-Rei a conservar Ceuta, que quizera encarregar ao valor, e experiencias do Condestavel, ou de Gonçalo Vasques Coutinho; mas ambos modestamente se escusáraõ: o primeiro, porque avançado em annos, já andava resoluto a abater as vaidades do seculo, enterrandose em vida no Convento do Carmo de Lisboa: o segundo com o mesmo pretexto da velhice, acompanhada de muitos achaques. Pôz El-Rei os olhos em Martim Affonso de Mello, que sugerido por dous criados seus, destes que nas casas dos senhores fazem o papel de validos, naõ acceitou a mercê Real; mas os criados, que dissua-

Era vulg. ſuadíraõ o amor, porque naõ queriaõ ficar em Ceuta, foraõ os primeiros nomeados para a ſua guarniçaõ. O bravo D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, que ſoube quanto El-Rei paſſára com eſtes Fidalgos, ſe veio offerecer para governar a Praça, que diſſe lhe baſtava para a defender hum páo de zambujo, que acaſo levava na maõ. Ao exemplo do Conde, ſe offereceo tambem para o acompanhar o valeroſo Ruy de Souſa com 40 homens ſeus; e depois outros Fidalgos, que na aula daquelle grande Meſtre, encantoados neſta lingua de Africa, obráraõ em muitos annos tantas gentilezas, que o mundo ainda as ouve com veneraçaõ, e vaõ occupando em todas as idades as cem boccas da Fama.

Depois del Rei agradecer ao Conde, e a Ruy de Souſa o ſeu zelo com expreſsões mais ſignificantes das que ſaõ proprias de hum Rei para os ſeus vaſſallos, nomeou 300 homens, que encarregou ao Monteiro Mór, Lopo Vaz de Caſtello-Branco, e ordenou aos Infantes eſcolheſſem da ſua gente

a

a que lhe parecesse mais habil para ficar de guarniçaõ em Ceuta. Os dous Infantes D. Duarte, e D. Henrique, nomeáraõ cada qual outros 300 homens, que o primeiro entregou ao commandamento do mesmo Conde, e o segundo ao de Joaõ Pereira o Agostim. O Infante D. Pedro deixou 250 a cargo de Gonçalo Nunes Barreto, parente do Conde, que em acções de grande valor desempenhou bem a qualidade do seu illustre sangue. Os outros córpos destinados á defensa da Praça, e tirados do commum do exercito, foi a melhor gente do Alem-Téjo ás órdens de Manoel Mendes Cerveira: seis centos Bésteiros, que mandava o seu Anadel Mór, Alvaro Annes Cernache, e aos Fidalgos voluntarios se encarregáraõ com outras partidas as guardas das pórtas, das torres, e lugares de mais perigo; de sórte que no número, e na qualidade ficou respeitavel a guarniçaõ de Ceuta.

Era vulg.

CA-

CAPITULO IV.

Como dispostas as cousas de Ceuta, El-Rei se fez na volta de Portugal, e dos mais successos deste tempo.

ENCARREGADO o Conde D. Pedro de Menezes do governo de Ceuta, que a 5 de Março de 1421 foi criada Episcopal pelo Papa Martinho V., e nomeado seu primeiro Bispo Fr. Aymaro, que o era titular de Marrocos, e fora Confessor da Rainha D. Filippa. Fez El-Rei aprestar a armada, que havia partir para Lisboa no dia dous de Setembro. Elle se esqueceo da Magestade para se despedir derramando ternuras sobre os vassallos dignos, que deixava mettidos em occasiões de tanta honra, e lhes quiz anticipar com a muita, que lhe fez. Embarcáraõ os que haviaõ partir, e dado o final de levar, soltáraõ as vélas com saudade dos que ficavaõ, invejas dos que hiaõ, e com viagem feliz, toda a armada deo fundo sobre a barra da Cidade de

Ta-

Tavíra, no Algarve, El-Rei saltou em terra com os Infantes, que foraõ recebidos entre acclamações; e despedida a armada para Lisboa, elles fizeraõ por terra a jornada de Evora, aonde os esperavaõ os Infantes D. Joaõ, D. Fernando, e D. Isabel com o Mestre de Avís, Governador do Reino, a quem elles ficáraõ encarregados. Era vulg.

A primeira acçaõ del-Rei nesta Cidade, que se deixára occupar de júbilos extremos, foi a de assistir na sua Cathedral ás públicas acções de graças, que os seus votos encaminháraõ ao Ceo, pelos beneficios recebidos em huma expediçaõ, para elle de tanta gloria, que aos titulos de Rei de Portugal, e do Algarve, ajuntou o de Senhor de Ceuta. Theatro famoso de acções militares até á perda da liberdade do Reino; e unica das nossas Praças, que depois da Acclamaçaõ do Rei D. Joaõ IV. ficou no poder de Hespanha, naõ só pela razaõ de estar entaõ governada por hum Official Castelhano; mas porque o Marquez de Eliche na Paz de 1668, sendo Plenipoten-

Era vulg. tenciario de Filippe IV.; e tendo inſtrucções ſecretas para convir na ſua reſtituiçaõ, fez os Officios com tanta dexteridade, que conſeguio ficar no dominio de Heſpanha, que com acções glorioſas a tem conſervado, e poſſue até ao preſente com outros preſidios em Africa.

Para tratar daqui em diante individualmente as acções ſublimes, que no eſpaço de 22 annos obrou em Ceuta o Conde D. Pedro, Progenitor da Caſa de Villa Real, Heróe ſuperior a muitos, nas façanhas ſó a ſi igual; aſſim como as fez a ſua inimitavel eſpada, era neceſſario, que as eſcreveſſe huma ſingular penna. Aſſim que os Mouros viraõ levar a armada, cuidáraõ tanto em lhe naõ dar ſocego, que no dia ſeguinte vieraõ muitos ſobre a Cidade, donde foi preciſo ſahir para lhe moſtrarmos, que naõ os temiamos, nem os noſſos braços ſe haviaõ occupar em defender-ſe nos muros, ſem virmos caſtigar-lhe as ſuas confianças no campo. Bem o experimentáraõ elles nos dous primeiros encontros, em

em que o cedêraõ ao noſſo valor, taõ coberto de mortos, e regado de ſangue, que algum tempo ſe abſtivêraõ de medir as armas, que quanto mais multiplicavaõ o número, maior reputaçaõ davaõ ás noſſas victorias.

Era vulg.

Entaõ o Conde, para deſembaraçar a campanha, ſahio em peſſoa a cortar nos redores da Praça os arvoredos, que podiaõ facilitar as emboſcadas; a arraſar os muros, e vallas das fazendas, que impediaõ os paſſos; a demolir hum Palacio, que tinhaõ de recreio os Reis de Féz. Eſtrago dos Mouros taõ ſentido, que vinte dias contínuos o quizeraõ deſpicar com aſſaltos ſobre a Cidade, laſtimados da perda, ou ſentidos da injúria. Naõ podéraõ conter-ſe os Portuguezes ſem lhes moſtrarem a ſua corage fóra dos muros, aonde o alentado Abú, que mandava os Mouros, depois de ſe conduzir como bom Official, tanto ſe deixou penetrar da morte, que demos a ſeu ſobrinho o bravo Almançor, e aos melhores dos ſeus ſoldados, que nos deixou nas mãos huma glorioſa victo-

Era vulg. ctoria, e a Praça desaffombrada de tantas impertinentes visitas.

Coroárao os nossos Fronteiros de Africa os successos deste anno, que vou tratando, com a tomada dos dous Lugares de Val de Laranjo, e de Bulhões, donde se recolhêrao reputados, e ricos. A expediçao do primeiro marchárao cem homens escolhidos, que assaltárao a povoaçao no maior silencio da noite, e quando se recolhiao com huma preza importante de gados, e outros generos, forao atacados com o vigor pelos moradores dos Póvos visinhos. Elles vierao na marcha sustentando a defensiva com toda a ordem, até que forao soccorridos por Gil Lourenço de Elvas, e depois pelo mesmo Conde, que os conduzírao á Praça com todos os despojos, sem a perda de hum só homem. O Lugar do Valle de Bulhões era o mais principal, povoado de Mouros illustres, que outros cem dos nossos investírao em huma madrugada com morte de muitos, prisao de alguns, e fugida dos mais. Avisado Abu deste insulto, correo em seu soc-

ſoccorro, e pôz em grande conſternaçaõ na retirada aos noſſos, que ſendo ſoccorridos por Gonçalo Nunes Barreto, Pedro Gonçalves Malafaya, e Joanne Annes Rapoſo, voltáraõ caras aos inimigos, que derrotáraõ com perda de muitos mortos, e cativos.

Era vulg.

Se a conquiſta de Ceuta foi huma Época glorioſa para o Rei D. Joaõ I., naõ o he menor para o ſeu credito a aboliçaõ, que elle fez no ſeu Reino da Era de Heſpanha, maneira de contar, a que ſe ſugeitáraõ os Heſpanhoes antigos em obſequio ao Imperador Auguſto Ceſar, e que por ella datavaõ os ſeus Actos conformes aos annos do reinado daquelle Imperador. Entendem os noſſos Authores, que eſta vóz *Era* ſe deriva da palavra Latina *Æs*, que ſignifica cobre, ou moeda; fundandoſe no tributo, que os Heſpanhoes, e as outras Nações foraõ obrigadas pagar a Auguſto. Outros Eſcritores preſumem, que os antigos tinhaõ coſtume de eſcrever em abreviaçaõ eſtas palavras *Annus Erat Regnantis Auguſti*, que declaravaõ conforme ao anno, em

que

Era vulg. que elles viviaõ, pondo nesta fórma as letras iniciaes A, E, R, A, que reunidas compunhaõ a vóz Latina *Æra*, depois geralmente introduzida nos Póvos do Universo. Tambem se póde entender, que a palavra *Æra* traz a sua origem das vozes Latinas *Ab Exordio Regni Augusti*, como se assim quizessem as gentes consagrar os primeiros annos do reinado daquelle Principe feliz.

Mas sem eu me fatigar na discussaõ desta origem, só direi pelo que pertence á minha Historia, que D. Pedro IV., Rei de Aragaõ, foi o primeiro Monarca, que no anno de 1350 abolio nos seus Estados a Era de Hespanha; que o mesmo se fez em Valença no de 1358; em Castella no de 1383; agora em Portugal neste de 1415, para derrotar huma Era 38 annos anterior ao modo de contar de todos os paizes Christãos. Como era mais conveniente, e honroso aos Póvos, que tinhaõ recebido o Evangelho, datar os seus Actos pelo ponto da Época luminosa do Nascimento de Chris-

to,

to, ſegundo o coſtume da Igreja Romana, que naõ pela Era de Auguſto Ceſar: El-Rei ordenou ſe ſeguiſſe eſte methodo, que evitava hum grande número de embaraços, inevitaveis nos negocios, e no Commercio entre as Nações.

Era vulg.

Naõ eſtavaõ ocioſos os Fronteiros de Ceuta, que nos trez annos primeiros depois da ſua expugnaçaõ ſopportáraõ com conſtancia incrivel o peſo de huma guerra impertinente, em que o número dos combates excedia o dos dias. Ordinariamente elles principiavaõ na Praça repelões, que no campo acabavaõ batalha, com tanta reputaçaõ do Conde, e gloria das noſſas armas, que de muitas Nações da Europa vinhaõ bravos Aventureiros matricular-ſe em Ceuta nas noſſas Aulas militares. Entre a multidaõ deſtes encontros até ao primeiro ſitio da Praça, que logo eſcreveremos, foraõ célebres o da expugnaçaõ da Aldea de Albegual, aonde deſpicamos a perda de Pedro Lopes de Azevedo, e de Vaſco Riocaldo, que nos matáraõ, atafca-

1418

Era vulg. dos os ſeus cavallos em hum atoleiro; com a morte de cem Mouros, correndo o anno de 1416. As ſucceſſivas eſcaramuças, com que em 1417 derrotamos hum corpo de 25000 infantes, e 20000 cavallos, que por vezes inveſtíraõ a Praça, e outras tantas vencemos no campo com igual perda ſua, e honra noſſa. Depois em todo o Veraõ as ſahidas contínuas, com que inſultamos os Mouros viſinhos, ſempre com grande perda das ſuas vidas, e fazendas.

Informado della o Rei de Féz, e que neſtes combates ſempre o damno era dos Mouros, reſolveo-ſe a mandar hum Capitaõ famoſo, que com exercito conſideravel refreaſſe o noſſo orgulho, em quanto elle naõ ſe punha em eſtado de vir ſobre a Praça em peſſoa. A maior parte deſta gente ſe ſoblevou na marcha, e matou o Chéfe; ficando o campo livre para invadirmos, e ſaquearmos o lugar de Almarca. Quizeraõ os noſſos deſcançar das fadigas da marcha, do peſo dos deſpojos, e o fizeraõ ſem ordem fiados no reſpei-

peito da victoria, como se no Paiz inimigo a arte militar consentisse esta relaxaçaõ da disciplina, que nos custou a vida de quarenta e dois homens, com rotura do respeito das nossas armas, até entaõ estimadas invenciveis. Souberaõ os Mouros derrotados aproveitar-se do nosso desacordo para reunir-se, e causar-nos hum dia fatal, quando podera ser o mais feliz, se a ambiçaõ, ou a inveja, naõ tivesse a melhor parte neste primeiro infortunio em Africa. Intentou despicallo o Conde, que sahio com hum grosso destacamento; mas talando cinco legoas de terra, que achou despovoada, se recolheo sem cativos, nem despojos, sentido de lhe faltar conjunctura para lisongear o valor de hum grande Senhor Allemaõ, parente do Imperador Sigismundo, que atrahido do estrondo da fama do nosso Chéfe, veio a Ceuta com muitos Fidalgos da sua Naçaõ aprender com aquelle grande Mestre os rudimentos da guerra.

Era vulg.

As discordias civis entre os Mouros, especialmente as que tinhaõ o

Era vulg. Rei de Féz, e hum de seus irmãos, haviaõ sido até agora a causa delles naõ admittirem a alliança com o Rei de Granada, que lhes propunha a restauraçaõ de Ceuta; que lha largariaõ, porque elle a podia defender melhor por mar, e terra, e que por esta Praça lhes daria hum equivalente vantajoso. Como tinhaõ cessado as revoltas, o partido de Granada foi acceito, e em Africa, e Hespanha principiavaõ a mover-se armas innumeraveis contra o nosso presidio, que tinha na sua testa hum Herõe, que conhecendo o medo para o desprezar, nada o assustava o ruido de tanto poder conjurado para o seu damno. Elle, com rosto alegre, animou os companheiros da sua fortuna, contando-lhes o numero dos Mouros, que quanto fosse mais crescido, tanto mais lhes multiplicaria trofeos despedaçados para varrerem a campanha de Ceuta. A 11 de Agosto principiáraõ os Mouros a ser vistos da Praça; e porque o Conde desejava informar-se das suas forças, mandou embarcar a Diogo Vasques Porto-

car-

carreiro para ir saltar nas faldas de hum monte, sobir ao cume, que descobria todo o campo dos barbaros, e informallo do que observasse. Elle voltou com a informação, de que os Mouros não tinhão número; que parecia se despovoára Africa; que todos animassem o valor na certeza, de que lhe sobrarião occasiões para se fazerem honrados.

Era vulg.

CAPITULO V.

Do sitio, que os Mouros pozerão sobre a Praça de Ceuta, que forão obrigados a levantar pelo valor do Conde, e soccorro dos Infantes.

NAõ podião sopportar os Mouros o pesado freio, que havia tres annos lhes deitamos com o rendimento de Ceuta, que não podêrão levar por meio de tantas sobprezas intentadas, e resolvêrão sitiallа por terra com todas as suas forças, auxiliadas no mar pelas do Rei de Granada. O incançavel Conde, depois de prevenir quanto era preci-

Era vulg. ciso para se defender dos Africanos, guarneceo o porto de Almina, por onde esperava o desembarque dos Granadinos. Quando os primeiros principiavaõ a dar-nos violentos repelões, appareceo a armada dos segundos, que naõ quizeraõ perder tempo em provar a nossa corage, geralmente assaltada por todas as forças unidas. Nesta primeira occasiaõ mostráraõ os nossos aos barbaros o que tinhaõ, que esperar delles em todas as futuras. Como a chusma era monstruosa, especialmente a que investio a porta da Barreira, a nossa artelharia já entaõ bem servida, e as muitas armas de arremeço, que mandou arrojar, e disparar o Conde, fez nelles tal estrago, que os montes dos mortos podiaõ servir de escada aos vivos.

Vencido o desembarque, se fez mais geral o assalto, que passou a espantoso na torre de Féz, e sobre a Couraça, que defendia Gonçalo Velho, depois Commendador de Almourol. Este bravo Fidalgo com hum só camarada se fez forte em hum alto contra

tra todo o poder dos Mouros por aquella parte, donde foi soccorrido pelo Conde, que tresbordando alegria, se receava de vêr correr o seu illustre sangue. Entaõ recobrou Gonçalo Velho o posto, que sustentou todo o dia, naõ só rodeado de valentes Cavalleiros; mas de Damas especiosas, que enganando o sexo com o trage, e o valor, nada as distinguia dos Heróes. A noite apartou os combatentes dos combatidos, estes cheios de reputaçaõ, e gloria, aquelles cobertos de ignominia, e affronta.

Era vulg.

Hum dia descançáraõ os Barbaros para apertar as feridas; e no da Assumpçaõ da Senhora, sempre fausto para El-Rei D. Joaõ I., se preparou o theatro para outra representaçaõ brilhante. Guiava os Barbaros hum Mouro nosso, que fugíra da Praça pelo cano della, que dava lugar a sahirem dous homens de pé perfilados de hombro a hombro. Taõ violento foi o assalto de terra, que os Bésteiros desampar áraõ os muros, e foi necessario, que os Fidalgos, e os Cavalleros corres-

Era vulg. reſſem a ſupprir à ſua falta. O Mouro deſertor, que obſervava eſtas manobras, correo a buſcar o cano com muitos dos mais valeroſos; mas encontrando a oppoſiçaõ de Affonſo Pires, Eſcudeiro do Conde, os deteve ás lançadas, eſperando mais gente, que os rechaçou com mórte dos que ſe tinhaõ avançado até a entrada da Praça. Já alguns dos Mouros haviaõ ferrado os muros della, quando paſſava Martim de Caſtro, que com valor proprio do ſeu ſangue, ſe lançou a elles com fortuna igual á reſoluçaõ; mas a eſte tempo tinhaõ elles vencido o deſembarque, que augmentou o temor no corpo da Praça.

O Conde ſe valeo entaõ da induſtria de mandar perſuadir á guarniçaõ, que elle conſentíra no deſembarque dos Mouros para os colher juntos ſem dividir a gente, que eſperava fizeſſe nos ſeus póſtos a defenſa, que ſe promettia de companheiros taõ honrados. Approveitou eſta diligencia, como ſe podia deſejar; porque animados todos, e lançando-ſe aos perigos, Joaõ Lopes

Era vulg.

pes de Azevedo, e Ruy Vasques Pereira rechaçáraõ o assalto pela parte do mar, fazendo embarcar os Mouros sem acordo; e os que pelo da terra sobiaõ aos muros, se foraõ retirando, com a perda de 30000 vidas, e de innumeraveis feridos. O Conde, e os bravos Cavalleiros, que o dia inteiro sustentáraõ o peso dos Barbaros, matizáraõ a victoria com o seu sangue, e nella, entre outras Heroinas, se fizeraõ célebres Leonor Affonso, Catharina de Sant-Iago, e especialmente a mulher de Ruy Gomes, que ao lado de seu marido, o ajudou em todos os combates com mortes de alguns Mouros, que deixáraõ a vida nas mãos valerosas do seu sexo fragil. Elles se retiráraõ ainda mais corridos, que cortados, deixando no campo o que naõ consummiraõ com o fogo.

Retirado com taõ pouca reputaçaõ hum exercito formidavel, o Conde cuidou em se preparar para nova visita, que esperava com maiores forças, de que fez logo aviso á Corte para ser soccorrido a tempo; por causa da situa-

tua-

Era vulg. tuaçaõ mais critica, em que se achavaõ os negocios pela resoluçaõ de Zalá Benzalá, que se havia declarado vassallo do Rei de Granada. Tanto que em Lisboa foraõ recebidas as Cartas do Conde, ordenou El-Rei aos Infantes D. Duarte, e D. Henrique preparassem o soccorro para Ceuta, que o segundo destes Infantes quiz commandar em pessoa. Quando elle dava todo o calor á jornada, veio noticia, de que os Mouros outra vez se deixáraõ vêr, e que contentes com fazer sobre a Praça algumas evoluções militares, tornáraõ a retirar-se. Entaõ se determinou, que fossem reforçar a guarniçaõ seiscentos homens, que mandava D. Joaõ de Noronha, e com elle se embarcáraõ seu irmaõ D. Fernando, que depois foi Conde de Villa-Real, e genro do Conde Governador de Ceuta, Pedro Vasques de Almada, seu irmaõ Joaõ Vasques da Cunha, Luiz Gonçalves, depois Védor da Fazenda, e Rico-Homem, com outros Fidalgos, que quando chegáraõ á Praça, já encontráraõ nella a Fernaõ de Sá,

Al-

Alcaide Mór do Porto, com alguma gente, e com parte da do Algarve a Carlos Peçanha, filho do Almirante, e a Affonso Vaz da Costa, igualmente attrahidos do fervor do zelo, e do desejo da gloria.

Era vulg.

Como passou hum mez sem apparecerem os Mouros, D. Joaõ de Noronha notava o Conde de demasiadamente circunspecto depois do sitio, e resolveo embarcar-se para o Reino com a sua gente. Elle o fizera se o vento contrario o naõ impedíra, especialmente quando o Conde o avisou para pôr em terra o soccorro, porque víra naquella noite muitos fogos nas montanhas visinhas, que entendia ser o exercito, que vinha sobre a Praça. Zombava D. Joaõ deste recado, arguindo o Conde por se assustar com o fogo, que faziaõ os Pastores na entrada do Inverno, quando da bahia de Gibraltar vio sahir a númerosa fróta de Granada, que navegava em soccorro do exercito de terra. Em quanto D. Joaõ se postava em fórma de resistir, o Almirante Mulei Zaide pojava a arma-

Era vulg. mada ſobre a ponta de Almina para chamar alli toda a defenſa, e facilitar o deſembarque no porto do Barbaçote. Elle logrou o projecto como o penſou, e ſem difficuldade pôz em terra 15Ꝺ000 homens; mas atacados por Luiz Gonçalves de Albergaria, Joaõ das Aguias, Affonſo Pereira, e Nuno de Barros, parárаõ a marcha na face deſtes quatro gigantes de valor. Creſciaõ tanto os Mouros, que os rodeáraõ, quando os noſſos os ſoccorriaõ; e elles animados rompêraõ o centro do eſquadraõ inimigo, ainda que a troco da vida de Joaõ das Aguias, e de huma grande ferida de D. Joaõ de Noronha, de que veio depois a morrer em Almodovar, havendo já degolado ſete Mouros pela ſua maõ.

Soube o exercito de terra, que os noſſos ſe retiravaõ de Almina, e com furor barbaro atacou a Cidade por todas as partes com huma tal multidaõ de homens, que cauſava eſpanto. Muitas vezes ſe vio ella perdida neſte aſſalto temeroſo de cinco horas, em que o meſmo valor ſem deſcanço reſiſtia

com

com milagres de espirito aos Mouros, que a cada instante se revesavaõ. Em fim, taõ cançados elles de se vêr morrer, como nós de os matar, suspendêraõ por aquelle dia o combate para continuarem o sitio com outras formalidades. O impavído Conde, em quanto elle durou, andava pelo muro taõ alegre, que bastava o semblante para animar os homens; o desprezo dos perigos para se conhecer o valor da gloria; a serenidade do animo para multiplicar os triunfos. Sabido no Reino o aperto de Ceuta, os Infantes D. Henrique, e D. Joaõ se embarcáraõ em huma grossa armada para a soccorrer, e o Infante D. Pedro foi mandado com seu irmaõ D. Duarte ao Algarve para estarem mais visinhos ás occurrencias de maior necessidade. O Rei de Granada estava em Gibraltar com a resoluçaõ de ir em pessoa ao sitio, quando embocou o Estreito a nossa armada, de que fez aviso aos sitiantes com muitos fogos, que elles contáraõ por outro tanto número de navios Portuguezes: conceito, que pôz o seu campo

Era vulg.

no

Era vulg. no maior desacordo, e a Mulei Zaide no cuidado de salvar a sua fróta.

Os nossos, que pelo movimento dos Mouros entendêraõ lhes chegava o soccorro, contra o parecer do Conde, sahíraõ muitos pela parte de Almina, e travâraõ huma pesada escaramuça, em que Mulei Zaide teve a vantagem de nos fazer recuar duas vezes. Ignorava o Conde a nossa retirada, quando se resolveo a vir com D. Joaõ de Noronha, e o grosso da gente ao campo, aonde entaõ acabou batalha a que principiou escaramuça. Obráraõ os nossos proezas inauditas, e o Conde, rota a lança, e morto o cavallo, brigava a pé com a espada na maõ, como leaõ indomito, que se fazia invejar de amigos, e contrarios. Sueiro da Costa, que foi Alcaide Mór de Lagos, naõ lhe fazia falta huma maõ cortada, para com a outra deixar de dar golpes espantosos. Assim se conduziaõ os mais cavalleiros, e soldados, até que a morte de Mulei Zaide declarou a victoria. De todo o seu exercito apenas pode huma galé levar

cin-

cincoenta homens a Gibraltar; que o resto, ou se lançou ás ondas, que o tragavaõ, ou foi passado aos fios das nossas espadas. Como as galés haviaõ ido áquella Praça para conduzir o Rei de Granada, os navios ligeiros buscáraõ a contra-costa de Almina, aonde os atacáraõ as nossas fustas, que rendêraõ muitos.

Eta vulg.

Acabada a funçaõ chegáraõ os Infantes, que immediatamente desembarcáraõ, viraõ o campo coberto de grande número de cadaveres, e tiveraõ o gosto de assistir á entrada na Praça de 1&900 prisioneiros, que fizemos no combate; mas contrapezados de naõ se acharem em pessoa neste honrado feito. O alentado Abú, que quiz soccorrer os de Granada, tambem perdeo a vida; e como os barbaros de Africa tinhaõ todas as esperanças nos Granadinos destroçados, depois de quatorze dias de trincheira aberta, aterrados da sua ruina, levantáraõ com precipitaçaõ o sitio da terra. Rodeado desta gloria, e cheio de reputaçaõ acháraõ os Infantes ao Conde, que

com

Era vulg. com o rendimento mais humiliante lhes offereceo as chaves do Castello, que elles naõ quizeraõ acceitar, protestando que na sua maõ valerosa estavaõ com tanta dignidade, como nas suas Reaes, e que os Infantes de Portugal naõ escolhiaõ outro quartel em Ceuta, senaõ a casa do seu Chéfe, que acantoado em huma ponta de Africa, honrava a Pátria com o pregaõ da Fama em todo o mundo. O Conde estimou esta mercê dos Infantes como devêra, e no serviço de taõ altos hospedes mostrou, que a sua liberalidade tinha a mesma estatura do seu valor.

Desejavaõ os Infantes assignalar-se em alguma empreza, por naõ chegarem a tempo de ser authores do levantamento do sitio, e se resolvêraõ a atacar Gibraltar, sem haver instancia que os desviasse deste projecto. Huma tempestade no Estreito, que por muitos dias desgarrou a armada, foi o unico obstaculo; porque voltando a Ceuta para se refazerem, achâraõ ordens apertadas del Rei seu pai, que mandava se recolhessem sem demora.

Ce-

Cedeo o valor á obediencia, e na viagem os assaltou outra tormenta, em que se perdêraõ dous navios com morte de bastante gente, e do Alcaide Mór de Alenquer, Ruy Gomes de Azevedo: primeiro ensaio do Oceano, que no discurso dos seculos tinha de ser sepultura de innumeraveis Portuguezes, como se delles se quizesse vingar em castigo de lhe devaçarem os seus recostos, golfos, e enseadas mais remotas; navegaçaõ a que nós vamos dar principio no Capitulo seguinte debaixo dos auspicios do Infante D. Henrique, juntamente com a retirada, que o Condestavel fez do mundo para o Claustro.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Primeiro descobrimento do Infante D. Henrique na vida del Rei seu pai, e retiro do Condestavel para o Convento do Carmo de Lisboa.

1419 NAS duas viagens que fez a Ceuta o Infante D. Henrique, Duque de Viseo, Mestre da Ordem de Christo, Principe taõ santo, sábio, e amante do Reino, que todos os obsequios, que se tributaõ á sua memoria, saõ agradecimentos mal talhados para a corpulencia da nossa dívida. Elle se informou dos Mouros de Féz, e Marrocos, da Costa, e continente de Africa, das gentes, e Nações, que os habitavaõ até ao Cabo de Naõ, aquelle Promontorio taõ horroroso, que já entaõ se dizia em Hespanha: Quem for ao Cabo de Naõ ou voltará, ou naõ. Neste mesmo anno, que foi o em que elle se recolheo do soccorro, que levou a Ceuta, fiado nas illustrações sublimes do seu espirito, que naõ se acom-

com-

commodava ás opiniões dos antigos, ignorantes da habitaçaõ dos Paizes além da Linha, mandou descobrir a Costa de Africa com instrucções de se passar além do Cabo de Naõ. Gil Eanes, que mandava esta expediçaõ, como se dirá em seu lugar, montou o Promontorio, e com admiraçaõ de Hespanha dobrou o Cabo Bojador, que assim se chama por começar a incurvar a terra de muito longe; e como a respeito da Cósta atraz descoberta, lança, e boja para aloeste perto de quarenta legoas, deste muito bojar se lhe deo o nome de Bojador.

Era vulg.

Occupado destes designios, o Infante, com beneplacito del Rei, mudou a sua residencia para o Algarve, lugar proprio para as navegações, e para a vocaçaõ do espirito, que queria occupado nas abstracções, no estudo, na applicaçaõ dos meios para os seus intentos sublimes. Elle escolheo o sitio mais alto do Promontorio Sacro, já chamado de S. Vicente, donde nada occulta o Horisonte sensivel, e que leva a vista sobre toda a circunferencia

Era vulg. do Oceano, até onde parece que elle ſe une com o Ceo. Aqui fez edificar a Villa de Sagres, que muitos annos foi chamada a Villa do Infante, para proſeguir della os deſcobrimentos além do Cabo Bojador, muito adiante dos ſeus 26 gráos, e 23 minutos de Latitude, e dos quatro gráos de Longitude. Joaõ Gonçalves Zarco, e Triſtaõ Vaz, dous cavalleiros da Caſa do Infante, que ſabiaõ os deſejos de ſeu Amo, ſe lhe offerecêraõ para os executar a todo o riſco, como inſtrumentos para a gloria de Deos na abertura do caminho, que levaſſe aos Infieis a ſua palavra.

Embarcáraõ-ſe os dous Argonautas em hum pequeno navio, demandando a Cóſta de Africa; mas antes de chegar a ella, o mar empolado os conduzio á deſcriçaõ a huma Ilha deſerta, que elles chamáraõ do *Porto Santo*, por ſer o lugar que os livrou do naufragio, ſituada aos 33 gráos, e ſete minutos de Latitude, e aos dous gráos, e 10 minutos de Longitude, com cinco legoas de comprido, e duas de lar-

largo, dez legoas ao Nordeſte, e pouco mais ao Leſte da Ilha da Madeira. Daqui voltáraõ elles ao Reino, trazendo nas plantas, hervas, e outras producções os ſinais da nova terra, que deixavaõ deſcoberta, e que o Infante eſtimou como preſagio feliz de mais avançados progreſſos. Os meſmos Fidalgos ſe offerecêraõ para tornar a ella, e povoalla, mais animados com a informaçaõ, que lhes déra hum Piloto Caſtelhano, chamado Joaõ de Morales, de outra Ilha, aonde o Inglez Machim ſe ſalvou com a ſua Dama dos perigos do mar para acabarem laſtimoſamente fugitivos a Tragedia dos ſeus amores, que deo aſſumpto a huma das Epanaphoras elegantes de D. Franciſco Manoel.

Era vulg.

Para a meſma viagem ſe offereceo Bartholomeo Pereſtrello, Fidalgo qualificado da Caſa do Infante D. Joaõ; cada hum dos tres em ſeu navio, acompanhados do meſmo Piloto Joaõ de Morales, e com viagem feliz chegáraõ á Ilha do Porto Santo. Dizem, que Bartholomeo Pereſtrello depois de traba-

1420

lhar

Era vulg. lhar algum tempo na sua povoaçaõ, voltára ao Reino, e que o Infante lhe déra a capitanía da mesma Ilha sómente na sua vida: mercê, que passou a perpetua no anno de 1446, e continuou nos descendentes de Pedro Correa, genro de Bartholomeo Perestrello. Joaõ Gonçalves, e Tristaõ Vaz, que inferiaõ ser terra huma grande sombra, que descobriaõ do Porto Santo, apenas chegáraõ foraõ em sua demanda, com a felicidade da achar a estimavel Ilha da Madeira; assim chamada em razaõ dos seus multos, e copados arvoredos, taõ fertil em grãos, fructos, e bons vinhos, que por muito tempo lhe déraõ o nome de Rainha das Ilhas. Antes de chegar a ella os descobridores, avistáraõ hum Cabo, que chamáraõ de S. Lourenço em memoria deste Santo, que invocáraõ para Protector da sua expediçaõ, aonde desembarcáraõ, cada qual por seu lado da mesma ponta da terra para a penetrarem.

Joaõ Gonçalves Zarco foi dar a huma lapa, em que se recolhiaõ os lobos

ma-

marinhos, que foi dita *Camara de Lobos*. Appellido, que tomáraõ os seus Descendentes, e hoje comprehende muitas das casas illustres de Portugal. A parte principal desta Ilha he a do Funchal, que olha para o Sul, e tomou o nome do muito funcho, que alli criava a terra antes de ser cultivada, e do grande incendio, em que o fogo achou materia para arder sete annos contínuos. El-Rei D. Affonso V. mandou no anno de 1451 fundar a Villa do Funchal, que D. Manoel fez Cidade a 21 de Agosto de 1508. Tristaõ Vaz pela sua parte foi dar a Machico, aonde estava a sepultura, e Epitaphio escrito na cortiça das arvores do Inglez infeliz Machim; e o Infante, em attençaõ aos serviços deste honrado Fidalgo, que em náda merecia menos que Joaõ Gonçalves Zarco, no anno de 1441 lhe fez mercê da Villa de Machico, que depois delle possuíraõ seu filho, e neto, ambos chamados Tristaõ Teixeira, dos de Villa Real, e ultimamente seu bisneto Diogo Teixeira, que morrendo sem succes-

Era vulg.

Era vulg. cessaõ, El-Rei D. Joaõ III. a deo entaõ a Antonio da Silveira em premio da defensa gentil, que fez na Praça de Dio, e hoje anda na casa dos Marquezes de Valença, assim como a Capitania do Funchal na dos Condes da Calheta.

Neste mesmo anno começou a Ilha a ser povoada, e depois se mostrou taõ fertil, que só de vinhos se embarcaõ cada anno mais de 20$000 pipas, e em 150 engenhos de assucar se tiravaõ de quinto 60$000 arrobas. Para dizer neste lugar tudo o que pertence a esta Ilha, o Infante mandou fundar em Machico a Igreja do Salvador, por ser ella do Mestrado de Christo, no mesmo sitio aonde se acháraõ os ossos dos dous amantes Inglezes Roberto Machim, e Anna de Harfet. A segunda da parte do Funchal, foi a de Nossa Senhora da Natividade, que chamaõ do Calháo, por estar fundada junto ao mar na margem de hum rio, no mesmo lugar aonde desembarcou Joaõ Gonçalves Zarco, que tambem fundou a Ermida da Senhora da Concei-

ceiçaõ, depois Convento de Religiosas de Santa Clara, feito a expensas de seu filho. Ha na Ilha 139 Igrejas Parrochias, entrando a Cathedral, sete Collegiadas, e mais de 250 Templos, e Ermidas, comprehendidos quatro Conventos de S. Francisco, hum Hospicio de Carmelitas, dous Mosteiros de Claristas, hum recolhimento, quatro Casas de Misericordia, e hum Collegio, que foi dos Jesuitas. Ha nella mais de 10$500 fógos, que se repartem por 40$000 pessoas maiores, e povoaõ o seu terreno espaçoso de dezoito legoas de Leste a Oeste, e oito de Nórte a Sul, ainda que em algumas partes se estreita. Era vulg.

Em 1514 o Papa Leaõ X., á instancia do Rei D. Manoel, criou primeiro Bispo da Ilha da Madeira a D. Diogo Pinheiro, Vigario de Thomar, ou seu D. Prior, que tinha jurisdiçaõ sobre as terras da Ordem de Christo, em que entravaõ as descobertas, e conquistadas, assim nesta Época, como nas seguintes: Jurisdiçaõ, que veio a extender-se ás Ilhas de Porto-

San-

Era vulg. Santo, Madeira, Deserta, dos Açores, Cabo Verde, Costa de Africa, e Guiné, Arguim, S. Jorge da Mina, Congo, Angola, S. Thomé, India Oriental, e ultimamente ao Brasil. Em tempo do Rei D. Joaõ III. o Bispado do Funchal foi erecto em Arcebispado por Bulla de Clemente VII., que confirmou Paulo III., passada em 1539, e destinados para seus Suffraganeos quatro Bispados, que foraõ o de Angra, o de Cabo Verde, o de Santo Thomé, e o de Goa. D. Martinho, irmaõ do primeiro Conde do Vimioso, foi o primeiro Arcebispo do Funchal; mas no reinado do mesmo D. Joaõ III., e anno de 1550, por Bulla de Julio III. se separáraõ deste Arcebispado todas as terras suffraganeas, que ficáraõ sugeitas ao de Lisboa, em quanto se naõ erigíaõ as Metropoles da Bahia, e de Goa. Por esta nova fórma tornou o Funchal a ficar Bispado, que só comprehendia as Ilhas da Madeira, Porto-Santo, Deserta, e Arguim, que hoje naõ nos pertence.

Os Portuguezes, já instruidos pelo In-

Infante D. Henrique a governar as suas navegações pelo curso dos Astros, e conforme o uso do Astrolabio, de tal sórte se aperfeiçoáraõ, que nós iremos vendo nos seus lugares chronologicos os grandes descobrimentos, e conquistas, que elles vieraõ a fazer na Cósta de Africa, nas Ilhas do Oceano, nos dous Continentes vastos da Asia, e America, com huma extensaõ taõ longa de Paizes, que se faz incrivel os podesse render, e conservar tantos annos com reputaçaõ, e gloria huma Naçaõ das de menos número, encantoada nos fins da terra em hum dos recóstos mais pequenos da Europa.

Era vulg.

Quando os Portuguezes assim trabalhavaõ por sobmetella, o seu heroico Condestavel D. Nuno Alvares Pereira cuidava em desprezalla. Foi grande a impressaõ, que causára no seu espirito a extemporanea mórte de sua filha, a Condeça D. Brites, mulher do Conde de Barcellos, D. Affonso, que acabára em Chaves, e a que elle fôra authorisar as honras da sepultura em Villa de Conde. Desde entaõ se des-

1423

Era vulg. pegáraõ de todo os seus cuidados do mundo ; e retirado a Villa-Viçosa fazia contínua a sua conversaçaõ no Ceo. Deste retiro doce o arrancáraõ as ordens do seu Rei, quando quiz consultar com elle a jornada de Ceuta; quando o instou para o acompanhar nella, querendo entretello com o governo dáquella importante Cidade. Mas os annos avançados, as fadigas da guerra immensas, os achaques muitos, sobre tudo a alma absorta em Deos, já naõ queria vencer em outros combates, que nos da carne contra o espirito. Elle se embarcou com El-Rei em Ceuta, acompanhou-o de Tavira, aonde desembarcou, até Evora, aonde se despedio; e vivendo comsigo no antigo apartamento de Villa-Viçosa, se foi dispondo para o retiro total do seculo.

Com a idéa de seguir o conselho do Evangelho para ser perfeito, elle traçou aquella disposiçaõ dando tudo, e reservando para si a esperança de possuir cento por hum na Casa do Senhor. Depois de repartir todo o seu movel,

e grossas quantias pelos pobres, tendo de idade 63 annos, e dous mezes, deixou ao mundo, o que era do mundo. A sua neta a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. João, deo as terras de Lousada, Paiva, e Tendães, a Villa de Almada, e as rendas de Loulé: a D. Affonso, Conde de Ourem, seu neto, largou quanto possuia na Provincia da Estremadura com os seus Paços de Lisboa: a D. Fernando, Conde de Arrayollos tambem seu neto, tudo o de que era senhor no Alem-Téjo. Perdoou as dividas, que lhe devião; gratificou a todos os criados, que o servírão, e no anno de que vou tratando, à 15 de Agosto, para o seu Rei, e para elle, dia sempre fausto, vestindo hum pobre Habito da illustre Religião do Carmo, deo o ultimo vale ao Mundo, e se recolheo no Convento, que elle fundára em Lisboa, sem consentir mais nome, que o de Nuno, nem querer outro alimento, que aquelle que pedisse de esmóla.

Era vulg

Affirma-se que El-Rei, e o Infante

te

Era vulg. te D. Duarte informados da aufteridade com que D. Nuno fe tratava, o vifitáraõ, e perfuadíraõ a moderar-fe, e a acceitar huma renda tenue, que lhe arbitráraõ para a fua paffagem; mas que naõ foi poffivel defiftir da refoluçaõ de fer chamado Nuno de Santa Maria, como practicou até a morte. O feu abatimento profundo, daqui em diante, correo folto por todos os ambitos da humildade nos exercicios mais abjectos da Religiaõ, aonde nunca quiz ordenar-fe de Sacerdote, proteftando que era indigno. As difciplinas, e cilicios eraõ contínuos; as lagrimas o feu paõ de cada dia, que fuppriaõ o pouco de que ufava para alimento, fatisfeito com fe perguntar aonde eftava o feu Deos. Na Caridade ardia; na Oraçaõ fe abrafava, e batendo o feu efpirito eftas duas azas, fe remontava cada dia ao Throno de Deos, e do Cordeiro, aonde o fumo dos feus incenfos era levado pelas mãos dos Anjos. Nefta vida de delicia para a alma, quanto penofa ao corpo, elle perfeverou fem esfriar oito annos,

e

e 75 dias até o de 1431, em que foi receber no Ceo a coroa de justiça, que correspondia aos seus merecimentos, tendo de idade 71 annos, quatro mezes e sete dias. Em fim, morreo o Grande Condestavel D. Nuno Alvares Pereira: eternamente vive Nuno de Santa Maria.

Era vulg.

Todas as Pessoas Reaes honrárão as suas magnificas Exequias: a sua rara humildade escolheo huma sepultura raza na Capella Mór do Convento, aonde espera a resurreição o Heróe, que vive immortal na Fama, hoje trasladados os seus ossos ao Presbyterio em hum tumulo ao lado do Evangelho, depois de estar cem annos brilhando em milagres no primeiro lugar da sua ultima vontade. Ao mesmo tempo se fez a trasladação dos ossos de sua mãi Eria Gonçalves do Carvalhal da Capella dos Fieis de Deos para outro monumento immediato ao de seu filho com o Epitaphio: Aqui jáz a muito honrada, e virtuosa D. Eria Gonçalves, Madre do Santo Conde, que mandou fazer este Mosteiro. Foi D. Nuno homem

Era vulg. homem de mediana estatura, e agigantadas forças; o rosto comprido, e a côr branca; os olhos vivos, e nas feições proporcionado; liberal sem affectaçaõ, e justo nos projectos; em todos os lances prudente, ainda que no valor arrojado; fidelissimo ao Rei, e á Pátria, propugnador zeloso da sua honra; ornato brilhante da Naçaõ Portugueza, em todas as idades merecedor do nosso respeito.

Já dissemos que de sua mulher D. Leonor de Alvim, além de dous filhos, que morrêraõ mininos, teve a D. Brites Pereira, que casou com D. Affonso, Conde de Barcellos, filho natural del Rei, de quem nasceo a Infante D. Isabel, que casou com seu tio o Infante D. Joaõ: D. Affonso, Conde de Ourem, Marquez de Valença, que pelo seu grande talento foi eleito para conduzir a Allemanha a Infante D. Leonor, mulher do Imperador Frederico III.: D. Fernando, Conde de Arrayolos, que succedendo na Casa a seu irmaõ, veio a ser Conde de Barcellos, e Ourem, Marquez de Vil-

la-

la-Viçosa, e Duque de Bragança; e casou com D. Joanna de Castro, filha de D. João de Castro, Senhor do Cadaval, Progenitores da maior parte das Testas Coroadas, e da mais alta Nobreza de Europa. Entre estes netos, a Infante D. Isabel era as delicias de seu Avô o Condestavel, que esquecendo tudo depois que se escondeo no Claustro do seu Convento, ella lhe levou sempre huma grande parte do cuidado, que respirava a ternura da saudade na doçura do termo *A minha linda Isabel*. Era vulg.

As virtudes heroicas do Condestavel confirmadas com a continuação de muitos milagres, em que entrárão nove mortos resuscitados, e com os exemplos sublimes da sua vida, não só lhe dérão em todas as idades a denominação de Santo; mas forão os fundamentos principaes da supplica, que os Estados do Reino fizerão ao Papa Urbano VIII. para o beatificar, quando elles se ajuntárão em Cortes no anno de 1641, e depois no de 1674 repetírão a mesma supplica a Clemente X.

Era vulg. todos os nossos Bispos, justamente empenhados em dar a Deos esta gloria, ao Santo Condestavel culto público, á Pátria esta honra. Nos sagrados Monumentos, que fez levantar a sua piedade, especialmente o Convento da Senhora do Vencimento do Carmo em Lisboa, e a Ermida á mesma Senhora, com o Titulo da Victoria no campo de Aljubarrota, e lugar, aonde no dia da batalha esteve arvorada a sua bandeira, vive immortal a sua memoria, e elles saõ outros tantos Padrões, que perpetuaõ a fama das suas acções illustres.

CAPITULO VII.

Em que se trata das peregrinações do Infante D. Pedro, e outros successos, com a noticia dos casamentos dos Infantes.

1424 O INFANTE D. Pedro naõ era menos inclinado ás viagens, que seu irmaõ D. Henrique aos descobrimentos. Como elle tinha huma casa poderosa, com

com os titulos de Duque de Coimbra, Senhor de Tentugal, e outras muitas terras do Infantado, como immediato ao mais velho, e a natureza o dotára do engenho sublime, que se deixa vêr nas muitas obras, que compôz: elle entrou nos desejos de viajar a Europa, e satisfazer os que tinha de ir adorar na Asia os Lugares, que consagrárão os Pés do Redemptor. Havida licença do Rei seu pai, acompanhado de doze criados escolhidos, e na idade de 32 annos, elle partio de Portugal com o destino em Constantinopla, aonde chegou depois de vêr, e notar as Cortes dos Estados, por onde fez a jornada. Naquella Cidade, e na de Babylonia, Corte do Soldaõ, foi recebido com civilidades, e magnificencias: passou á Palestina, e depois de adorar com culto religioso os Lugares Santos de Jerusalem, e mais sitios, que Deos Homem santificára, veio a Italia, e em Roma nada teve que sentir o seu caracter no modo honroso, com que o distinguio o Papa Martinho V., que entaõ lhe concedeo o Motu pro-

Era vulg.

 prio.

Era vulg. prio para os Reis de Portugal se ungirem, e coroarem, como os de França: Graça, que o Papa Eugenio IV. confirmou a El-Rei D. Duarte no anno de 1436.

Em Allemanha deo o Infante marcas distinctas do seu valor, servindo ao Imperador Sigismundo nas guerras de Hungria, de Dacia, e depois contra os Venezianos, com tanta satisfação de Sigismundo, que o investio no Dominio da Marca Trevisana, depois cedida a Veneza no ajuste da paz. De Allemanha veio elle a Inglaterra, que sendo Pátria da Rainha D. Filippa, sua mãi, excedeo a todos os outros Estados nos cortejos rendidos ao nosso Infante. O Rei Henrique VI. depois de apurar quanto havia de delicado em honras, festejos, e obsequios a tão alto Parente, o revestio das Devisas de Cavalleiro da Jarreteira. Com as mesmas attenções foi estimado nas Cortes de Navarra, e Castella, donde se recolheo a Portugal, depois de quatro annos de peregrinação. Ella causou huma impressão tão viva na simplicidade innocente daquelles tempos, que o nos-

nosso vulgo se explicava com dizer, que o Infante D. Pedro tinha corrido as sete Partidas do Mundo. Era vulg.

Sentia o Reino por tantas occasiões de grossas despezas, e pela continuação da guerra de Ceuta, que nestes annos andava bem acceza, sempre incançavel o bravo Conde D. Pedro em sustentalla, huma grande falta de dinheiro, que o genio de alguns Ministros propunha se reparasse batendo em moeda a prata das Igrejas. Naõ foi necessario usar da violencia, porque o Cléro zeloso, sabendo a causa justa da necessidade, a offereceo toda, dizendo que o cabedal consagrado a Deos naõ se gastava menos bem em soccorrer os que defendiaõ os Altares, que em sustentar aquelles, que os serviaõ. Depois mostrou El-Rei o seu zelo na continuaçaõ da boa administraçaõ da Justiça, que entendeo necessitava da promulgaçaõ de novas Leis; mandando se guardassem as resoluções de Bartholo nas que compozera em idioma Portuguêz seu Discipulo o célebre Jurisconsulto Joaõ das Regras. 1425

Con-

Era vulg.

Contrahindo-me aos negocios de Ceuta nestes annos depois do levantamento do sitio, o Rei de Granada sentio tanto a perda do seu exercito, que se confederou com o Rei de Tunes para despicar a sua affronta; mas impedida a marcha das trópas daquelle Principe pelo de Féz seu inimigo, o de Granada naõ pode lograr os intentos. Varios encontros particulares entre as partidas houvéraõ estes tres annos; mas os Barbaros naõ tiráraõ delles mais fructo, que chorar as suas perdas, augmentar a reputaçaõ dos nossos, e sobir o Conde invencivel ao parallelo com os primeiros Heróes. Quiz elle por algum tempo vir á Pátria colher as palmas de tantos triunfos, e havida licença do Rei, encarregado o governo da Praça a Ruy Gomes da Sylva, Alcaide Mór de Campo Maior, e Ouguela, marido de sua filha natural D. Isabel, elle se embarcou, e huma tormenta o mette destroçado pela barra de Setuval. El-Rei, que teve esta noticia em Almeirim, mandou a Alvaro Vaz de Almada, depois Conde

de

de Abranches, que com toda a Nobreza o fosse conduzir para Lisboa. Era vulg.

As Religiões, e o Cléro foraõ em Procissaõ assistir na Ribeira ao desembarque deste Escudo da Fé na terra dos barbaros, e o leváraõ á Sé para dar graças de tantas victorias ao Deos das Batalhas. No seu Adro estavaõ preparados os cavallos del Rei para marchar a Santarem sem demóra; achando os Fidalgos da Casa do Infante D. Duarte em troços por todo o caminho para o congratularem da parte de seu Amo, e ao mesmo Principe fóra da Villa para o levar nos braços entre os clamores festivos de innumeravel povo. No dia seguinte foi a Almeirim beijar a maõ a El-Rei, que naõ sentio embaraço no peso da authoridade, e dos annos para sahir da sua antecamera a receber com alvoroço hum tal vassallo. Elle se vio enriquecido por huma beneficencia de natureza taõ nova, que impressaõ alguma lhe faria o titulo de Conde de Villa Real, que entaõ lhe foi conferido, nem a restituiçaõ dos bens, que perdêra em Portugal, quando

Ern vulg. do passou com a Condeça sua irmã a servir a Rainha D. Leonor a Castella.

Nove mezes do anno de 1424 se deteve o Conde em Portugal; obrigando-o a recolher-se a Ceuta, acompanhado de D. Fernando, de D. Sancho de Noronha, seu irmaõ, e de outros Fidalgos com alguns navios de soccorro, o aviso, que lhe fez Ruy Gomes, de que o Rei de Tunes se preparava para vir sitiar a Praça. Como a vóz foi falsa; os Fidalgos se recolhêraõ, e o novo Conde de Villa Real naõ despio as armas em todo o anno de 1425; sendo continuos os combates com grossos destacamentos, que vinhaõ encontrar o seu estrago no nosso esforço. Naõ foraõ menos gloriosos os successos militares do anno seguinte, especialmente o do dia 18 de Agosto, em que o Conde depois de matar todos os Mouros em huma porfiosa batalha, houve de a repetir várias vezes com as muitas partidas, que de outros lugares sahiaõ a inquietallo na marcha em despique do destroço dos seus payzanos. Taõ glorioso foi este

1426

dia

dia para o Conde, que naõ podendo Era vulg.
soffer a complacencia, andava pelo campo armando Cavalleiros aos bravos camaradas, consortes felizes da sua ventura em tantas acções admiraveis.

Como as muitas guerras, e viagens, 1428 que eu deixo escritas, naõ podiaõ até agora dar tempo ao Rei para cuidar no estabelecimento dos Infantes seus filhos, com especialidade o seu Primogenito, D. Duarte; elle agora pôz os olhos na Infante D. Leonor, filha do Infante de Castella D. Fernando I., Rei de Aragaõ, e de sua mulher a Rainha D. Leonor, chamada la Rica-Hembra. Para este effeito mandou elle em qualidade de Embaixador Extraordinario a D. Pedro de Noronha, Arcebispo de Lisboa, que tratou a nova alliança, taõ agradavel ao Rei, que a acceitou no mesmo acto de proposta. Todas as cousas necessarias para o matrimonio, que se concluio a 22 de Setembro, se preparáraõ em Aragaõ, sendo dotada a Infante com a quantia de 200$000 florins de ouro. Quantia avultada para

aquel-

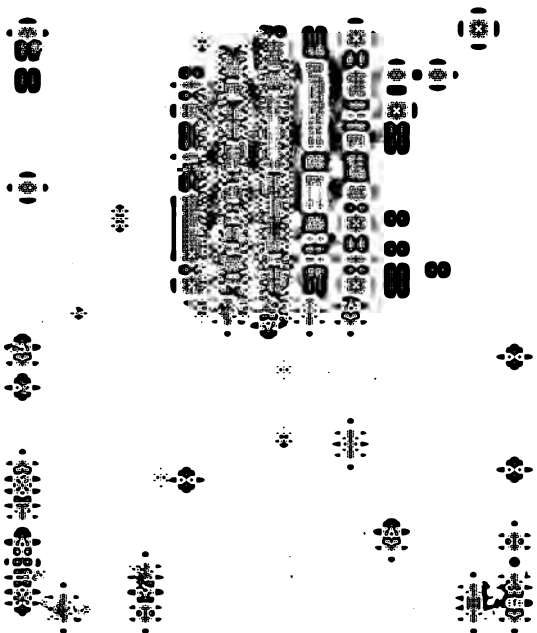
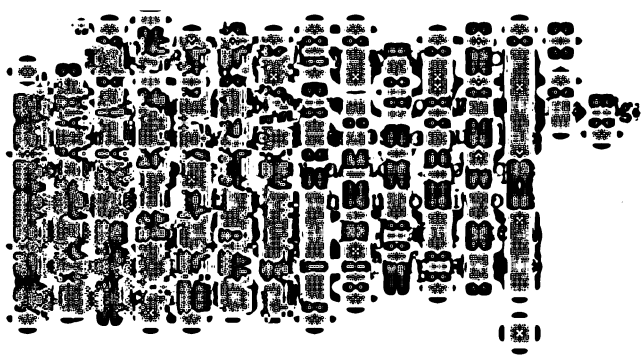
Era vulg. aquelles tempos; mas notavelmente inferior á menor das qualidades da Infante, que era respeitada por huma das Princezas adoraveis do seu seculo. Ella chegou com sequito magnifico a Portugal, aonde o Rei lhe fez render todas as honras devidas em qualidade de Rainha, que estava bem proxima a tomar este titulo. A pessoa da Infante, cheia de merecimentos, deo hum novo lustre á nossa Corte, e a Naçaõ na publicidade, e pompa dos festejos lhe manifestou o jubilo dos seus corações obsequiosos.

1429 . Tanto que estes cessáraõ, se fallou no casamento do Infante D. Pe-Pedro, que veio a ajustar-se com D. Isabel, filha mais velha de D. Jayme, Conde de Urgel em Catalunha, e de sua mulher a Condeça D. Isabel, filha de D. Pedro III., Rei de Aragaõ. Deste matrimonio feliz nascêraõ filhos: D. Pedro, que foi Condestavel de Portugal, depois da mórte do Infante Santo, D. Fernando, Principe brilhante, que na idade de quinze annos foi em soccorro do Rei de Castella contra os Infantes

tes de Aragaõ, aonde se conduzio com Era vulg.
a mesma prudencia, que mostrou singular em annos mais crescidos nas conjuncturas infaustas, suas, e de seu pai, ultimamente reconhecido pelos Catalães de Aragaõ: D. Joaõ, chamado de Coimbra, hum dos primeiros da nova Ordem do Tusaõ, que casou com Carlota, filha herdeira de Joaõ, e dizem huns que morrêra em Borgonha, outros que em Chipre, e que jáz sepultado na sua Corte de Nicosia: D. Jayme, que foi virtuoso Arcebispo de Lisboa, e Cardeal do Titulo de Santo Eustachio, criado pelo Papa Calixto III. Principe taõ amante da pureza, que se deixou morrer em casa de sua tia a Duqueza de Borgonha por naõ contaminar a castidade, que os Medicos lhe aconselhavaõ como unico remedio da sua queixa, e jaz em Florença: a Rainha D. Isabel, mulher de seu primo, o Rei D. Affonso V. de Portugal, de quem fallaremos a seu tempo: D. Brites, que depois da mórte infeliz de seu pai, a casou em Flandres a Duqueza sua tia, com Adolfo, Senhor de

Era vulg. de Raveſtain, filho do Duque de Cleves, e ſobrinho do de Borgonha, ſeu marido: D. Filippa, que viveo em Odivellas, ſem eſtado, com grande applicaçaõ ás letras, e virtudes, humas que a fizeraõ eſtimavel na vida, as outras que lhe merecêraõ precioſa morte.

Pelo que reſpeita aos outros Infantes, D. Henrique viveo ſempre no eſtado do celibato, exercitando as virtudes mais heroicas, e fazendo á Pátria aſſignalados ſerviços, como iremos vendo ainda no diſcurſo deſta Hiſtoria. De D Joaõ, Condeſtavel do Reino, e Adminiſtrador do Meſtrado de Sant-Iago, que morreo de 42 annos no de 1442, já diſſemos que caſou com ſua ſobrinha, D. Iſabel, filha de ſeu meio irmaõ D. Affonſo, Conde de Barcellos, e que teve a D. Diogo, ſem geraçaõ; a D. Iſabel, mulher del-Rei D. Joaõ II. de Caſtella; e a D. Brites, que caſando com o Infante D. Fernando, filho do Rei D. Duarte, veio a ſer mãi do Rei D. Manoel, ambas eſtas Princezas explendor lumi-

no-

LIVRO XXIV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se do casamento da Infante D. Isabel, filha del-Rei, com Filippe o Bom, Duque de Borgonha; escreve-se em resumo a vida desta Princeza, e alguns successos em Ceuta.

Era vulg.

POR toda a Europa soavaõ os éccos das qualidades brilhantes, de que a natureza, e a graça dotáraõ a Infante D. Isabel. Éccos, que chegando aos ouvidos de Filippe o Bom, Duque de Borgonha, Conde de Flandres, e Senhor dos vastos dominios da sua casa, mandou por Embaixador a Portugal o seu Camarista Adriaõ Thoulongeon, correndo o anno de 1428, para em nome de seu Amo a pedir por esposa a El-Rei D. Joaõ I., seu pai. Ajustadas as condições do Tratado, em huma

for-

formosa esquadra Flamenga vieraõ conduzir a Princeza, que foi acompanhada por seu irmaõ, o Infante D. Fernando, o Senhor de Rombais, Gil de Escornay, Preboste de Harlebec, e outros muitos Fidalgos da sua Corte, e Estados. A 10 de Janeiro deste anno, em que vamos fallando, se celebráraõ as vodas na Cidade de Bruges; e no meio das solemnidades, que duráraõ oito dias com assistencia dos Principes, e Grandes, em que entráraõ o Duque de Luxemburg, o Conde de S. Paul, o de Horn, o Bispo de Liege, as Duquezas de Lorena, de Berthfort, e de Cleves, as Condeças de Namur, de Conversano, e outras muitas Senhoras. O Duque noivo por demonstraçaõ de prazer pela nova alliança com Monarca taõ poderoso, e respeitado, como era o de Portugal, instituio a Ordem Militar do Tusaõ de Ouro, que até hoje se conserva na Europa com o seu explendor primitivo.

Era vulg.

Foraõ nomeados vinte e quatro Cavalleiros da primeira Grandeza, que recebêraõ o collar da maõ do Duque, de-

Era vulg. debaixo dos auſpicios da Auguſta Virgem Maria, e do Apoſtolo Santo André. Quanto pertence a eſta Ordem eu eſcrevi no *Tomo II.* da minha *Aula da Nobreza*, aonde remetto os Leitores ambicioſos de mais larga noticia. O número dos ſeus Cavalleiros foi differente pelo diſcurſo do tempo. O meſmo Duque ſeu primeiro Graõ-Meſtre, o augmentou ao de trinta e hum. O Imperador Carlos V. no Capitulo Geral, que celebrou em Bruxellas no anno de 1516 lhe accreſcentou mais vinte; e como a Ordem ſe fez commua a todos os Principes da Caſa de Auſtria, deſcendentes de Maria de Borgonha, filha de Carlos o Atrevido, os Reis de Heſpanha, e os Imperadores conſervaõ a gloria de ſer os ſeus Chéfes. Elles a ſuſtentaõ na reputaçaõ do ſeu naſcimento, pelo que diſtinguem nas peſſoas a quem a conferem, ſem a envilecer com a multidaõ.

As experiencias adquiridas com o trato obrigáraõ o Duque a fazer taõ alta eſtimaçaõ da Duqueza, ſua mulher, que naõ emprehendia acçaõ alguma de im-

importancia ſem ſer o ſeu voto o primeiro, que conſultaſſe, talvez por lhe conſtar, que tambem ſeu pai fazia o meſmo, depois que conheceo a ſublimidade do ſeu talento. Na paz era ella o refugio dos vaſſallos; na guerra o conforto dos exercitos; nas jornadas longas inſeparavel do lado de ſeu marido; vinculo da uniaõ com os Principes amigos; medianeira efficaz nas diſcordias com os contrarios, que buſcava, movia, e com elles negociava. Entre outros deſtes lances, he memoravel o que lhe ſuccedeo com Carlos VII., Rei de França, que no dia deſtinado para a Audiencia, vendo a ſua cadeira fóra do lugar devido, com tanta advertencia, como corage, a mandou metter debaixo do docel; e fallando com igual força, e doçura, levou de ſórte as attençóes daquelle Principe, que em hum meſmo acto conſeguio delle as honras, que ſe deviaõ á Soberania, e os intereſſes, que ſolicitava para o Eſtado.

Era vulg.

O ſeu coraçaõ pio ſe penetrou de tal anguſtia, quando os Turcos ſe fi-

Éra vulg. zeraõ ſenhores de Conſtantinopla, que da propria letra eſcreveo a todos os Principes Catholicos exhortando-os, para que unindo as ſuas armas com as de Flandres, quizeſſem marchar á reſtauraçaõ do Emporio reſpeitavel da Grecia, offerecendo-ſe a ſer ella quem cobriſſe a téſta do primeiro eſquadraõ. O eſtrondo ouvido deſtas, e outras ſemelhantes virtudes, depois a communicaçaõ, e o trato, que o Imperador Frederico III. teve em Flandres com a ſua Real Peſſoa, que moſtrou maior a ſabedoria viſta, que o rumor ouvido, de tal ſórte o cativáraõ, que lhe proteſtou caſaria em Portugal, como Paraiſo fertil, que produzia Princezas, que realmente pareciaõ Divindades; o que com effeito executou depois na eleiçaõ, que fez para eſpoſa, de ſua ſobrinha a Infante D. Leonor, filha de ſeu irmaõ o Rei D. Duarte. Em fim, Borgonha foi o theatro das virtudes da Infante Duqueza D. Iſabel; da caridade na cópia das eſmólas, da magnificencia nas fundações brilhantes; da juſtiça nos premios ao merecimento; da

da liberalidade nas gratificações aos dignos; em tudo columna dos seus Póvos, e mãi universal dos seus vassallos.

Era vulg...

Deste feliz matrimonio nascêraõ tres filhos. Os dous primeiros, que no nascimento foraõ a consolaçaõ do Duque, antes casado duas vezes sem successaõ, vieraõ a ser a sua afflicçaõ dobrada pela morte, quando apenas principiavaõ a ter vida. Guardou a Providencia a do terceiro chamado Carlos, que pelo seu valor disseraõ o Atrevido, e foi pai da Imperatriz Maria, mulher do Imperador Maximiliano, que por este casamento deixou á posteridade de seus filhos Flandres, Borgonha, e Hespanha, para acabar de desempenhar a verdade do conceito, que persuade dever a Casa de Austria mais obrigações á formosura de Venus, que á vivacidade de Marte. Com dôr inconsolavel dos seus Póvos morreo a nossa Infante, como eu já disse, a 17 de Dezembro de 1471 na sua Corte de Bruges, donde os seus ossos, juntamente com os do Duque seu marido, foraõ traslada-

Era vulg. dos para a Cartuxa de Dijon, Capita de Borgonha.

Em quanto as altas allianças, que eu acabo de referir, davaõ hum respeitavel tom de grandeza ao nosso Reino; a continuaçaõ das acções heroicas do Conde D. Pedro em Ceuta, o enchiaõ de reputaçaõ em todo o Orbe. Elle, que naõ merece a menos titulo ser chamado, o Pai das façanhas, como foi depois o Grande Affonso de Albuquerque, tendo já feito vida da guerra, naõ podia viver sem ella. Hum divertimento de Martim Affonso de Miranda o obrigou a sahir ao campo, quando elle o naõ pensava; e foi este dia hum dos mais plausiveis da sua vida, porque vio que nos tyrocinios da idade, seu filho D. Duarte de Menezes descobria os elementos vistosos, que lhe haviaõ merecer a estimaçaõ de Heróe com a anthonomasia de Grande. A complacencia de vêr obrar o filho pôz o pai taõ absorto, que naõ sentio rodearem-o setenta cavallos inimigos. O mesmo foi perceber elle o perigo, que inflammar-se o valor monstruo-

truoso para levár aos Barbaros diante de si ás cutiladas, ajudado de alguma da sua gente. Já marcado com esta victoria singular, concorreo a concluir a que tinhaõ começado Martim Affonso, e seu filho D. Duarte, que elle armou cavalleiro á instancias dos seus soldados no mesmo lugar do combate.

Era vulgar

1430

Quando assim ardia a guerra em Ceuta, El-Rei interpunha a sua authoridade veneravel para pacificar as inquietações de Hespanha. Desconfianças pezadas tinhaõ entre si os Reis de Castella, Aragaõ, e Navarra; incendio, que elles queriaõ apagar com diluvios de sangue: mas o nome respeitoso pelo valor, pela authoridade, pelas allianças, e pelos annos do Rei D. Joaõ, teve tanta força mediando para compôr os Principes mal avindos, como elle o podéra fazer na tésta de hum exercito formidavel, combatendo. Naõ passou o Estreito esta concordia; porque os Mouros obstinados no desejo da restauraçaõ da sua amavel Ceuta, naõ nos davaõ tempo de descanço. Elles quizeraõ sobprendella por hum poderoso

[illegible] fo destacamento, que sendo descoberto, alguns Fidalgos sahíraõ a reconhecello sem ordem do Conde. Naõ se satisfez com isso o seu valor sem investillos, naõ os embaraçando a desproporçaõ do número, ou a nota, que podiaõ adquirir de temerarios. A troco da vida de Ruy Mendes de Vasconcellos, filho de Mem Rodrigues, sustentáraõ elles o campo com alentos mais que humanos, ou para venderem caras as vidas, ou para esperarem da Praça soccorro ás liberdades.

Quizera castigar-lhes o Conde a desobediencia com a ignorancia affectada do successo; mas atacado da compaixaõ, persuadido de seu filho D. Duarte, e de seu genro D. Fernando de Noronha, que desejavaõ vêr-se no mesmo entretenimento, elle se resolveo a lançar sobre os Mouros com a gente escolhida. Os dous Fidalgos moços se arremeçáraõ a elles taõ denodados, que ambos estiveraõ perdidos, especialmente D. Fernando, que cançando-lhe o cavallo no meio de hum esquadraõ de Barbaros, e parando immo-

vel,

vel, naõ teve mais remedio, que encomendar a salvaçaõ da pessoa aos golpes da sua espada para todos os lados. Correo o Conde a soccorrello com outro cavallo, e bastou o seu semblante para pôr em fadiga a cavallaria contraria. Ficou no campo a Infantaria, sendo alvo das nossas lanças, que se foraõ ensopando nella, sem mais ordem que matar. Com tanta honra se portáraõ os nossos neste encontro famoso, em que conseguimos com partido desigual victoria taõ gloriosa, que o Conde mandando fazer alto aos que perseguiaõ os fugitivos, armou muitos Cavalleiros, e entre elles dous Fidalgos Cataláes, que vieraõ receber esta honra de mãos igualmente taõ illustres, como valerosas.

Era vulg

Naõ perdemos neste encontro mais que a Ruy Mendes, e Vasco Annes, sendo dos Mouros muitos os mórtos, e prisioneiros. Reparou o Conde em hum destes, que se distinguia pelo seu aceio, e lhe perguntou quem era. Respondeo elle, que hum homem distinto da Cidade de Tangere, que entendia

Era vulg. dia viera por curiosidade vêr a guerra; mas que agora estava certo o trouxera a Providencia Divina para se compadecer da sua miseria, arrancando-o dos abysmos do erro; porque quando elle Conde chegára ao campo, e para romper a batalha dissera *Sant-Iago*, no mesmo instante víra cobrir-se a terra, e o ar de Cavalleiros, que naõ soffriaõ resistencia: que contemplando elle, como os Christãos com huma palavra tinhaõ efficacia para mover o Ceo, e fazello baixar em seu auxilio, elle confessava a sua Fé por unicamente verdadeira, e lhe pedia o admitisse a ella, e na sua Cidade para viver entre os Christãos como hum delles. O Conde condescendeo a todos os seus rógos, e o mandou tratar em Ceuta com honras distinctas. Outro successo bizarro, ainda que naõ de tanta gloria, succedeo neste dia a Affonso da Cunha, que correndo sobre hum Mouro, lhe cahío da maõ a espada. Elle ordenou arrogante ao Mouro, que a levantasse, e lha désse, o que elle fez humilde, e o Cunha reconhecido lhe

man-

mandou, que se fosse. No anno seguinte de 1431 gozou a Praça o beneficio da tranquillidade, taõ cortados os Mouros do nosso ferro, que em todo elle naõ se atrevêraõ a apparecer na campanha; e porque a Historia nos chama a successos differentes, eu vou a tratallos em outro Capitulo na sua ordem.

Era vulg.

CAPITULO II.

Dá-se noticia do Tratado de Paz perpetua entre Portugal, e Castella no anno de 1431.

1431

COMO os ajustes de paz entre as duas Coroas de Portugal, e Castella até agora eraõ com tempo limitado, em muitos pontos sem decisaõ formal, e este negocio he hum dos mais consideraveis da Historia, que estou tratando, por se haver estabelecido a liberdade, e independencia do Reino; elle merece ser indicado com a clareza, e percepçaõ necessarias. No anno de 1389 mostrei eu como as duas Coroas ajustá-

Era vulg. táraõ huma Tregoa por seis mezes. No mesmo anno outra por seis annos. Terceira no de 1393 estando na sua menoridade o Rei D. Henrique de Castella, e foi prorogaçaõ da segunda por quinze annos, que se quebráraõ; mas tornando a reviver, naõ teve duraçaõ. Quarta de dez annos ajustada no de 1400. Ultimamente morto o Rei D. Henrique em 1407, a Rainha, e Infante Regentes cuidáraõ sériamente na paz, que vieraõ a concluir, como fica dito, no anno de 1411; mas com a limitaçaõ de tempo até o de 1434, em que os Principes Contratantes regulariaõ o ultimo complemento della.

Lavradas as condições do dito ajuste de 1411 justamente occorreo a especie de quem havia assignar o Tratado; porque El-Rei naõ contava de idade dous annos, e podia reclamallo depois de maior. Os nossos Ministros propozéraõ as suas dúvidas ao Bispo de Çamora, e ao Doutor Pedro Annes, que assentáraõ de acordo commum, que a Rainha, o Infante, os

Pre-

Prelados, os Grandes o assinassem em nome do Rei, obrigando-se a fazello cumprir logo que tivesse quatorze annos, o que com effeito foi prácticado a 31 de Outubro do dito anno. Quando D. Joaõ II. completou aquella idade, voltáraõ á sua Corte os mesmos Embaixadores a pedir-lhe a assignatura do Tratado; mas como a Rainha era já morta, o Infante estava Rei de Aragaõ, e os mais naõ quizeraõ tomar o officio de nossos Procuradores, talvez por conhecerem a pouca disposiçaõ do Rei para o encontrarem condescendente, os nossos Ministros voltáraõ para Portugal sem decisaõ nos seus Officios. Foraõ correndo os annos até este, em que fallamos, e em todos elles naõ deixáraõ de se insultar as duas Nações, especialmente por mar, naõ escapando a Cidade de Ceuta, e as suas embarcações das tentativas dos cossários Castelhanos.

Era vulg.

Já naõ faltavaõ mais que tres annos para chegar o de 1434, em que qualquer dos dous Principes podia romper a fé estipulada no Tratado preceden-

Era vulg. dente. O de Portugal , que antes da ſua morte deſejava deixar eſte beneficio aos ſeus povos , já empenhados em propagar a Fé , reſolveo antecipar-ſe ao praſo eſtipulado , e mandou a Caſtella os dous irmãos Pedro , e Luiz Gonçalves Malafaya , ambos do ſeu Conſelho , que conſeguíraõ do Rei a paz perpetua , aſſignada por elle em Medina del Campo a 30 de Outubro deſte anno , e ratificada pelo de Portugal em Almeirim a 17 de Janeiro do ſeguinte , de que eu em reſumo devo referir o Tratado , ou os ſeus principaes Artigos. Depois dos dous Reis nos ſeus plenos poderes declararem , que contrataõ huma paz perpetua , firme , amigavel , e os motivos de razaõ , juſtiça , amizade , que a iſſo os obriga , ſe paſſa a determinar :

Que ſeraõ quites , e remiſſos todos os damnos aſſim das peſſoas , como dos bens , tomadias , roubos , ainda que ſejaõ das proprias peſſoas dos Senhores Reis , ſem ſe nunca demandarem , e que os moradores dos ditos Reinos de Caſtella , e Leaõ poſſaõ entrar,

trar, eſtar, andar, e ſahirem eſtes Reinos, trazer, e levar quaeſquer mercadorias, tirando as defezas, que aqui ſe decláraõ, &c.

Era vulg.

Que qualquer peſſoa ou Portuguez, ou Caſtelhano poſſa paſſar de hum Reino para outro com moeda de ouro, prata, ou outra qualquer, que levarem para ſua deſpeza de ida, eſtada, e tornada, ſegundo a diſtancia a que for, e eſtado que levar:

Que em todos os feitos civeis, e crimes que os Caſtelhanos em eſtes Reinos houverem daqui em diante, ſobre que hajaõ de demandar, ou ſer demandados, e haja de ſer procedido por officio de julgar, o ſejaõ aſſim, e por aquellas juſtiças, como ſe foſſem Portuguezes:

Que dos pleitos, e demandas, que os naturaes houverem nos Reinos de Caſtella, de que o dito Senhor Rei de Caſtella conhecer por ſi, ou pelos do ſeu Conſelho, e der ſentença, que de tal ſentença ſe naõ poſſa dizer nenhuma injuſtiça, nem aggravo, nem por elle ſeja feita repreſária alguma.

Que

Era vulg. Que se algum destes Reinos, e Senhorios furtarem, ou tomarem, ou entrarem Cidade, ou Villa, Castello, ou Lugar dos Reinos de Castella, ou as receberem de alguns moradores, ou naturaes delles contra vontade do Rei de Castella, que o Rei destes Reinos seja obrigado de proceder, e dar castigo aos que tal fizerem, e o dito Senhor Rei de Castella possa cobrar tal Cidade, Villa, Castello, ou Lugar, &c.:

Que aquelles que dos Reinos de Castella para estes se vierem com algumas cousas furtadas, ou com alguma mulher casada, sejaõ presos, e enviados de Conselho em Conselho para se lá delles fazer justiça:

Que o Rei promette de nunca offender aos Reis de Castella, nem as suas gentes, nem subditos por mar, nem por terra, por razaõ das guerras, mórtes, roubos, forças, tomadias; nos seus Reinos, nem fóra delles, nem em parte alguma do mundo por nenhuma maneira:

Que os navios de Portugal, e Castel-

tella, posto que mercadorias de inimigos levem, naõ sejaõ buscados os de Portugal pelos de Castella, nem os de Castella pelos de Portugal, salvo nos dous casos dos navios levarem córpos dos inimigos, ou se o navio for achado em porto de terra de inimigos; que entaõ poderá ser tomada qualquer cousa, que ahi for achada, que de inimigos seja: Era vulg.

Que he outorgado, que se alguns navios se armarem em Portugal, ou em outro qualquer lugar, que as justiças, e officiaes delles sejaõ theudos de tomar segurança desses, que na dita armada entrarem, que naõ façaõ nojo, nem damno a seus amigos, e daráõ para isso fiança:

Que he defeso, que os navios de Portugal se naõ lancem mais ácerca dos pórtos de Castella, nem os de Castella nos de Portugal, para dahi tomarem, e roubarem os navios seguros, e marchantes, nem possaõ ser tomados pelos naturaes, e subditos d'outros Reinos, donde sohem ser ancorados a huma legoa.

Que

Era vulg. Que foi concordado de livrar, e soltar D. Luiz, filho do Conde de Benavente, e D. Joaõ de Menezes, e todos os Cavalleiros, Fidalgos, e Escudeiros, e outros que presos sejaõ de huma parte, e da outra:

Que foi acordado que os ditos Senhores Reis de Castella dem perdaõ a todos de seus Reinos, que publicamente estiveraõ com os ditos Senhores Reis, e Principes de Portugal em todas las cousas passadas, e sejaõ restituidos a todas as suas terras, e possaõ ir, e vir viver, e morar em todos os ditos Reinos de Castella, e querendo, viver em Portugal:

Que foi acordado, que os ditos Rei, e Principe de Portugal, nem seus Successores naõ possaõ acolher, nem receber em seus Reinos nenhumas guardas, nem Cavalleiros dos Reinos de Castella contra elles, nem contra pessoa alguma para lhes fazer guerra, e esso mesmo de Portugal em Castella:

Que quitaõ, remittem de parte a parte todos os damnos, perdas, rou-

bos,

dos, &c., que por azo, ou causa das ditas guerras foraõ feitos, e comettidos: Era vulg.

Que foi acordado, que os ditos Senhores Reis façaõ derribar todas as fortalezas, que novamente sejaõ feitas em os ditos seus Reinos na raya, depois que o dito Rei de Portugal entrou em Castella:

Que outorgáraõ os ditos Senhores Reis, que quaesquer seus subditos, e naturaes, e outros, que no mar, cósta, praias, portos, e abras fizerem algum damno, ou damnos, ou roubos a outros naturaes, e sobreditos, sejaõ presos, e trazidos a cada hum dos ditos Reinos, contra cujos naturaes taes cousas fizerem para hi serem ouvidos segundo Leis, e punidos:

Que o dito Senhor Rei de Castella promette naõ tornar, nem molestar ao dito Senhor Rei de Portugal a posse, e quasi posse, em que está de todos los tratos, terras, e resgates de Guiné com as suas minas de ouro, Ilhas, Cóstas, e Terras, que se decláraõ, e outras descobertas, ou por

 des-

Era vulg. descobrir, nem as pessoas, que os ditos tratos negociarem, nem se intremeterá de entender na conquista del Rei de Féz:

Que os ditos Senhores Rei, e Principe de Portugal promettem de naõ tornarem, nem molestarem aos ditos Senhores Reis de Castella a posse, e quasi posse, em que estaõ das Ilhas de Canaria, ganhadas, e por ganhar, nem a conquista dellas:

Que foi acordado, e assentado, que os sobreditos Senhores Reis outorguem, jurem, e affirmem por suas pessoas esta Capitulaçaõ, e assento das ditas pazes cada vez, que por parte hum do outro forem requeridos:

Que os sobreditos Procuradores assentaõ, e outorgaõ por juramento estas pazes perpetuamente entre os ditos Senhores Reis, e seus Reinos, e Senhorios, que approvaráõ, e confirmaráõ os Reis de Castella, e os do seu Conselho:

Que o dito Senhor Rei de Castella renuncia, e demitte, tira, e leixa de si, por si, e seus Reinos, terras, e

e Senhorios, e por todos ſeus herdeiros, e Succeſſores todo o dominio, e Senhorio aſſim real, como peſſoal, que elle tinha, e podia ter por qualquer titulo, e ſucceſſaõ neſtes Reinos de Portugal, e do Algarve, terras, e Senhorios, partidas, lugares gentes, ſubditos, vaſſallos, e naturaes, dellos.

Era vulg.

Eſte foi o ajuſte da memoravel paz do anno de 1431, que ambos os Reis recebêraõ com as demonſtraçõe do maior contentamento, como cauſa para deſcançarem os eſpiritos, que havia meio ſeculo vacillavaõ na ſegurança, e ſe ſentiaõ engolfados nas deſordens de huma guerra de opiniaõ, que tranſportava os animos para eſquecerem a humanidade.

1432

O animoſo Rei D. Joaõ, que ſabia unir a piedade ao valor, e tinha conſeguido para os ſeus Póvos a vantagem deſta paz, deſejou fazer o meſmo beneficio ás Coroas de Caſtella, e Aragaõ, que haviaõ ateado entre ſi furioſo o fogo da diſcordia. Prendêra o Rei de Caſtella ao Infante de Aragaõ

Era vulg. D. Pedro, com tal ſentimento de ſeu irmaõ o Infante D. Henrique, que naõ perdia expediente, que podeſſe cooperar mais para a vingança, que para as demonſtrações de ſentimento. El-Rei, querendo atalhar os damnos entre Principes amigos, mandou por Embaixador a ambos elles o meſmo Pedro Gonçalves Malafaya, que acabára de ajuſtar a ſua paz com Caſtella, e agora fez os ſeus officios com tantas dexteridades, que os Principes diſcordes fizeraõ hum Tratado de amizade em Cidade-Rodrigo; o Infante foi ſolto, entregue ao Infante de Portugal D. Pedro, que deſte Reino o mandou para o de Aragaõ, depois de receber de ſeu cunhado o Infante D. Duarte as próvas do maior affecto.

CA-

CAPITULO III.

Era vulg.

Continua-se com os successos dos ultimos dous annos da vida do Rei D. Joaõ I., e da sua mórte.

NAõ se tinhaõ descuidado os nossos Fronteiros de Africa por todos estes tempos de talar as campanhas de Ceuta, em que faziaõ prezas consideraveis, que contribuiaõ naõ pouco para o fornecimento necessario da Praça. Neste anno foi author de huma bem importante nas Aldeas daquelles contornos D. Duarte de Menezes, filho do Conde Governador; mas este observando que os Mouros circunspectos deixavaõ passar annos sem se moverem contra a Praça, determinou encarregalla ao valor de seu filho, acompanhado da prudencia dos Fidalgos Velhos para lhe refrearem os ardores da mocidade, e vír ao Reino tratar as dependencias da sua casa. Apenas os Mouros souberaõ a ausencia do Conde, hum delles muito poderoso convocou os mais distin-

ctos,

Era vulg. tos, e lhes propôz, que era occasiaõ de sahir a campo com as maiores forças, que se podessem juntar; porque o Conde D. Pedro tinha ido para Portugal: que seu filho D. Duarte, ainda que fosse dotado do seu mesmo valor, naõ teria a sua fortuna: que sabendo elle, que no campo andavaõ inimigos, ou por transportado dos ardores da mocidade, ou por imitar o pai em naõ combatter senaõ na campanha, viria com a maior parte da guarniçaõ empenhar-se em hum choque desigual, que teria por consequencia a restauraçaõ de Ceuta, se nelle fosse derrotado.

Pareceo a todos acertada esta proposta, que naõ gastou muito tempo em ser executada por hum grande número de Barbaros. Foi avisado D. Duarte, que elles appareciaõ no campo; e para mostrar aos seus, que elle tinha tanto de Capitaõ advertido, como de soldado valeroso, lhes disse: Que os Mouros vinhaõ sobre a Praça na intelligencia, de que D. Duarte naõ saberia desempenhar as obrigações de filho

do

do Conde D. Pedro : que elle eſtava Era vulg.
na ſua preſença, naõ como Chéfe para
lhe obedecerem, mas como ſeu Subalterno
para o mandarem : que lhe
aconſelhaſſem o que devia obrar, na
certeza de que nas execuções ſería
taõ ardente, quanto ſobmettido para
receber as ſuas ordens. Eſta delicadeza
foi o primeiro preſagio da victoria,
quando as groſſarias a ella contrarias tantas
vezes tem botado a perder no mundo
acções importantes. Encontrou D.
Duarte em todos os animos a candura,
que devia correſponder á ſinceridade
da ſua propoſta, e determinada a expediçaõ
ſem fazer falta a madureza de
ſeu Pai, todos marchaõ goſtoſos ao
campo para darem ao ſeu Chéfe hum
formoſo dia. Elle mandou avançar hum
corpo de cavallaria com ordem, que
eſcaramuçaſſe retirando-ſe até ao ſitio
vantajoſo, aonde ſe tinha poſtado com
o groſſo da gente, que havia atacar a
batalha.

Cumpríraõ os Cavalleiros as ordens
com dexteridade militar, que entendida
dos Barbaros por eſpanto da ſua
mul-

Era vulg. multidaõ, os vieraõ carregando até se arrostarem com o bravo General, que no primeiro repelaõ derrobou quatorze, A violencia dos golpes, que os nossos despediaõ; as muitas cabeças, que saltavaõ; os gemidos dos agonisantes, que enterneciaõ, pozeraõ os Barbaros em tal desordem, que igualmente perdiaõ fórma, e terreno. Conhecida a vantagem se redobrou o valor, que os foi levando até ao lugar do Castellejo, aonde pereceo a Infantaria quasi toda; fizeraõ-se prisioneiros muitos Mouros distinctos, entre elles o Arbitrista, e Commandante desta expediçaõ, que dizia aos seus: He escusado empenharmo-nos na restauraçaõ de Ceuta, que o grande Deos quer no poder dos Christãos, e os defende com milagres visiveis, bem superiores ás forças humanas. Este successo nos deixou o campo livre para enchermos dahi em diante a Praça das suas producções em tanta abundancia, como se fossemos colonos pacificos da campanha naquella ponta de Africa.

O nascimento do Principe D. Affon-

fonſo, filho do Infante D. Duarte, adoçou neſte anno a triſteza, que no paſſado cauſou em todo o Reino a mórte do Condeſtavel D. Nuno Alvares Pereira; agradecido ao ſeu valor, que ao Rei déra á Coroa, e á Pátria tal Rei. No ſeguinte ſe renovou o jubilo com os progreſſos felizes dos deſcobrimentos do Infante D. Henrique, que havia doze annos entretinha as ſuas eſperanças, naõ ſatisfeito com a poſſe das novas Ilhas, de que eu já dei noticia, em quanto pela extenſaõ da cóſta de Africa naõ dilatava a promulgaçaõ do Evangelho. Levado deſte deſejo intentou a empreza de paſſar o Cabo de Naõ até ſe aviſtar o de Bojador, como fica dito, por ſe entender, que elle era a extremidade da terra. Gil Annes, criado do Infante, e natural de Lagos, havia intentado primeira vez eſta viagem ſem o complemento dos deſignios, que neſta ſegunda lhe tornáraõ a ſer encarregados. Elle deſpreſou todos os perigos, e além da eſperança dos homens, naõ ſó deſcobrio, mas dobrou a ultima

Era vulg.

1433

pon-

Era vulg. ponta daquelle Promontorio entaõ formidavel, aonde ſaltou em terra, que achou amena, ſem moradores racionaes, que ſe aproveitaſſem da ſua fertilidade. Nella levantou o Padraõ da Santa Cruz, e com os ſignaes eſtranhos das ſuas producções, voltou a receber no paſmo univerſal a parte naõ pequena do premio devido a hum ſerviço de tal eſtrondo.

Renovou-ſe a dôr da lembrança do Condeſtavel com a probabilidade, de que brevemente ſe iria aſſociar com elle na Eternidade o Rei, que no tempo tanto o eſtreitára em vinculos apertados de affecto. Tantos trabalhos, guerras, cuidados em ſetenta, e ſeis annos de idade tinhaõ quebrantado de ſórte a ſua ſaude, que reconhecia a pouca duraçaõ da ſua vida. Deſejavaõ todos prolongalla a beneficio dos ſoccorros da Medecina, que indicava lhe ſería conveniente a mudança do ſitio, e ſe eſcolheo o de Alcochete; mas neſta reſidencia ſe aggraváraõ mais as queixas, que o obrigáraõ a recolher-ſe a Lisboa. Quiz El-Rei dar as ultimas

deſ-

despedidas ao Martyr S. Vicente, como taõ devoto das suas Reliquias, e se fez conduzir á Cathedral, aonde formou no seu espirito as ascenções sublimes de quem já se queria desatar da carne. Com a mesma piedade foi á Igreja de Nossa Senhora da Escada implorar o seu soccorro para sobir por seu meio ao Ceo, e dahi se recolheo ao Paço taõ mortificado do aballo do caminho, e do ardor, com que derramára o coraçaõ no vestibulo dos Altares Santos, que conheceo era chegado o ponto da morte.

Era vulg.

Com summa ternura, e piedade recebeo os Sacramentos da Igreja, practicou actos heroicos de Catholico delicado, sempre a Deos reconhecido, e pôz-se firme a esperar o momento formidavel com a mesma intrepidez, com que affrontára a morte nos sitios, e nos combattes. Occupado de reflexões santas, mandou chamar os Infantes, seus filhos, menos D. Pedro, que estava em Coimbra, e naõ chegou a tempo de o achar vivo, e depois de os saudar com o ultimo a Deos, em que

ca-

Era vulg. cada palavra escondia huma unçaõ particular; elle lhes recommendou, ao exemplo dos Reis seus predecessores, a sustentaçaõ, e defensa da pureza da Fé a expensas da propria vida, e a entreterem entre si, e com os seus Póvos aquelle espirito de uniaõ taõ necessario aõ repouso dos Estados. Estes foraõ os ultimos sentimentos do magnanimo Rei D. Joaõ I. de boa memoria, que entregou a alma ao Creador no seu dia fausto de 14 de Agosto deste anno: dia, que precede ao da Assumpçaõ da Senhora, para elle sempre feliz, e memoravel pelos beneficios, que nelle deveo á sua Augusta Protectora: dia, em que ella o livrou da mórte, que lhe traçava huma conjuraçaõ; em que ganhou a gloriosa batalha de Aljubarrota: em que muitos Escritores disseraõ, que conquistára Ceuta: em que os seus Generaes conseguíraõ importantes victorias; ultimamente dia, em que elle foi cingir no Ceo a coroa dos triunfos.

Morreo El-Rei aos 76 annos, quatro mezes, e tres dias da sua idade, com

com 49 annos, ſete mezes, e vinte oito de Governo, ſendo Regente, e Rei de Portugal. O ſeu Real cadaver eſteve expoſto na Cathedral até 25 de Outubro, em que foi conduzido para o Convento da Batalha, como ſe mandava no Teſtamento. Para eſta funçaõ ſe ajuntáraõ todos os Infantes, a Infante D. Iſabel, mulher de D. Joaõ, as Condeças de Barcellos, Arrayolos, menos a Rainha, e a mulher do Infante D. Pedro, que ambas tinhaõ juſtos, e naturaes impedimentos, os Prelados do Reino, muitos Eccleſiaſticos, os Grandes de ambos os ſexos, e com eſta comitiva ao meſmo tempo lugubre, e brilhante, chegou ao Moſteiro da Batalha, aonde deſcança em paz.

Era vulg.

Foi El-Rei D. Joaõ homem de eſtatura mediana, roſto comprido, teſta pequena, cabello negro, olhos naõ grandes, mas notavelmente vivos: nos conſelhos prudente; nos perigos intrepido; o ſemblante o meſmo em ambas as ſórtes; por coſtumado ás fadigas incançavel; á Religiaõ reſpeitoſo;

pio,

Era vulg. pio, e devoto; reſpeitado dos amigos, temido dos contrarios; pai do ſeu Povo, feliz nas acções, que fez, feliciſſimo nos filhos, que gerou. A ſua empreza era hum rochedo brotando ſylvas, com a letra Franceza: *Il me plait pour bien*. Tambem deo uſo a outra com o meſmo rochedo, que atraveçava huma eſpada pela eminencia, ſuſtentada por hum braço, que ſahia de huma nuvem, com a Inſcripçaõ: *Acuit, ut penetret*, para perſuadir, que com maõ, e eſpada vencêra montes de difficuldades, até ſe collocar pela conſtancia no cume da felicidade. O Epitaphio do ſeu Monumento traduzido no noſſo idioma Portuguez, he o ſeguinte:

Em nome do Senhor.

Aqui jaz o Sereniſſimo, e ſempre invicto Principe D. Joaõ, X. Rei de Portugal, e VI. Rei do Algarve, victorioſiſſimo, e magnifico, que brilhou em virtudes, e o primeiro dos Chriſtãos, que depois da devaſtaçaõ ge-

géral de Hespanha, foi Senhor potentissimo da famosa Cidade de Ceuta em Africa. Este Rei excellentissimo nasceo na nobilissima, e fidelissima Cidade de Lisboa no anno do Senhor 1358, e por seu Pai o Serenissimo D. Pedro foi condecorado na idade de cinco annos com as Insignias militares: e acceitando, depois da morte do Rei D. Fernando, seu irmaõ, o governo da mesma Cidade de Lisboa, e das outras Fortalezas, que se lhe entregáraõ: atacada Lisboa nove mezes pelo Rei de Castella em pessoa, pelo mar com huma grande Armada, pela terra rodeada de hum exercito formidavel, elle a defendeo, e de muitos Portuguezes, que o acompanhavaõ, com valor robustissimo.

Era vulg.

Depois disto, na nobre Cidade de Coimbra acclamado Rei no anno do Senhor 1385; sustentou guerras admiraveis pela sua propria pessoa, e pelos seus Chéfes bellicosos; e invadindo as terras, e dominios de seus inimigos muitas vezes, triunfou gloriosamente, com especialidade na grande victoria

Era vulg. verdadeiramente Real, que ganhou junto a este Mosteiro, aonde este Rei invicto, pelo esforço de Deos Omnipotente, vigorosamente rechaçou a D. Joaõ, Rei de Castella, com as grandes forças unidas de seus vassallos, de muitos de Portugal, e outros Estrangeiros, que trazia em seu soccorro; e muitas das Praças, e terrenos deste Reino já sobmettidos ao poder dos contrarios, elle as recuperou á força de armas, e os defendeo até ao ultimo termo da sua vida. Reconhecendo, que a Deos, e a sua Mãi gloriosissima, Maria Virgem Nossa Senhora deveo a victoria prodigiosa, que conseguio no mez de Agosto, e Vigilia da Assumpçaõ, mandou edificar em seu louvor este Mosteiro, entre os de Hespanha singular, e decente. Desejoso, de que só a Deos se désse honra, e gloria, e que tanto pela sua Essencia, ou pela sua Grandeza só elle fosse conhecido, decretou que a Éra de Cesar, que do tempo dos seus Predecessores se usava nas Escrituras públicas, fosse abolida, e dahi em diante se usasse do

an-

anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. Foi isto na Éra de Cesar 1460, que correspondeo ao anno do Senhor 1422.

Era vulg.

Este Rei felicissimo, que achou o Reino naõ menos infestado dos vicios, que dos inimigos, elle o expurgou, elle extirpou as maldades usadas com diligencias saudaveis, pelos seus proprios actos virtuosos: as probidades honestas elle fez, que as brotassem os campos destes Reinos: ambicioso por propagar a paz entre os Christãos, antes da sua mórte a conseguio perpetua para si, e para os seus Successores. Abrazado no ardor da Fé este Christianissimo Rei, acompanhado do Serenissimo Infante D. Duarte, seu filho, e herdeiro, e dos Infantes D. Pedro, D. Henrique, e do Conde de Barcellos D. Affonso, tambem seus filhos, rodeado do poder dos seus vassallos impavidos em muita copia, que embarcáraõ em huma armada numerosa, que passava de 220 navios, dos quaes a maior parte eraõ náos grossas, e grandes galés, elle navegou a Africa; e

Era vulg. no mesmo dia, em que pisou a sua terra, em huma dura peleija expugnou, e metteo debaixo do jugo do seu poder a nobre, e fortissima Cidade de Ceuta; e depois sitiada a mesma Cidade, dizem que por cem mil Agarenos Ultramarinos, e pelas trópas del Rei de Granada, elle a mandou soccorrer pelos seus illustres filhos o Infante D. Henrique, o Infante D. Joaõ, o Conde de Barcellos, e outros Fidalgos generosos; os quaes Agarenos, levantando o sitio, muitos foraõ passados á espada, a sua armada sobmergida, queimada, e prisioneira, e livre a Cidade de Ceuta, que desoito annos, menos oito dias, no anno do Senhor 1433 na Vigilia da Assumpçaõ da Virgem Maria, fortemente a presidiou contra os insultos bellicos, fortes, e multiplicados dos Agarenos.

Nos preditos mez, e Vigilia este Rei gloriosissimo, na Cidade de Lisboa, presentes seus filhos, e muitos Fidalgos, felizmente acabou a vida mortal, deixando a notavel Cidade de Ceuta debaixo do poder do muito Alto,

to, e muito Poderoso D. Duarte, seu filho, que imitando os esforços virís de seu pai, prosperamente a governa na mesma Fé, e auspicios de Jesus Christo. Este mesmo excellentissimo, e virtuosissimo Rei D. Duarte trasladou com honorificencia o corpo do christianissimo Rei seu pai, sendo presentes seus irmãos, o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, e Senhor de Monte-Mór; o Infante D. Henrique, Duque de Viseo, Senhor da Covilhan, Mestre da Ordem de Christo; o Infante D. Joaõ, Condestavel de Portugal, Mestre da Ordem de Sant-Iago; o Infante D. Fernando, e D. Affonso, Conde de Barcellos, filhos do dito Rei D. Joaõ, que ao tempo da sua mórte naõ tinha outros, além de duas filhas, das quaes huma era a Infante D. Isabel, Duqueza de Borgonha, Condeça de Flandres, e de outros Ducados, e Condados; e a outra D. Brites, Condeça de Hontinto, e Arondel, que ambas estavaõ nas suas terras. D. Joaõ tinha netos, que assistíraõ á sua trasladaçaõ, D. Affonso, Conde de Ourem,

Era vulg.

Era vulg. rem, e D. Fernando, Conde de Arrayolos, filhos do Conde de Barcellos: era mais ſeu neto o Infante D. Affonſo, primogenito de D. Duarte, e contados ao tempo da ſua mórte os netos, e biſnetos, que tinha, por todos eraõ vinte.

Aſſiſtíraõ tambem a eſta trasladadaçaõ todos os Biſpos das Cathedraes do Reino, e outros muitos, com huma cópia numeroſa de Clerigos, e Religioſos; e tambem eſtiveraõ preſentes os Donatarios, os Fidalgos, e os Procuradores das Cidades, e Villas. Foi conduzido o corpo venerabiliſſimo a eſte Moſteiro no anno ſobredito do Senhor, e collocado na Capella Maior com o da Excellentiſſima, honeſtiſſima, e chiſtianiſſima D. Filippa, ſua unica mulher, e mãi dos ſobreditos Rei D. Duarte, Infantes, e Duquezas. No anno ſeguinte porém, e dia 14 de Agoſto os dítos corpos del Rei, e Rainha D. Filippa foraõ trasladados com grande honra pelo Rei D. Duarte, Infantes, e Condes para eſta Capella, que mandou edificar para ſua ſepultura.

ra. A esta deducção assistírão a Altissima, e Excellentissima Princeza D. Leonor, Rainha destes Reinos, e a Infante D. Isabel, Duqueza de Coimbra, e a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. Joaõ, e a maior parte dos Senhores, e Fidalgos desta terra, que estiveraõ presentes ás sepulturas dos preditos Senhores Rei, e Rainha, aos quaes Deos pela sua misericordia, e piedade conceda felicidade sem fim, Amen. Era vulg.

CAPITULO VI.

Das Mercês, e Obras, que El-Rei D. Joaõ I. fez no discurso do seu feliz Governo.

ESTE Rei pio, todo da Religiaõ, os primeiros objectos para que a sua liberalidade abrio as mãos foraõ os Templos consagrados a Deos: munificencia, que continuou do tempo da batalha de Aljubarrota até ao fim da sua vida. Ganhada aquella victoria, repartio pelas Igrejas principaes os despo-

Era vulg. pojos mais preciosos della, distinguindo entre todas a do Mosteiro de Alcobaça, assim como elle entaõ o fizera nos serviços. Do muito que repetidas vezes deo á Igreja de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, tenho eu dito no discurso desta Historia; e depois da primeira romaria em acçaõ de graças por aquella victoria, quando a Senhora o livrou da mordedura de hum caõ damnado, elle a repetio com outra semelhante offerta, que foi pesar-se armado a prata. Antes da sua primeira entrada em Castella, fez terceira vez a mesma jornada, quasi a pé de grandes distancias, e entaõ lhe votou o valor das suas armas, que logo satisfez. Os muitos embaraços lhe obstáraõ obsequio semelhante para marchar com o seu soccorro á expediçaõ de Ceuta; mas quando voltou della foi gratificar á Senhora a multidaõ de beneficios, que lhe fazia, augmentando á sua Igreja os privilegios, sempre observados ainda nas occasiões do maior aperto.

As mercês, que fez ao Condestavel, e

e a muitos dos valerosos Officiaes, que com elle se achárao na batalha, deixo eu referidas nos seus lugares. Semelhante liberalidade usou na occasiaõ do casamento de seu filho D. Affonso com a filha do mesmo Condestavel, e a repetio muitas vezes com o Doutor Joaõ das Regras, naõ só estimando nelle, como em bom letrado, as Sciencias, mas remunerando-lhe os serviços, que foraõ relevantes, os que lhe fez este bem affortunado homem. Como El-Rei tanto attendia os benemeritos, Joaõ Rodrigues de Sá, que o era entre os mais distinctos, tambem o veio a ser nos premios, naõ só no distinctivo honroso de Joaõ Rodrigues de Sá o das galés, por haver recebido 15 feridas na defensa dellas; mas com a mercê de Alcaide Mór do Porto para si, e seus descendentes, com o Senhorio de muitas Villas, e com o emprego de seu Camareiro Mór, que se entende principiou nelle. Entre outras, que fez ao grande Conde D. Pedro, o criou Conde de Villa-Real, e pelas suas representações despachou

Era vulg.

Era vulg. á proporçaõ a todos os homens, que se distinguiaõ em Ceuta, naõ o embaraçando a ingratidaõ para deixar de honrar as outras virtudes, como várias vezes foi visto nas pessoas do Prior do Crato, Alvaro Gonçalves Camello, de Joaõ Affonso Pimentel, de Joaõ Fernandes Pacheco, de Martim Vasques da Cunha, e outros muitos.

Na tomada de Ceuta deo todas as riquezas importantissimas do seu Castello a Antaõ Vasques de Almada, que nelle arvorára a bandeira Real. A Martim Affonso de Mello, além de muitas doações, fez mercê da Alcadaria Mór de Evora, e dos bens dos Desertores Joaõ Fernandes Pacheco, e Diogo Gomes de Avreo. Sería contar hum número monstruoso, se eu houvesse de referir todos os vassallos favorecidos, e remunerados por este grande Rei. O mesmo experimentáraõ nelle os Ecclesiasticos dignos, com especialidade os dous Arcebispos de Braga D. Lourenço, e D. Fernando da Guerra; o mesmo muitas das Cidades, e Villas do Reino, sobre todas Lisboa,

e

e o Porto. Os Titulos, que criou forão os Ducados de Coimbra, e Viseo para os dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique. Fez Conde de Arrayolos ao Condestavel D. Nuno, que o acceitou com a condição do Rei não nomear outro em sua vida, para fazer singular o serviço com a raridade do premio: Conde de Barcellos a seu filho D. Affonso com consentimento do Condestavel seu sogro: Conde de Ourem a D. Affonso pela renuncia do mesmo Condestavel seu Avô: a D. Fernando, tambem neto de ambos, Conde de Viana, que o foi de Ailon em Castella: Conde de Villa Real a D. Duarte de Menezes, que o fora de Viana.

Era vulg.

Em quanto ás Fundações del-Rei D. João, a primeira de que temos noticia foi a nova Igreja, que mandou fazer a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, em reconhecimento da sua protecção na batalha de Aljubarrota, de que dá larga noticia o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha. Em memoria da mesma acção, e no campo da batalha, fundou com este nome o Convento dedi-

Era vulg. dicado a Noſſa Senhora da Victoria; taõ ſumptuoſo, e magnifico, como o deſcrevem o Conde da Ericeira na vida deſte Rei, e Fr. Luiz de Souſa na primeira Parte da *Hiſtoria de S. Domingos*. Aos Religioſos deſte Patriarca entregou El-Rei o ſeu Moſteiro, e daqui em diante, além deſta doaçaõ, lhes fez a dos ſeus Paços, e quinta de Bemfica para fundarem hum Convento, havendo já concorrido com o Biſpo do Porto, D. Joaõ Eſteves da Azambuja para o do Salvador de Lisboa das ſuas Religioſas, e permitio a fundaçaõ do ſeu Convento de Villa-Real. Aos meſmos Padres deo a Meſquita de Ceuta, aonde elle entrou depois de ganhar a Cidade, que lhes ſervio para fundarem hum Convento, aonde elles aſſiſtíraõ com edificaçaõ até o anno de 1575, em que El-Rei D. Sebaſtiaõ os mandou reſidir no da Santiſſima Trindade de Tangere.

Tambem foi obra do Rei D. Joaõ a renovaçaõ da Igreja de Noſſa Senhora da Eſcada, junto a S. Domingos de Lisboa, de quem era muito devoto.

Fun-

Fundou o Convento da Carnota, perto de Alenquer, que entregou aos Religiosos de S. Francisco, e lhe deo doze columnas de jaspe, que trouxe de Ceuta, e ainda hoje enfeitaõ o claustro do mesmo Convento. Edificou os de S. Francisco de Leiria, e o de Penha-Longa, que diz Duarte Nunes fora o primeiro, que neste Reino tiveraõ os Monges de S. Jeronymo. Tambem foi obra sua o Convento de Santa Clara do Porto, para onde se trasladáraõ as Freiras de Entre-ambos-os-Rios; e quando a occurrencia de tantas guerras, gastos, e despezas enormes parecia, que tinhaõ consummido os Erarios, em tantos Edificios santos se mostravaõ aos olhos renascidos os thesouros. Elle fez a Capella Mór da Sé de Lisboa, e porque naõ a vio acabada na ultima visita, que foi fazer ao Martyr S. Vicente, mandou avaliar a importancia do que faltava, e a entregou logo ao Cabido, ordenando se acabasse a obra. Elle admittio no Reino os Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, que chamamos Loyos, di-

Era vulg.

Era vulg. dizem que da Ermida de Santo Elegio, que El-Rei lhes déra para a sua primeira Casa, e alguns entendem fora mercê do Infante D. Pedro feita no anno de 1420.

Elle fundou magestosos os quatro Palacios de Lisboa, Santarem, Sintra, e Almeirim, que hoje existem, menos o de Lisboa, que arrazou o terremoto do primeiro de Novembro de 1755, e além delles, muitas Casas de campo, e a Rua nova da Cidade do Porto; obra taõ correspondente á grandeza do seu animo, e tanto do seu agrado, que lhe chamava a minha Rua formosa. Elle instituio o Tribunal da Relaçaõ, de que nomeou Regedor o estimavel Arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, entaõ Bispo do Porto, que nas suas qualidades sublimes desempenhava as obrigações do sangue Real de seus bisavôs os Reis D. Pedro, e D. Ignez de Castro. Em fim, elle erigio a Metropolitana a Sé de Lisboa, como deixo dito: tudo lembranças, monumentos, que conservaõ nas memorias immortal o nome deste

gran-

grande Rei, Libertador magnanimo da Pátria.

Era vulg.

CAPITULO V.

Reſumo das Cortes, que celebrou, e das Embaixadas, que El-Rei D. Joaõ I. mandou a vários Principes, com a noticia de algumas Leis, que fez.

A MULTIDAÕ, e gravidade dos negocios, que occorrêraõ no reinado longo de D. Joaõ, e a condeſcendencia affavel deſte Principe, o obrigavaõ a naõ os decidir ſem o conſentimento pleno dos ſeus Póvos na Aſſembléa das Cortes, que convocou muitas vezes. Para o da maior importancia, que era a conſervaçaõ da liberdade do Reino, ſendo elle ſeu Regente, celebrou em Coimbra as primeiras, de que eu já fallei no Tomo antecedente, correndo o anno de 1385, e nellas foi o meſmo Principe acclamado Rei. Na meſma Cidade as tornou elle a convocar ſucceſſivamente nos annos de 1394, 1395, e 1396, haven-

do

Era vulg. do já feito outras em Braga no de 1387, e depois outras tambem em Coimbra no de 1398: todas ellas para o fim de regular as emprezas militares, a imposiçaõ dos tributos, e as mais occorrencias de huns tempos criticos, e calamitosos.

Em Lisboa repetio as mesmas Assembléas nos annos de 1389, no de 1430, no de 1432, e no de 1433, em que falleceo. Em Evora as fez celebrar no anno de 1391, e no de 1408. Precedêraõ a estas as de Leiria em 1401, aonde foi jurado o Infante D. Duarte, por mórte de seu irmaõ o Infante D. Affonso: em Viseo no de 1391, e no de 1392: em Estremoz no de 1416: em Guimarães no de 1401: em Santarem no de 1392, no de 1400, no de 1403, e no de 1418: em Elvas no de 1399, além de outros ajuntamentos dos Póvos, que apontaõ, e naõ individuaõ os nossos Escritores, e se achaõ em vários registos das Camaras do Reino, que mereceo tantas attenções ao seu Principe para nada emprehender sem a approvaçaõ dos seus Estados.

Co-

Como a importancia dos mesmos negocios de hum Reino desarmado, investido pelo Rei de Castella muito poderoso, e com os animos dos mesmos naturaes divididos, necessitava fazer negociações, contrahir allianças, e formar Tratados com os outros Principes da Europa; El-Rei D. Joaõ se servio de muitos Ministros habeis, que em toda a vida de seu Amo promovêraõ as felicidades da Pátria, e consérváraõ a reputaçaõ da Monarquia em todas as occasiões, que eu passo a referir. Sendo D. Joaõ eleito Regente do Reino, quando era Mestre de Avís, e vendo que a disciplina militar estava delle desterrada (descuido já mais desculpavel nos Estados (elle se resolveo mandar a primeira Enviatura a Ricardo II., Rei de Inglaterra, no anno de 1383, em que pelo seu Ayo Lourenço Martins, que o havia criado, e depois foi Alcaide Mór de Leiria, e pelo Inglez Thomáz Daniel lhe pedio permissaõ para os seus Officiaes, e soldados aguerridos, que quizessem servillo, passassem a Portugal, o que

Era vulg.

Era vulg. aquelle Monarca lhes concedeo livremente, e dahi em diante conservou com elle correspondencia effectiva.

Immediata á partida destes homens, que hiaõ como huns batedores de campo observar as disposições da Corte de Londres; D. Joaõ determinou mandar a ella com poderes plenos pessoa de alta graduaçaõ, que authorisasse os negocios com a qualidade. Escandalisado da Rainha D. Leonor, havia passado para o seu serviço D. Fernando Affonso de Albuquerque, Mestre da Ordem de Sant-Iago, que era cunhado dos Condes de Barcellos, e de Neiva, irmãos da Rainha. Justamente pôz o Regente os olhos neste Fidalgo para Embaixador; porque ao mesmo tempo lhe mostrava a confiança, que fazia delle, e alongava da Corte homem tamanho, e taõ alliado com a sua maior inimiga, que poderia ser prejudicial aos seus interesses se mudasse casaca. Com politica igual lhe nomeou por socio a Lourenço Annes Fogaça, Chanceller Mór do Rei D. Fernando, que havia servido á mesma Rainha, e a seu gen-

ro o Rei de Castella. O Regente fez Era vulg.
a ambos honras distinctas, moveo-os
com razões tocantes, e os persuadio
a confiança que tinha de lhe serem vantajosos
na negociação, hum pela sua
grande qualidade, o outro pelos seus
vastos talentos.

Os Officios desta Embaixada se reduzírão
a dar parte ao Rei, como os
Póvos de Portugal escandalisados do
de Castella pela rotura do Tratado do
seu casamento com a Infante D. Brites,
pela violação abominavel do Direito
das Gentes, e da Hospitalidade
na prisão dos Infantes D. João, e D.
Diniz, se determinárão a elegello Defensor
do Reino: que lhe ponderava
os perigos de Inglaterra, se Portugal se
unisse á Coroa de Castella, e a impossibilidade
do Duque de Lancastro entrar
na posse daquelle Reino, que lhe
pertencia por sua mulher: que este Principe
estava na situação mais propria
de fazer valer o seu direito, se unisse
as suas forças com as delle Regente:
que lhe pedia deixasse nos seus Reinos
allistar ao seu soldo alguns soldados ve-

 lhos

Era vulg. dos generos, que lhes haviaõ tomado. Se na primeira repreſentaçaõ a neceſſidade os ſatisfez com huma reſpoſta affavel; neſta ſegunda rompeo o primor por todos os obſtaculos, e ſe pagáraõ aos Genovezes 60000 dobras, em que as ſuas mercadorias foraõ avaliadas.

Recebeo El-Rei em 1389 os primeiros Embaixadores de Caſtella, que foraõ Fr. Fernando de Ilheſcas, Confeſſor del Rei, os Doutores Antaõ Sanches, e Pedro Sanches, que ajuſtáraõ huma ſuſpenſaõ de armas. No dito anno os meſmos Miniſtros ampliáraõ a trégoa, que por parte do Rei de Portugal aſſináraõ o Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, e Lourenço Annes Fogaça.

Os Tutores do novo Rei de Caſtella D. Henrique III. na ſua menoridade, enviáraõ Plenipotenciarios a Portugal a D. Joaõ, Biſpo de Ciguença, a Pedro Lopes de Ayala, e ao Doutor Antonio Sanches, que conferíraõ, e ajuſtáraõ os Artigos da primeira paz limitada até certo tempo com o ſobre-

di-

dito Prior do Crato, e com o Doutor Joaõ das Regras. Foi esta a trégoa de quinze annos, que se naõ cumpríraõ, e El-Rei D. Joaõ despicou com a tomada de Badajóz. Era vulg.

Depois della mandou o mesmo Principe a Castella justificar-se com os motivos desta represalia por Affonso Vasques, Commendador de Horta-Lagoa; mas naõ sendo elles admittidos, se renovou a guerra. No anno de 1399, hum depois da tomada de Tuy, pensáraõ melhor os Ministros de D. Henrique, que enviou a Portugal ao Condestavel Ruy Lopes de Avalos, a D. Lourenço Soares de Figueiroa, Mestre de Sant-Iago, a Micer Ambrosio, Genovez, ao Doutor Pedro Sanches, que nada concluíraõ pela exuberancia das suas pretenções nas conferencias, que tiveraõ com o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, com D. Joaõ Affonso da Azambuja, entaõ Bispo de Coimbra, e com os famosos Jurisconsultos Alvaro Pires Escolar, e Ruy Lourenço.

Continuou a guerra com semblante dif-

Era vulg. differente pela pouca vantagem da expediçaõ de Alcantara, que se diz na Historia, e depois della resolveo El-Rei D. Joaõ mandar a Castella os Plenipotenciarios D. Joaõ Affonso da Azambuja, já Arcebispo de Lisboa, a Joaõ Vasques de Almada, e ao Doutor Martim Docem, que passados muitos debates, ajustáraõ a trégoa de dez annos.

Por occasiaõ da morte de Ricardo II. mandou El-Rei por seus Embaixadores a Inglaterra o Alferes Mór Joaõ Gomes da Sylva, e o mesmo Martim Docem, que confirmáraõ, e ampliáraõ com Henrique IV. as condiçóes da alliança, correndo o anno de 1404. Entaõ se ajustou o casamento do Conde de Arondel com D. Brites, filha natural del Rei, e se celebráraõ as vodas no seguinte de 1405.

Nada resultou da Embaixada de D. Joaõ Affonso de Azambuja, de Martim Affonso de Mello, e do Doutor Gil Martins, quando no anno de 1408 a Rainha de Castella D. Catharina na menoridade de seu filho o Rei D. Joaõ II.

II. quiz ajuſtar huma paz indigna da Era vulg. magnanimidade Portugueza, entaõ mais altiva pela grandeza dos ſeus triunfos. Porém repetidas pela Rainha as inſtancias, e moderadas as condições, tornou El-Rei a enviar Joaõ Gomes da Sylva, Martim Docem, e Fernaõ Gonçalves Beliagoa, que no anno de 1411 ajuſtáraõ huma paz, que duraria até o de 1434.

D. Fernando de Caſtro, e o memoravel Heróe Alvaro Gonçalves de Ataide, primeiro Conde de Atouguia, foraõ Embaixadores del Rei no Concilio de Conſtança pelos annos de 1412, ou 1413, aonde ſe conduzíraõ com a piedade, religiaõ, e delicadeza, que nos indicaõ pennas eſtrangeiras menos eſcaças, que as noſſas, nos elogios dos Portuguezes benemeritos.

Entrou El-Rei no projecto da conquiſta de Ceuta, e para cobrir a idéa, quando quiz ſaber o eſtado da Praça, fez embarcar ao Prior do Crato D. Alvaro Gonçalves Camello, e Affonſo Furtado, General da Armada, com o caracter de Embaixadores (ſendo eſ-

piões

Era vulg. piões de Ceuta) a D. Branca, Rainha viuva de Sicilia, para lhe reprefentarem da fua parte, que naõ podia acceitar o cafamento, que ella lhe propozera da fua Real peffoa para feu filho o Infante D. Duarte, por eftar antes embaraçado com a mefma negociaçaõ em outra Corte; mas que lhe offerecia a feu filho fegundo o Infante D. Pedro, que a Rainha naõ quiz acceitar com defculpas politicas, que denotavaõ as fublimidades do decóro da Mageftade menos bem empregadas em quem naõ havia cingir a Coroa.

No corpo da Hiftoria deixo eu largamente referidas as Embaixadas, que El-Rei, para disfarfar a expediçaõ de Ceuta, mandou no anno de 1414 ao Duque de Borgonha por Fernaõ Fogaça, Vedor da Cafa do Infante D. Duarte: as que recebeo, e com que focegou os fuftos, que o feu extraordinario armamento caufava aos Reis de Caftella, Aragaõ, e Granada.

CA-

CAPITULO VII.

Era vulg.

Continúa a materia do Capitulo precedente depois da conquista da Cidade de Ceuta.

RENDIDA com gloria immortal da Naçaõ Portugueza a famosa Cidade de Ceuta, immediatamente mandou El-Rei dar parte desta felicidade a D. Fernando, Rei de Aragaõ, primeiro por Joaõ Escudeiro, seu criado, e pouco depois por Alvaro Gonçalves da Maya, Védor da Fazenda do Porto, com o caracter de Ministro, offerecendo-lhe a Praça para quartel das trópas Aragonezas, se juntamente com as suas, ou separado dellas, quizesse emprehender a conquista do Reino de Granada. A mesma civilidade usou com o Rei de Castella; mas nós ignoramos quem fosse o Emissario desta nova.

Em 1418 foraõ a Castella ratificar a paz de 1411 Joaõ Gomes da Sylva, Martim Docem, e Fernaõ Gonçalves Beliagoa; mas os Tutores desculpáraõ

a

Era vulg. a falta da ſua condeſcendencia com a menoridade do Rei, que o inhabilitava para firmar a ratificaçaõ do ſeu punho. No ſeguinte, em que o Rei cumpria os 14 annos, foraõ enviados os ditos Miniſtros para o meſmo fim, e tiveraõ de tornar a recolher-ſe com a interlocutoria, de que a Corte de Caſtella mandaría á de Portugal a reſpoſta, que chegou depois de tres annos no de 1422, trazida por Affonſo Garcia, Deaõ de Sant-Iago, e por Joaõ Affonſo de Çamora. Entre eſtes Miniſtros, e os noſſos houvéraõ debates, que leváraõ mais de hum anno ſem mais deciſaõ, que a de ſe prolongar a paz ao meſmo ponto antes prefixo de 1434. Para a publicaçaõ deſte meſmo ajuſte, que fizeraõ em Portugal os dous Miniſtros de Caſtella, ordenou El-Rei, que a eſte Reino foſſem practicar o meſmo D. Fernando de Caſtro, e o Doutor Fernando Affonſo da Silveira, pai do primeiro Baraõ de Alvito D. Joaõ Fernandes da Silveira.

D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo de Lisboa, com o caracter de Embai-

baixador extraordinario, partio para Aragaõ no anno de 1428. Encarregado de pedir ao Rei D. Affonſo V. para mulher do Infante D. Duarte a ſua irmã a Infante D. Leonor, que tambem o era de D. Joaõ, Rei de Navarra, e dos mais Infantes, filhos do Rei de Aragaõ D. Fernando, encontrando-o taõ inclinado a favor deſta alliança, que a ajuſtou ſem repugnancia, e o meſmo Arcebiſpo recebeo, e conduzio a Portugal a Infante.

Era vulg.

Nomeou El-Rei no anno referido de 1428 a D. Alvaro, Biſpo de Sylves, e ao Doutor Fernando Affonſo da Silveira por ſeus Embaixadores á peſſoa de Filippe o Bom, Duque de Borgonha, para ajuſtarem com elle o ſeu caſamento com a Infante D. Iſabel, como ſe diz na Hiſtoria; e ao meſmo fim com igual caracter envioú elle á noſſa Corte no anno ſeguinte ao ſeu Camareiro Mór Adriano de Thoulogeon.

Por Martim Gonçalves de Ataide, e por Nuno Martins da Silveira, Fidalgos reſpeitaveis pela ſua grande autho-

Era vulg. thoridade, virtudes, e qualidade, mandou El-Rei em 1429 offerecer a sua mediaçaõ ao Rei de Castella para compôr as differenças pesadas, que tinha com seus irmãos, havendo feito a mesma offerta aos Reis de Aragaõ, e Navarra, que nelle se compromettêraõ. Naõ estando estas dúvidas decididas em 1430, e obrigando o Rei de Castella a que a Rainha D. Leonor de Aragaõ, sua sogra, que estava recolhida em hum Mosteiro de Medina del Campo, viesse para Tordesilhas, e lhe entregasse as Fortalezas, que tinha no seu Reino, ella se queixou a El-Rei de Portugal, seu tio, o que cooperou para se lhe dar satisfaçaõ, e entaõ o de Castella lhe mandou por Embaixadores ao seu Aposentador Mór, D. Pedro Lopes de Ayala, e ao Doutor Diogo Gonçalves Franco, Ouvidor do Conselho Real, que o vieraõ informar, como promettêra, dos motivos da discordia, que tinha com os ditos Reis de Aragaõ, e Navarra.

Desejoso El-Rei de fazer perpetua a paz, que tinha ajustado com Castella,

la, nomeou por ſeus Embaixadores no anno de 1431 a Pedro Gonçalves Malafaia, e a seu irmaõ Luiz Gonçalves, que achàraõ o de Caſtella prompto a partir para a guerra de Granada, ſem tempo para cuidar em outros negocios. Elles ſe offerecêraõ para o acompanhar naquella expediçaõ, e voltando depois da campanha, conſeguíraõ del Rei a paz vantajoſa, de que eu acabei de eſcrever o Tratado.

Era vulg.

Como a diſcordia daquelle Rei com os de Aragaõ, e Navarra tinha chegado á ſituaçaõ mais critica com a priſaõ do Infante D. Pedro, que derrotou todo o ſoffrimento de ſeu irmaõ o Infante D. Henrique: o de Portugal mandou em 1432 por Embaixador á Caſtella ao meſmo Pedro Gonçalves Malafaya, que conſeguio a compoſiçaõ entre os Principes deſcontentes, e ſer entregue o Infante preſo ao noſſo Infante D. Pedro, que o fez conduzir por Nuno Martins da Silveira até ao Algarve, donde partio para Aragaõ. Ultimamente, no anno da mórte del Rei, que foi o de 1433, em que até

aqui

Era vulg. aqui temos fallado, diz Manoel Severim de Faria, que elle enviára a D. Luiz do Amaral, Bispo de Viseo, por seu Embaixador ao Concilio de Basiléa.

Pelo que respeita ás Leis, que promulgou El-Rei D. Joaõ I., eu lhe dou principio pela célebre Lei Mental. Vendo aquelle Principe, que os Reis anteriores no tempo da guerra haviaõ dado muitos bens da Coroa com grande damno do Estado, fez mentalmente huma Lei respectiva a este genero de bens, assim aos que já estavaõ dados, como aos que se dessem dahi em diante; e como esta Lei naõ ficou escrita, mas só feita segundo a vontade, e mente del Rei, por isso foi chamada Mental. El-Rei D. Duarte a mandou pôr na sua Chancellaria, e para dar limitaçaõ, e interpretaçaõ ás doações das terras, e bens da Coroa, fez assentar nella algumas addicções, e declarações, porque fossem determinadas as dúvidas, que podiaõ sobrevir á intelligencia das mesmas Doações, como se trata no Titulo 35 das Ordenações do Reino.

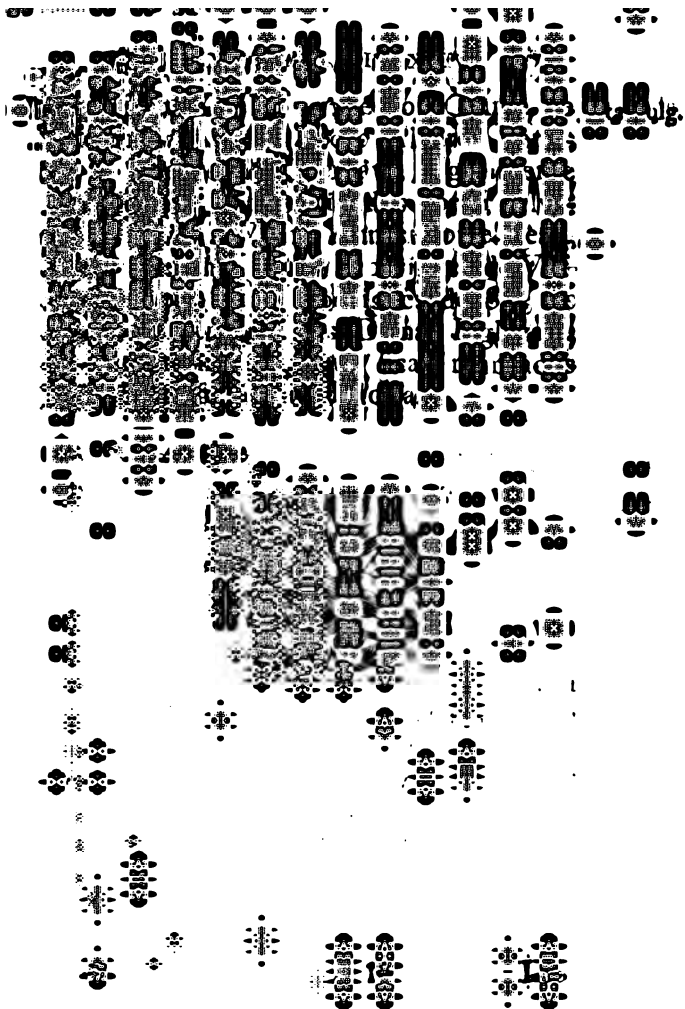
No

No tempo da primeira trégoa com Castella, El-Rei aconselhado pelo arbitrista João das Regras, promulgou algumas Leis para determinar as partilhas, que se haviaõ fazer nas prezas tomadas no mar, sobre que entaõ se moviaõ grandes contendas, e tudo ficou regulado com o bom discernimento, que referem Duarte Nunes, e Fernaõ Lopes. Era vulg.

Como nas nossas terras, que depois da morte do Rei D. Fernando seguíraõ a voz de Castella, o seu Rei introduzio nellas muitos usos alheios dos costumes practicados naquelles tempos, especialmente no modo de processar, lançar as sentenças, e lavrar as Escrituras, o que tudo reduzia os Póvos ao estado de huma indifferença notavel: El-Rei com o parecer do seu conselho, mandou, que todos os negocios indecisos do tempo da entrada do Rei de Castella até entaõ, tornassem ao seu primeiro principio para serem julgados conforme a intelligencia dos Magistrados. Além desta Lei fez outras muitas, que naõ sahíraõ de al-

Era vulg. gumas Camaras, aonde se guardaõ os seus originaes.

Teve este Rei feliz a gloria de florecerem no seu seculo os homens mais assignalados em armas, que lhe firmáraõ na cabeça a Coroa, e enchêraõ de reputaçaõ o Reino. Entre elles se distinguem o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, terror dos Castelhanos, exemplar de fidelidade, e tronco da Real Casa de Bragança: o Conde D. Pedro de Menezes, que na defensa de Ceuta obrou acções dignas da grandeza da sua alma, estimado por hum dos primeiros Capitães do seu tempo, e Chéfe da illustre familia dos Marquezes de Villa-Real: Joaõ Affonso Pimentel, que se passou a Castella, aonde deo origem a grande Casa de Benavente; Joaõ Fernandes Pacheco, que no mesmo Reino foi progenitor dos Duques de Ossuna, e Escalona: Lopo Vasques da Cunha: Gil Vasques, e Martim Vasques, todos irmãos, que todos foraõ descontentes para Castella, aonde gozáraõ honras distinctas, e possuíraõ grandes Estados, assim como

mo

LIVRO XXV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e acções de D. Duarte, XI. Rei de Portugal.

Era vulg. 1433

CONTAVA D. Duarte quarenta e dous annos, quando succedeo no Reino a seu grande pai, dotado de virtudes, que podiaõ formar hum Rei especioso; mas as qualidades raras, que mostrava sendo Principe, de nada lhe aproveitáraõ nas emprezas depois de Soberano. Muito era o seu valor com desgraças alheias, que fizeraõ ter a D. Duarte por infortunios o valor dos outros. Elle governou cinco annos rodeado de calamidades, que a Providencia a seus tempos reparte pelos Estados florecentes, para que a muita prosperidade naõ os desvaneça. Taes foraõ os golpes descarregados no intervallo breve

do

do ſeu reinado, principalmente o da peſte, que como ſombra do ſeu corpo acompanhou o reſto da vida deſte Rei, ſem nos fazer eſpecie o cumprimento do vaticinio do Judeo Aſtrologo, que no acto da proclamaçaõ ſe apreſentou no meio da Aſſembléa, e pedio ao Rei quizeſſe retardar a ceremonia para evitar o encontro de huma conſtellaçaõ fatal, que preſidia naquelle meſmo ponto. El-Rei, com advertencia catholica, deſpreſou o agouro fundado em huma ſciencia taõ vã; menos tocado de ouvir ao Judeo, quando ſe retirava, que o ſeu reinado ſería breve, e infeliz, que ſenſivel á certeza, de que nos horoſcopos mentem os aſpectos dos Aſtros; que na Fé ſaõ infalliveis as doutrinas do Ceo.

Era vulg.

Havia D. Duarte caſado, como fica dito, no anno de 1428 com D. Leonor, filha de D. Fernando I., Rei de Aragaõ, e della teve filhos: ao Infante D. Joaõ, que naſceo em Lisboa no mez de Outubro de 1419, e morreo menino: a Infante D. Filippa, que naſceo em Santarem a 27 de Novembro

Era vulg. bro de 1430, e morreo a 24 de Março de 1439: o Principe D. Affonso, primeiro de Portugal, que teve este titulo, e nasceo em Cintra a 15 de Janeiro de 1432, succedeo a seu pai: a Infante D. Maria, que nasceo no Sardoal a 7 de Dezembro de 1432, e morreo no dia seguinte: o Infante D. Fernando, Duque de Viseo, que nasceo em Almeirim a 17 de Novembro de 1433, casou com a Infante D. Brites, filha de seu tio o Infante D. Joaõ em 1447, e morreo em Setuval a 18 de Setembro de 1470, jáz com a Infante sua mulher no Convento da Conceiçaõ de Béja: a Infante D. Leonor, que nasceo em Torres Vedras a 18 de Setembro de 1434, e casou com o Imperador Frederico III. a 16 de Março de 1452, e morreo em Neustat a 3 de Setembro de 1467: o Infante D. Duarte, que nasceo em Alenquer a 12 de Junho de 1435, e naõ sabemos quando morreo: a Infante D. Catharina, que nasceo a 25 de Novembro de 1436, esteve desposada com D. Carlos, Principe de Navarra, depois com

Duar-

Duarte IV. de Inglaterra, e morreo em Santa Clara de Lisboa a 17 de Junho de 1463, e jáz em Santo Eloy da mesma Cidade: a Infante D. Joanna, que nascêo posthuma em Março de 1439, casou com Henrique IV. de Castella em 21 de Maio de 1455, e morreo a 13 de Junho de 1475; jáz em S. Francisco de Madrid.

Era vulg.

De D. Joanna Manoel, que certo Escritor nos representa parente de sua mulher a Rainha D Leonor, teve D. Duarte bastardo a D. Joaõ Manoel; que se distinguio na guerra de Africa, e voltando ao Reino se fez Frade do Carmo, donde sahio pouco depois para ser Bispo de Ceuta. El-Rei D. Affonso V. o quiz na Corte pela estimaçaõ, que fazia dos seus conselhos, e o nomeou seu Capellaõ Mór. D. Joaõ Manoel he tronco das familias deste appellido, que vem dos filhos, que elle teve da célebre Justa Rodrigues, dos quaes diz com desembaraço hum dos nossos Poetas: Que Justa Rodrigues justára com hum Frade Carmelita, e desta Justa maldita muitos Manoeis deitára.

Com

Era vulg. Com razaõ eſperava Portugal foſſe feliz o tempo de hum Principe, que na perſpicacia do juizo, e ſublimidade do talento, que ſe lhe deſcobrio na meninice, parecia hum vaticinio infallivel da cultura das ſciencias, e da protecçaõ dos ſábios, que o diſtinguiriaõ entre os Principes ſeus Predeceſſores. De dez annos de idade fora elle jurado Succeſſor da Coroa a 22 de Março de 1401 nas Cortes celebradas em Leiria; moſtrando no prologo do Reinado futuro, que para merecer a Coroa lhe era deſneceſſaria a dependencia da fortuna. Levado da emulaçaõ glorioſa de ſer herdeiro, antes das virtudes, que dos dominios de ſeu grande pai, imitou delle a ſua primogenita, que era o valor, de que deo argumentos illuſtres na tomada de Ceuta, como em ſeu lugar fica dito. Sobre eſtas bazes conſtantes firmava Portugal as ſuas eſperanças no novo Rei, que ſe deteve alguns dias em Belém depois da ſua acclamaçaõ, aonde chegou de Coimbra o Infante D. Pedro, que lhe beijou a maõ, e reconheceo

por

por ſeu Soberano. Immediatamente ſe ſeguio a convocação dos Eſtados em Sintra, e nelles foi reconhecido o Principe D. Affonſo por herdeiro preſumptivo do Reino.

Era vulg.

Eſtas duas ceremonias precedêrão á pompa funebre do Rei defunto, que deixo referida, e conſummada ella, a Corte foi para Leiria por cauſa do mal contagioſo, que já principiava a affligir o Reino. Neſta Cidade celebrou elle as Cortes, em que foi determinado ſe ajuntaſſem em hum Codigo as Leis, que ſe devião obſervar nos ſeus Dominios, e até então ſe não ſeguião com igualdade em todos os Tribunaes, aonde cada qual ao ſeu arbitrio fazia huma juriſprudencia particular. Por eſte Codigo ſujeitou El-Rei os Miniſtros á meſma régra, e lhes inſpirou o meſmo eſpirito nos deſpachos, que erão obrigados a dar. Elle ajuntou a eſta Lei geral outra particular, que moderou os exceſſos do luxo nos veſtidos, e nas mezas, tudo regulado pelas qualidades dos naſcimentos dos homens; e para que o exemplo ſerviſſe

1434

Era vulg. ao Povo de Lei mais forte, a ſua obſervancia principiou pela Caſa Real, e pela Corte.

Por eſte tempo ainda governava Ceuta na auſencia do Conde D. Pedro, que eſtava em Portugal, ſeu filho D. Duarte de Menezes, ſempre deſejoſo de avançar a ſua reputaçaõ em feitos honroſos. Em quanto ſeu pai entretinha na Corte a ſua velhice com os prazeres das quartas vodas, que contrahio com huma filha do Almirante Manoel Paçanha, elle teve por digna da ſua corage a empreza de ſobprender o lugar de Bobdim, donde eſperava cativos, e deſpojos. Com eſte deſignio ſahio huma noite da Praça, e por mais que forçou a marcha naõ pode chegar ao lugar, ſenaõ de dia. Eſtavaõ deſprevenidos os Mouros, que ſahiaõ das caſas a morrer, ou a ſer preſos nas ruas; mas os ligeiros na fuga deraõ aviſo da ſua deſgraça aos viſinhos, que corrêraõ para deſpicarem a injúria, e reſtaurarem a preza na retirada de D. Duarte. Elle a fez com deſembaraço militar, ſuſtentando huma eſcaramuça con-

continuada em todo o caminho até á Praça, aonde recolheo os prisioneiros, e despojos sem diminuiçaõ no número.

Era vulg.

Depois deste successo chegou de Portugal o Conde para continuar em Ceuta o seu diuturno governo, corridos já tres espaços de tempo bastante para tres vezes se naturalizar Africano. Com tres náos crúsava aquelles mares o valeroso Alvaro Vaz de Almada, que na forma do seu Regimento, veio aportar a Ceuta, aonde o Conde o hospedou em sua casa. Hum dia, quando elles, e outros Fidalgos jantavaõ, as Atalaias do campo deraõ sinal de rebate, que o Conde estimou para satisfazer o desejo dos seus hospedes com hum prato tanto do seu gosto. Elles trocaõ a meza pela campanha, que achaõ coberta por 400 cavallos, e 2000 Infantes inimigos. Vellos, e atacallos foi tudo hum mesmo acto, e com tal valor de Alvaro Vaz de Almada, que como se quizesse para si só a gloria daquelle dia, se metteo pelo centro dos Mouros, esque-

ci-

Era vulg. cido de que neceſſitava de mais braços para ſegurar a victoria. O Conde, que o vio neſte perigo, como que prevendo tinha eſta de ſer a ultima acçaõ militar da ſua vida, elle lhe quiz pôr a Coroa, lançando-ſe aos barbaros com tal esforço, que naõ lhe podêraõ ſoffrer os golpes. Em breve eſpaço ſe vio o campo coberto de cadaveres inimigos, e derramado o terror, os bons cavalleiros moſtravaõ que o eraõ no bem, que corriaõ.

Satisfeito com eſta hoſpedagem ſe deſpedio Alvaro Vaz, quando chegavaõ outros invejoſos de agaſalho ſemelhante, que foraõ Ruy Dias de Souſa, filho do Meſtre de Chriſto D. Lopo Dias, e Gonçalo Rodrigues de Souſa, filho do bravo Ruy de Souſa, que na conquiſta deſta Praça obrou as façanhas, que eu deixo contadas. Elles inſtavaõ ao Conde naõ os quizeſſe deſigualar de Alvaro Vaz com lhes negar huma occaſiaõ, em que podeſſem aſſignalar o ſeu valor. O Conde para os ſatisfazer, mandou a Martim da Camara, que com alguns companheiros foſ-

ſe

ſe espiar huma Aldea junto a Tetuaõ, e voltaſſe a informallo do eſtado della para diſpôr a expediçaõ, que ſe fazia reſpeitavel pela viſinhança de huma Cidade taõ forte. A informaçaõ foi como ſe podia deſejar, e deſtinado para a empreza D. Duarte, que marchou com os Fidalgos, e Cavalleiros da Praça. Antes que elles chegaſſem ao lugar, foraõ ſentidos de hum Mouro, que dormia no campo, e correo a dar aviſo da noſſa marcha.

Era vulg...

Nada embaraçou a noſſa cavallaria, que entrou eſpada em maõ, ſem diſtinguir ſexo, ou idade; e rebanhado quanto havia de eſtimavel, viemos encontrando na retirada muitos tropeços em magotes numeroſos de Mouros, que nos diſputavaõ o paſſo. D. Duarte, que queria ſalvar a preza, contentava-ſe com fazer ſemblante de inveſtir, e hia paſſando; mas tanto que a pôz ſegura em lugar vantajoſo, virando caras a dous mil Barbaros, que o perſeguiaõ, os fez em poſtas. Na retaguarda deſte marchava outro corpo, que indicava nos clamores o deſejo de

me-

Era vulg. medir as armas; mas chegando ao lugar da primeira refrega, o horror de tantos corpos descabeçados, outros feridos, e agonizantes, de sórte os sobprendeo, que paráraõ compassivos, e se retiráraõ covardes. Recolheo-se D. Duarte carregado de gloria, e de despojos, que seu pai veio receber fóra das portas da Cidade para se recrear nas gentilezas do substituto do seu valor, que como elle saberia servir a Pátria.

Quando em Ceuta se passavaõ estas cousas, o Infante D. Henrique em Portugal naõ tinha ociosas as idéas dos seus descobrimentos. Com as noticias, que no anno precedente lhe trouxera Gil Annes do Cabo Bojador, ficou elle taõ satisfeito, que neste se resolveo a mandallo em hum navio, e em outro o seu Copeiro, Affonso Gonçalves Baldaya, para navegarem quanto lhes fosse possivel além daquelle cabo. Elles o dobráraõ, e corrêraõ mais 30 legoas até huma Angra, que chamáraõ dos Ruyvos, em razaõ dos muitos peixes desta qualidade, que viraõ nella. Sal-

tan-

tando em terra achárao vestigios de homens, e rasto de animaes; mas naõ podendo descobrir naquellas immediações huma, e outra especie, elles se recolhêraõ ao Reino com estas noticias. O Infante, que as desejava mais miudas, no anno seguinte de 1435 os tornou a mandar á mesma paragem para descobrirem os vultos, de quem tinhaõ examinado os signaes. Passáraõ os navegantes doze legoas mais além da Angra dos Ruyvos, e pondo em terra a Heitor Homem, e a Diogo Lopes de Almeida, dous Cavalleiros de dezasete annos, com mais valor, que idade, montados em dous cavallos, foraõ mandados penetrar a terra para darem informaçaõ do que vissem.

Eta vulg.

Marcháraõ elles grande parte do dia, e já sobre a tarde avistáraõ dezanove homens de figura medonha, armados de dardos, que naõ duvidáraõ chegar-se ás duas imagens estranhas para lhes perguntarem com as armas o motivo de devaçarem o horror sagrado das suas brenhas. Traváraõ os dous Moços Portuguezes huma pendencia,

aon-

Era vulg. aonde o seu sangue foi o primeiro; que rubricou as nossas conquistas naquella parte de Africa, e depois de largo espaço, feridos os Jalofos, se escondêraõ nos mattos. Voltáraõ elles ao navio, e deraõ parte do successo ao Baldaya, que com hum grosso de gente foi por elles conduzido ao lugar do combate, e nada descobrindo, com que podessem satisfazer os designios da sua commissaõ, quizeraõ fazer-se na volta do Reino, satisfeitos com dar áquella praia o nome da Angra dos cavallos; mas o Chéfe estimulado dos desejos de agradar o Infante, e para si de adquirir gloria, correo mais doze legoas de Costa até ao sitio, que fez chamar a Pedra da Galé. Nesta praia víraõ elles hum numero monstruoso de Lobos marinhos, de que matáraõ muitos, e trouxeraõ as pelles, que tiveraõ muita estimaçaõ, sem outros signaes alguns da nova terra.

Naõ continuou o Infante nos progressos dos descobrimentos deste anno de 1435 até o de 1441 por causa da expediçaõ infeliz de Tangere, da

mor-

morte do Rei D. Duarte, e das perturbações, que se originárão pela menoridade de seu Sobrinho D. Affonso V. D. Duarte para dar hum argumento de obediencia obsequiosa aos Vigarios de Christo na terra, mandou huma Embaixada solemne ao Concilio de Basiléa, de que nomeou por Embaixadores ao Bispo do Porto, e a seu sobrinho D. Affonso, primeiro Marquez de Valença, que forão recebidos a 24 de Junho deste anno pelo Papa Eugenio IV., e por elle confirmada a graça, antes concedida ao Infante D. Pedro, quando esteve em Roma, de poder o Rei D. Duarte ser coroado, e ungido na fórma do antigo ceremonial dos Reis de França. Para dizer aqui tudo o que nos pertence a respeito deste Concilio, que quiz principiar Martinho V., continuou Eugenio IV., e concluio Eugenio V., nelle se tratárão os meios para o augmento, e conservação da Fé, do estado da Igreja, da reformação do Cléro, da reuniaõ das Igrejas Latina, e Grega, particularmente dos Bohemios, da extirpação das heresias,

Era vulg.

Era vulg. da conservaçaõ das liberdades da Igreja, do repouso dos Reis, dos Principes, e dos Póvos.

1435 No mesmo Concilio os nossos mencionados Embaixadores Bispo do Porto, e Marquez de Valença obtiveraõ dos Padres a publicaçaõ de huma Cruzada contra os Mouros, determinado ElRei a continuar a guerra em Africa mais pelos avances da Religiaõ, que pelos interesses do seu Estado. Acabada a commissaõ dos nossos Ministros, o Marquez se recolheo só a Portugal, e o Bispo, com consentimento del Rei, foi nomeado pelos Padres do Concilio para ir a Constantinopla em qualidade de Legado, empregar os seus grandes talentos na conclusaõ das differenças entre as duas Igrejas. A prudencia, com que elle conduzio esta negociaçaõ importante, e delicada, lhe mereceo na sua vinda de Constantinopla huma nova honra, que o acclamou digno da continuaçaõ do mesmo caracter de Legado para o exercitar junto á pessoa de Filippe, Duque de Borgonha.

CA-

CAPITULO II.

Era vulg.

Trataõ-se os successos de Ceuta até a morte do Conde D. Pedro de Menezes, com hum resumo de algumas cousas pertencentes á mesma Praça.

JÁ mais se fechou em Ceuta o Templo de Jano no espaço longo do governo do Conde D. Pedro; elle sempre prompto para exercitar o genio marcial; os Mouros nunca esquecidos da memoria da sua amada Cidade. Neste anno, de que vamos fallando, vieraõ servir nella ás ordens do seu respeitavel Chéfe muitos Fidalgos, e entre elles D. Sancho de Noronha, taõ ambicioso de gloria o seu valor, que homens da sua qualidade estimavaõ vir voluntarios adquirilla naquelle presidio de Africa. Os Mouros nas ultimas refégas ficáraõ taõ cortados do nosso ferro, que havia muitos mezes nos deixavaõ a campanha em tal socego, como se Ceuta estivesse plantada no centro de Portugal. Sentiaõ esta inac-

1433

Era vulg. çaõ os novos aventureiros, especialmente D. Sancho, que medindo as emprezas pelo tamanho do seu coraçaõ, representou ao Conde; Que elle viera á Africa desaffogar o ardor do seu espirito, que via mais apertado no recincto de huma Praça em ociosidade; que naõ se satisfazia com ir sobprender huma Aldêa; e porque a gente da guarniçaõ era muita, lhe désse hum corpo bastante com que elle fosse, e arrasasse a Cidade de Tetuaõ.

Louvou, e condescendeo o Conde com os rógos de D. Sancho; nomeou-lhe pára companheiros a seu filho, e escolheo 150 cavallos, e 300 Infantes, que encarregou ao seu commandamento; Embarcada a Infantaria; marcháraõ a 15 de Outubro, ajustado o lugar, e a hóra, aonde se haviaõ ajuntar os dous cŏrpos. Quando elles alta noite pisavaõ o Paiz inimigo, o clamor de vozes ao longe, e muitos fógos accesos em várias distancias os fez conceber o susto, de que a sua marcha estava descoberta, e elles dez legoas pela terra dentro visinhos á Tetuaõ,

sem

ſem mais auxilio, que o de ſeu valor Era vulg.
para o avance, e retirada igualmente perigoſos. Aſſim o conhecem todos; mas nenhum deſmaia, e ſe offerecem a ſeguir os dictames do ſeu Chéfe, experimentado em todos os lances da fortuna. Ordena D. Duarte, que continue a marcha para a Cidade, ſenaõ a ſobprendella, ao menos para atemoriſalla; e perſuadir aos Mouros, que ſe naõ os temiamos para os inveſtirmos na Praça, menos nos aſſuſtariaõ quando do campo nos retiraſſemos.

Os Barbaros aviſados a tempo, nos eſperavaõ em hum paſſo eſtreito, aonde principiou a eſcaramuça, que vencemos, e perſeguindo os fugitivos, os noſſos Cavalleiros da vã-guarda pregáraõ as lanças nas portas de Tetuaõ. Como faltavaõ inſtrumentos para expugnar a Praça, que nós queriamos levar por huma ſobpreza; mallograda eſta com a noticia antecipada da noſſa vinda; concorrendo de todas as partes muitos Mouros a cortar-nos o paſſo, e nós déz légoas entranhados no Paiz; tudo foraõ circunſtancias, que concorrêraõ para

ſe

Era vulg. ſe perſuadir a D. Duarte, e a D. Sancho retirar-ſe a Infantaria a buſcar as barcas, e a cavallaria recolher-ſe a Ceuta por terrenos vantajoſos á ſua marcha. Os Mouros, percebendo o noſſo deſignio, corrêraõ á praia, que occupáraõ com os montes viſinhos; mas D. Duarte ſem temer a multidaõ de homens, que tinha diante, ordenou a D. Sancho fizeſſe todas as tentativas para ſe embarcar, em quanto elle com a cavallaria inveſtia os Mouros para os divertir.

Naõ he facil conceber-ſe a corage deſmedida, com que foraõ atacados os Barbaros pelo Chéfe, que ſabía eſtar a ſalvaçaõ da ſua trópa dependente do vigor deſte repelaõ. Elle foi taõ violento, com golpes taõ deſcompaçados, com tanta quantidade de mórtos, que os inimigos eſpantados do ſeu deſtroço, perdêraõ tanto terreno, que D. Sancho pode embarcar a Infantaria a ſeu ſalvo; e voltando com os mais Fidalgos a fazer-ſe glorioſos ao lado do ſeu inimitavel General, obráraõ tantas gentilezas, que já deſembaraçado

o

o campo de contrarios, D. Sancho fallou por todos a D. Duarte, e lhe disse: Vós sois testemunha do que eu, e estes Fidalgos, que me acompanhaõ acabamos de obrar: se os olhos de todos estes camaradas víraõ o nosso serviço, vejaõ tambem o premio na honra, que pretendemos de ser armados Cavalleiros pelas vossas mãos valerosas neste lugar do combate. Quizera escusar-se D. Duarte, para que seu pai em Ceuta fizesse esta honrosa ceremonia; mas as instancias foraõ tantas, que elle naõ pode resistir a huma demanda taõ justa.

Era vulg.

Acabada a funçaõ, cresceo o alvoroço, quando se advertio, que da nossa parte naõ faltava mais homem, que Joaõ Garcia; e dando ao mesmo tempo as barcas á vella, e a cavallaria rompendo a marcha, se fizeraõ na volta de Ceuta. O estrondo desta acçaõ, que devia fazer nella hum écco respeitoso, de tal sórte desenfreou o monstro da inveja, que se passáraõ mezes sem haver na Praça huma só pessoa de qualidade, que quizesse acompanhar a

D.

Era vulg. D. Duarte, e a D. Sancho em emprezas, de que lhes podesse resultar gloria. D. Duarte percebendo esta politica sempre prejudicial aos Estados, resolveo-se a confundilla pelos mesmos meios, que a alterava. Elle se fez informar da fórma, em que se achava a Aldêa de Benaguará, junto a Tetuaõ, e resoluto a investilla, fez embarcar a gente commua, que lhe pareceo; escolheo cincoenta Cavalleiros seus, e de seu pai; convidou a D. Sancho, que achou abandonado pelos invejosos, e sem o embaraçar a falta deste camarada illustre, partio á empreza premeditada.

Chegou D. Duarte alta noite ás visinhanças de Benaguará, e escondendo-se nas mattas espeças dos seus contornos, esperou até o dia seguinte as horas, em que os Mouros estivessem occupados nos seus ministerios. Entaõ os Leões rugindo entráraõ na Aldêa, que leváraõ sem resistencia, fazendo huma das prezas mais importantes, que até entaõ se tinha visto, especialmente em gados de todos os generos.

To-

Todos os Aduares daquella Comarca se despovoáraõ para vir castigar a nossa temeridade; mas D. Duarte encarregando a preza a quatro Cavalleiros bravos para á irem conduzindo, elle se lançou aos Mouros com o impeto costumado. Fernaõ Rodrigues de Vasconcellos, neto do Mestre de Sant-Iago Mem Rodrigues, abrio as portas á victoria matando hum alentado Mouro, que com a falta do seu espirito enfraqueceo o dos camaradas. Tantas mórtes, perdas multiplicadas, a corage dos Barbaros taõ abatida como a sua reputaçaõ, os fez entrar nos desejos de pedir huma tregoa, que entaõ entendeo o Conde lhes naõ devia conceder.

Era vulg.

Talvez que esta repugnancia nascesse delle trazer já ideada a empreza contra a Aldêa rica de Benamadem, aonde os Mouros viviaõ com o descuido, que lhes promettia a segurança de hum rio pouco vadeavel, que nós necessitavamos passar para a invadir. Estava o Conde bem instruido no modo de tentar esta expediçaõ por hum ca-

1436

Era vulg. cativo nosso já resgatado, que tinha servido o Mouro mais principal daquella Aldêa. Como pouco antes haviaõ chegado á Praça Joaõ de Albuquerque, Senhor de Angeja, Ruy de Mello, depois Almirante, e Ruy da Cunha, que foi Prior de Guimarães; elle os chamou, e disse, que com seu filho D. Duarte, 300 Infantes, e 210 cavallos os mandava assollar a Aldêa de Benamadem, donde voltariaõ honrados, e ricos. O cativo os foi conduzindo no maior silencio da noite a passar o rio em hum váo, que elle sabia, e logo o vadeou D. Duarte seguido dos mais, que foraõ levados pelo guia á porta do seu antigo Senhor. Elle se alvoroçou com o tropel da gente, e teve lugar de montar a cavallo para dar aviso aos Póvos visinhos do nosso insulto sobre a sua Aldêa.

Em quanto D. Duarte se occupava em fazer a grande preza; em a encarregar á melhor gente; em assegurar a campanha; appareceo o Mouro na testa de hum grande numero delles, clamando, que applicassem todo o seu esfor-

Era vulg. 1

forço para tirarem a vida ao Capitaõ atrevido, que elle hia a buſcar para ſer o primeiro em enſopar as armas nas ſuas entranhas. D. Duarte, que ouvia as ameaças deſte bravo, elle o eſperava firme, com tanta força lhe corre a lança, que lhe rompe as armas, atraveça-o, e o derruba morto. O deſembaraço, e a morte deſtes dous Chéfes infundio nos noſſos tal valor; nos Mouros tanto medo, que no campo encontravamos inimigos ſem reſiſtencia; homens, que vieraõ deixar-ſe matar, até ſem alentos para fugir. Cançados de tirar vidas, fizemos 50 priſioneiros, e coberta a campanha de gados, chegou com elles D. Duarte, e ſem a perda de hum homem, ás portas de Ceuta, aonde o eſperava ſeu pai com as veneraveis cãs banhadas em lagrimas de alegria na preſença da imagem do ſeu valor, o filho tantas vezes triunfante.

A repetiçaõ das perdas, o eſtrago das vidas na multiplicidade das noſſas ſortidas, fez tal impreſſaõ em hum parente valeroſo do Rei de Féz, que eſtan-

Era vulg. tando á meza com muitos dos seus Fidalgos, lhes representou, como os insultos dos Portuguezes já eraõ intoleraveis: que se elles quizessem revestir-se dos seus sentimentos, se deliberassem, e partissem para debaixo dos muros de Ceuta nos tomarem conta dos nossos atrevimentos. Naõ houve hum só, que recusasse a sua condescendencia; e escolhidos mil cavallos, vieraõ ás immediações da Praça, aonde postáraõ 900 em duas emboscadas, e o resto em trages de paisanos os mandáraõ á vista da Cidade, com ordem que sendo atacados, se fossem retirando até metterem os inimigos no centro das suas cilladas. Quando appareceo esta desprezivel trópa, D. Duarte com alguns Fidalgos, e Cavalleiros acabava de sahir para examinar o campo, e naõ podêraõ conter-se sem a atacarem, menos attentos ao excesso do numero, que ás apparencias da sua baixa qualidade. Os Mouros se retiraõ; D. Duarte os segue; e sahe a primeira cillada, a que logo matámos dezasete, e entre elles o seu Command-

dan-

dante: mas D. Duarte advertindo o estratagema dos Barbaros, que com tanta superioridade se deixavaõ perder campo, quizera conter-se. Naõ lhe deo a isso lugar a sua gente empenhada no alcance, quando entre ella soou huma voz desconhecida, que lhe dizia naõ passasse adiante, porque se mettia em grande perigo. Como se naõ bastasse este aviso, de repente se toldou o ar com huma nevoa taõ espeça, que huns aos outros senaõ viaõ; e a favor della pode D. Duarte avisar a sua pouca gente para se retirar, como fez sem a menor perturbaçaõ.

Era vulg.

Já o Conde sabia que no Reino estava resoluto o sitio de Tangere, e que naõ sendo admittida a offerta da sua pessoa, a de seu filho era convidada. Desejou seu pai, que elle se achasse naquella expediçaõ condecorado com alguma acçaõ mais façanhosa, que as precedentes; e como a de Tetuaõ, a primeira vez mallograda, levava tanto as nossas attenções, com todas as forças, que pode tirar da Praça, mandou a D. Duarte expugnar es-

Era vulg. ta Cidade igualmente rica, e populosa. Quanto val o credito bem estabelecido de hum grande General! O mesmo foi saber-se em Tetuaõ, que D. Duarte marchava sobre ella, que desampararem-a todos os seus moradores, mais attentos a salvar as vidas, e as riquezas, que a defender a estimavel Pátria. D. Duarte, e seu primo D. Fernando de Menezes, que primeiro entráraõ na Cidade, a viraõ despovoada; acháraõ fechadas as portas do Castello, e mandando dar-lhe fogo, o arrazáraõ com o resto dos muros; despojáraõ as casas do que naõ pode conduzir a pressa dos fugitivos, e ateando por toda a Cidade hum incendio voráz, a soberba Tetuaõ ficou reduzida a cinzas, hum despojo lastimoso da nossa cólera.

Tinha acabado o anno de 1436, em que vou fallando; mas para concluir aqui com o que pertence ao Conde D. Pedro, e a algumas particularidades do seu governo na Praça de Ceuta, devo dizer, que no mez de Setembro de 1437, quando já os Infantes

es-

estavaõ sobre Tangere, e com elles D. Duarte de Menezes, seu pai o Conde D. Pedro adoeceo gravemente da molestia, que deo fim á sua heróica vida. Mandou elle pedir aos Infantes quizessem permittir licença a seu filho para lhe dar a ultima despedida. Quando D. Duarte chegou a Ceuta achou o pai em estado, que apenas lhe pode deitar a bençaõ, e repetir com vozes languidas documentos saudaveis, sahidos de hum espirito sublime, que com morte placida voava desatado da carne a receber na Patria o premio das suas heróicas virtudes. O seu cadaver foi sepultado na Sé de Ceuta, e della trasladado para o Convento dos Eremitas de Santo Agostinho de Santarem, que fundára seu Avô D. Joaõ Affonso Télo de Menezes, Conde de Ourem, governando este Reino o Infante D. Pedro na menoridade del-Rei D. Affonso V. Na sua sepultura se lê o Epitafio seguinte:

Era vulg.

Aqui jaz o muito honrado, muito nobre, e muy fidalgo Senhor Dom

Pe-

Era vulg. Pedro de Menezes, Conde que foy de Viana, e primeiro Capitaõ, e Governador, que foy na Cidade de Cepta, Alferes mór do muito alto, poderoso, e muito excellente Senhor Dom Duarte, pela graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, e Senhor da dita Cidade, filho que foy de D. Joaõ Affonso Télo de Menezes, Conde que foy de Viana, e Senhor de Penella, Miranda, Alvito, e Villa Nova, e neto que foy de Dom Joaõ Affonso Télo de Menezes, Conde que foy de Ourem, e da Condeça D. Guiomar de Ferreira, sua mulher, bisneta que foy del-Rey D. Sancho de Castella, que este Mosteiro edificáraõ; o qual Conde D. Pedro a dita Cidade de Cepta huma só em Africa por Christãos possuida, com muita discriçaõ vinte e dois annos governou, e contra os Mouros Infiéis muy esforçadamente defendeo, e os conquistou por mar, e por terra, e fez afastar, e por força deixar grande parte dos termos della: onde por sua de-

defensaõ, e da dita conquista fez Era vij. muitas peleijas, em ellas sempre vencedor, e nunca vencido: de que a dita Cidade houve sempre em seu tempo glória de vencimento; os Mouros temor, e os ditos Reinos grande louvor. Finou-se em a dita Cidade aos vinte e dois de Setembro com seu proprio entender, bom, e Catholico Christaõ até a morte, muy esforçado Cavalleiro, a seu Rey natural muy verdadeiro, fiel, e leal, no anno de Nosso Senhor mil quatrocentos, e trinta, e sete.

Este Epitaphio, que enuncia, naõ só as victorias terrestres, que ficaõ referidas do Conde, mas as suas expedições navaes, elle me obriga a fazer destas ultimas hum resumo no Capitulo seguinte.

Era vulg.

CAPITULO III.

Das emprezas maritimas do Conde D. Pedro no tempo do seu governo na Cidade de Ceuta.

A DEFENSA, e conquista, que diz o citado Epitafio fizera o Conde sobre os Mouros por mar, e por terra, me fez nascer os desejos de averiguar quaes fossem as expedições maritimas, que o Conde mandou fazer por mar, havendo eu dado noticia das mais consideraveis, que se obrárao por terra. Depois de applicaçaõ varia, vim a saber que o Conde D. Pedro logo no principio do seu Governo, para ter avisos do que se passava pela costa de Ceuta, fez armar em guerra huma grande fusta, que entregou ao commandamento do Capitaõ Affonso Garcia de Queiróz, que era hum Fidalgo de grande corage, para com ella correr aquelles mares, e os da costa do Reino de Granada, aonde fez muitas, e importantes prezas. Mostrou Affon-

so

ſo Garcia a igualdade do ſeu valor em muitos combates; mas a acçaõ, que o deixou á poſteridade recommendavel, foi a gentileza com que elle na ſua fuſta rompeo o centro da armada inimiga dos Granadinos na occaſiaõ, em que ſitiáraõ Ceuta, e veio à Lisboa dar parte a El-Rei do aperto, em que eſtava a Praça.

Era vulg.

Vendo o Conde os grandes ſerviços, que ella recebia deſta embarcaçaõ, mandou armar outras muitas, que fiou a peſſoas de importancia, como foraõ Martim de Caſtro, Fernaõ Barreto, Diogo Vaſques Portocarreiro, Joaõ Pereira, Fernaõ Gonçalves d'Arca, e outros homens ſemelhantes, que conſerváraõ naquelles mares a ſuperioridade com tanto damno dos Mouros, que ou naõ largavaõ os pórtos, ou perdiaõ os vaſos, que delles ſahiaõ. Entaõ ſe dividiaõ os corſos pelos mares, que dominavaõ os Mouros pela parte de Africa, e de Heſpanha, conduzindo-ſe nelles os noſſos Cabos com tanto deſembaraço, que entravaõ pelos pórtos a apriſionar as embarca-

Era vulg. ções inimigas. Diogo Vasques se dis-
tinguia nestas expedições, e em huma
se conduzio animoso, atacando com
a sua fusta duas galés de Mouros, soc-
corrido por Joaõ Requelme, Corsa-
rio de Cartagena, e rendida huma,
fizéraõ varar a outra, que despedaçá-
raõ.

Pelas informações, que teve o Con-
de do estado da Praça de Larache,
Cidade respeitavel da Provincia de As-
gar, determinou-se a mandalla destruir,
e chamou a conselho os Capitães das
fustas, que achou promptos para se-
guirem as suas ordens. Encarregou el-
le a expediçaõ ao mesmo Diogo Vas-
ques, e Affonso Martins Cayado, Te-
nente da sua galé, que sahíraõ com os
mais em demanda de Larache. Pedro
Ximenes se divertio da conserva para
examinar hum porto visinho, seguin-
do os mais a derrota com tanta feli-
cidade, que entráraõ em Larache; for-
çáraõ os muros obrando proezas in-
criveis; passáraõ á espada grande có-
pia de Mouros, e carregadas as fustas
de ricos despojos, déraõ fogo ao Cas-
tel-

tello, e á maior parte da Cidade. Era vulg.
Quando elles concluiaõ com tanta glória a ſua acçaõ, entrava no porto Pedro Ximenes, com huma fuſta carregada de prezos, que fizéraõ na ſua derrota, e ſe recolhêraõ a Ceuta para receber no prazer do Conde o primeiro premio do ſeu ſerviço.

Nem ſempre a fortuna favorece a temeridade. Pedro Ximenes, vaidoſo com os bons ſucceſſos paſſados, quiz obrar novas proezas, e ſahindo de Ceuta com duas fuſtas, ſaltou em terra de Mouros, que foi penetrando. Encontrou cinco, que prendeo; logo o Alcaide de Anafe com vinte, que foi ſeguindo huma legoa, e tomou ſeis, e na volta para o porto mais tres. Com eſta preza feita no meſmo dia, quizéra recolher-ſe á Praça André Martins, que mandava a ſegunda fuſta; mas o Ximenes naõ ſatisfeito, querendo fazer aguada para continuar o corſo, encalhou a ſua fuſta em hum banco do porto, e abrio o coſtado. André Martins recolheo a gente, e inſtou com o Ximenes voltaſſem para Ceuta, porque

Era vulg. que vinhaõ concorrendo muitos Mouros, e elle naõ devia expor-se a novos perigos. Respondeo-lhe o Ximenes, que queria vêr em terra quantos eraõ; e saltando com quatorze homens foi rodeado de 340, que o degolláraõ com os infelices companheiros, vendendo cáras as vidas.

Gonçalo Vasques Ferreira despicou esta affronta com a sua pequena galeota sobre huma grande galé dos barbaros. Foi elle a reconhecella; e os Mouros para o enganarem melhor á vista da desproporçaõ das forças, escondêraõ o grosso da tripulaçaõ, e se mostráraõ poucos, que facilitassem a abordage. Assim o fez denodado Gonçalo Vasques; mas ao ferrar a galé, appareceraõ ao lado dos companheiros 80 dos escondidos. Travou-se huma desigual contenda, em que o Vasques por muitas vezes esteve perdido. A constancia, com que elle peleijava, animou os seus poucos camaradas, que conheciaõ dependente do valor a sua salvaçaõ. Com golpes façanhosos foraõ abysmados os Mouros; huns mórtos; muitos

tos feridos ; alguns lançados ao mar ; o resto com a galé feito prisioneiro, e conduzido a Ceuta, aonde o Capitaõ foi recebido com o applauso, que merecia hum feito taõ heróico.

Era vulg.

Emprezas semelhantes fizéraõ pelo discurso do tempo Affonso Garcia, Fernaõ Barreto, Pedro Vasques Pinto, Joaõ das Aguias, Martim de Pomar, Joaõ Rodrigues Godinho, e outros, que naõ individuamos pela identidade dos successos. Huma das expedições illustres da natureza, que vamos tratando, foi a de Gonçalo Velho, Commendador de Almourol. Este Fidalgo armou no Porto huma galé á sua custa para servir com ella em Ceuta. Unido a outra galé de Alicante, que corria aquelles mares ás ordens de dous aventureiros Castelhanos, resolveo atacar huma Aldea rica, que ficava pouco dentro da costa, aonde desembarcáraõ ; tomando elle a marcha a hum lado, e os Castelhanos pelo outro. Gonçalo Velho chegou primeiro á Aldea acompanhado de noventa, e sete homens, aonde encontrou huma resisten-

ten-

Era vulg. tencia taõ dura nos Mouros, que depois de gravemente ferido, elle, e todos os seus pereceriaõ sem lhes bastar o valor ao excesso do número, se no maior ardor do combate naõ apparecessem os Castelhanos, que se apressáraõ ao ouvir o estrondo dos golpes. Á sua vista fugiraõ os Mouros, deixando a Aldêa exposta á pilhagem, e ao fogo, que a consummio. Nós tivémos a perda de hum homem, e alguns feridos; mas o valor da preza, e o crédito da acçaõ contrapezáraõ o susto dos perigos, e o preço do pouco sangue derramado.

Sentidos os Mouros, de que pelo mar lhe fizessemos a guerra taõ viva, como na campanha de Ceuta, cuidáraõ em armar muitas embarcaçóes em todos os seus pórtos para nos disputarem a superioridade, impedir os desembarques, e começáraõ a ser os encontros mais frequentes. Distinto, e bem illustre foi o que tivéraõ com cinco fustas muito grandes, e defendidas, Pedro Vasques, Alvaro Pinto, Affonso Garcia, Lopo Vasques, André

Mar-

Martins, Joaõ Affonso, Alvaro Fernandes, Gonçalo Vasques, e outros Escudeiros alentados, que depois de combate duro, muitas horas disputado, elles rendêraõ quatro com mórte de 218 Mouros, e 216 captivos: victoria, que por muitos tempos teve abatida a soberba, e arrogancia dos barbaros Mauritanos. Estas saõ as acções navaes mais importantes, que pude descobrir, succedidas, e mandadas executar pelo excellente Conde D. Pedro de Menezes, que conservará incorrupta a memoria do seu nome, em quanto no mundo existir a Cidade de Ceuta, que naõ faz menos célebre este Heróe, que o famoso Hercules por levantar junto a ella as columnas celebradas pela inscripçaõ, e espirito do seu *Non plus ultra.*

Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO IV.

Da jornada infeliz, que fizérao á Cidade de Tangere os Infantes D. Henrique, e D. Fernando.

AINDA que o mal contagioſo tinha diminuído muito as forças de Portugal, El-Rei D. Duarte naõ deixava de aliſtar novas trópas para ſuſtentar com vantagem as expedições de Africa. Por eſtes tempos era elle inſtado de ſeu irmaõ o Infante D. Fernando, que lhe pedia licença para ſahir do Reino, aonde naõ tinha rendas correſpondentes á conſervaçaõ do explendor devido ao ſeu decóro, e aonde lhe faltavaõ occaſiões para o exercicio do ſeu marcial eſpirito. El-Rei, que deſejava diſſuadir o Infante dos intentos de paſſar a Borgonha convidado pela Duqueza ſua irmã, ſe valeo para iſſo do Infante D. Henrique, que ſe aproveitou da occaſiaõ para avançar huma nova expediçaõ a Africa, para que o conduzia o ſeu zelo da Religiaõ. Elle lhe propoz, que

que o meio mais efficaz para dissuadir o Infante, era occupallo na guerra da Mauritania, em que elle naõ duvidava ser seu companheiro; porque divertido com ella, se esqueceria de todos os outros intentos. Naõ condescendeo El-Rei com este voto, nem os Infantes se desanimáraõ; antes recorrendo á Rainha, que D. Duarte, além de esposa, estimava infinito pelas suas qualidades, ella foi conduzindo as pretenções dos Infantes até conseguir a permissaõ.

Era vulg.

Soubéraõ-o os Infantes D. Pedro, e D. Joaõ, e representáraõ a El-Rei, que Tangere era huma Cidade respeitavel da Provincia de Habata, situada junto ao Estreito em paragem de receber promptos soccorros de terra, e por mar do Rei de Granada: que para esta conquista se necessitava hum bom exercito, naõ hum punhado de homens contra inimigos poderosos; que isso sería o Rei arriscar a honra, e sacrificar os vassallos: que naõ se havia fazer conta só do valor dos Portuguezes, sem tomar outras precauções em nego-

go-

Era vulg. gocio desta consequencia, naõ desprezando com ligeireza a qualidade dos inimigos, que se haviaõ combatter. Os outros Infantes seguíraõ rumo contrario, e chegando a fallar D. Fernando, a quem já chamavaõ os fados para a sua ruina, elle expoz os seus sentimentos por modo taõ brilhante, que agradou a El-Rei.

O Infante lhe diz, que elle naõ ignorava, como os Mouros tinhaõ degenerado do seu valor antigo, e se deviaõ olhar como homens sem espirito, inhabeis para a guerra: que os Mouros temêraõ os Portuguezes em todas as idades, nem elles teríaõ valor de pizar terras de Hespanha em tempo dos Godos, se hum trahidor audaz naõ os conduzisse aos Reinos entaõ sem soldados, sem praças, sem disciplina: que naõ sendo necessario revocar á memoria Historias antigas, bastava lembrar a conquista de Ceuta, que seu pai ganhára em hum dia, sem que os Infieis ousassem resistir á corage dos Portuguezes: que para naõ parecer, que elle intentava a empreza de

Tan-

Tangere para a commandar, que elegesse seu irmaõ o Chéfe, que bem lhe parecesse, admittindo-o a elle por hum simples voluntario.

Era vulg

A opposiçaõ destes pareceres deixou perplexo a El-Rei, que para sahir de dúvidas, consultou a materia com o Papa, e outros Principes da Europa, que com razões graves, e ponderosas lhe dissuadiaõ a empreza á vista da situaçaõ triste, em que o Reino se achava. Nada era bastante para dobrar a resoluçaõ dos Infantes arrastados de huma influencia fatal; e avançando a negociaçaõ com a Rainha, a quem o Rei naõ tinha resistencia, ultimamente conseguíraõ a desejada licença. Todo o anno de 1436 se havia gastado nestas pretenções, e entrou o de 1437 com os preparos para a expediçaõ, que teve principio a 22 de Agósto, dia em que a armada sahio da barra de Lisboa. Dizia-se, que nella embarcaraõ 14000 homens debaixo do commandamento dos dous Infantes D. Henrique, e D. Fernando, e com elles muitos dos grandes Senhores, e Nobre-

1437

Era vulg. breza do Reino. Com viagem felíz chegáraõ a Ceuta ſeis dias depois da partida, e poſta a gente em terra para ſe paſſar huma reviſta geral, os Infantes ſe acháraõ ſobprezos, quando contáraõ ſeis mil homens em lugar dos quatorze mil, que ſe affirmava vinhaõ na armada.

Parece que as diſpoſições precedentes dos animos ſaõ huns preſagios infalliveis do deſtino dos ſucceſſos. Eſta grande diminuiçaõ de gente em huma empreza de tanta importancia, já ſe attribuía á peſte, que naquelles dias graſſàra nas náos; já a opiniaõ mal concebída de todos ſobre aquella guerra; já pela deſerçaõ ao tempo de embarcar em Lisboa, vindo os mais violentos por comprazer com os Infantes: tudo idéas, que prognoſticavaõ a infelicidade, qne moſtráraõ os ſucceſſos. Ajuntáraõ os Infantes conſelho de guerra, em que o maior número dos votos foi de parecer, que a armada ſe mandaſſe a Portugal recrutar gente, que engroſſaſſe o exercito improporcionado para ſe apreſentar diante de Tangere

ſem

ſem o temor da certeza de huma ro- Era vulg.
tura da reputaçaõ, e que ſem chegar
eſte ſoccorro as trópas naõ ſe moveſ-
ſem de Ceuta. Ao contrario os Infan-
tes, que naõ conſultavaõ mais que o
ſeu ardor pela glória, allegáraõ que
eſta teria tanto maior eſtatura, quan-
to menos avultado foſſe o corpo, que
combatteſſe pela ganhar: que depois de
eſtarem em Africa dous Principes de
Portugal, naõ ſe devia dar lugar a di-
zerem as gentes, que elles ſahíraõ taõ
mal armados, que lhes foi neceſſario
acantonar-ſe em Ceuta para eſperar no-
vos ſoccorros, que a imprudencia lhes
naõ forneceo para o tempo preciſo de
obrar.

Sobre huns principios taõ equivo-
cos como eſtes, a ſua authoridade ſe
oppoz á partida da armada para Lis-
boa; e determinada a expediçaõ a to-
do o riſco, a 9 de Setembro partiraõ
de Ceuta para Tangere, indo por ter-
ra o Infante D. Henrique, e por mar
o Infante D. Fernando, que foi encon-
trando a coſta cheia de eſcolhos, e de
perigos. D. Henrique deſtacou a Joaõ
Pe-

Era vulg. Pereira com mil homens para observar os passos, quaes seriaõ os mais practicaveis para as náos de alto bordo Elle encontrou na marcha, junto a Almeria hum grosso esquadraõ de Mouros, que lhe foi necessario combatter. Ao ruido da peleija, D. Fernando a todo o pano demandava o lugar della para fazer o desembarque a favor da diversaõ, que entretinha os Mouros; mas naõ obstante a sua diligencia, elle naõ pode chegar senaõ depois da acçaõ, que foi gloriosa para Joaõ Pereira pela fugida precipitada, em que pôz os inimigos. Deo elle parte aos Infante da grande difficuldade, que haveria de expôr a armada a huma passagem taõ perigosa, como elle vinha de observar; mas os Infantes, longe de se embaraçarem com esta reflexaõ, continuáraõ a derrota para Tetuaõ.

Desta Cidade, pouco antes destruida, fizeraõ todos por mar a breve navegaçaõ até Tangere; levando o Conde de Arrayolos a vã-guarda da frota, D. Duarte de Menezes o centro, e os Infantes cobrindo a reta-guarda. Imme-

mediatamente chegáraõ a Tangere, desembarcáraõ as trópas, formáraõ o campo, e principiou o sitio com huma avançada ás duas pórtas da Cidade, que se ganháraõ a troco de algumas vidas dos nossos; mas sem outra vantagem. O vigor, com que combatiamos, foi origem da vóz, que se levantou no campo, de que os Mouros atonitos das operações, e fogo dos sitiantes, haviaõ abandonado a Praça para se naõ exporem á dureza do sitio, nem se arriscarem ao nosso resentimento se a levassemos de assalto. Da verdade deste rumor se quizeraõ informar o Conde de Arrayolos, Alvaro Vaz de Almada, e outros Fidalgos, que com as suas trópas se avançáraõ ao lado da terra; mas elles houveraõ de se suspender, quando víraõ por aquella parte as obras exteriores com toda a boa defensa. Para que os Barbaros naõ entendessem, que elles os temiaõ, foraõ a forçallos no seu mesmo posto com tanta intrepidez, que mettêraõ a todos pela pórta da Cidade, aonde encontráraõ a resistencia taõ viva, que depois

Era vulg.

Era vulg. de muitos mórtos, e feridos, houvéraõ de retroceder.

Com a ſua volta ao campo ſe redobrou o ardor do ſitio por eſpaço de 38 dias, em que reduzíraõ o muro a termos de ſe dar hum aſſalto geral. Os ſitiados, que conhecêraõ a neceſſidade do valor para a conſervaçaõ da ſua Praça, nada ſe deſcuidáraõ de quanto podia contribuir para a defenſa, eſpecialmente depois que nella entrou Zalá-Benzalá com huma parte dos ſoldados velhos, que elle teve na guarniçaõ de Ceuta, quando lhe foi tomada. Determinou-ſe da noſſa parte, que quando as trópas deſtinadas para o aſſalto ſe aviſinhaſſem ao corpo da Praça, o Infante D. Fernando, e o Conde de Arrayolos a atacaſſem pelo lado de Féz, e o Biſpo de Evora D. Alvaro de Abreo com D. Fernando Coutinho inveſtiſſem a porta do Vale, em quanto o Infante D. Henrique batia o Caſtello, aonde os Mouros tinhaõ maior reforço, que na Cidade. Elles, que eſtavaõ prevenidos para huma vigoroſa reſiſtencia, eſcondêraõ os primeiros, que ſobiaõ

biaõ á eſcalada debaixo de huma nuvem de ſettas, e outras armas de arremeço; mas vencendo a noſſa corage toda a oppoſiçaõ, nós haveriamos entrado os muros, ſe as eſcadas foſſem mais altas, que podeſſemos ferrar os parapeitos: incidente, que nos obrigou a retirar do avance naõ ſem perda de homens mórtos, e feridos.

Era vulg.

Naõ perdêraõ os Infantes as eſperanças com a repetiçaõ dos máos ſucceſſos, antes mandáraõ vir de Ceuta alguma artelharia para continuar os ataques, e eſcadas proporcionadas para novo aſſalto. Já a eſte tempo ferviaõ na Mauritania os apreſtos para acodir com todas as ſuas forças a huma Praça da reputaçaõ de Tangere, que principiou a ver desfilar dos montes em ſeu ſoccorro 10$000 cavallos, e 80$000 Infantes. A outra Naçaõ, que naõ foſſe a Portugueza, aterraría eſta quantidade prodigioſa de inimigos, que baſtava ſer contada pelo número para confundir. Mas elles ſe determináraõ a inſultalla com a idéa firme, de que ella era huma multidaõ alliſtada tumul-

Era vulg. tuariamente, a maior parte sem disciplina, sem armas, sem os brios, que costuma animar a estimaçaõ da honra. D. Henrique, vendo esta firmeza nas suas trópas, escolheo nellas 4000 homens, e marchou sobre os barbaros com movimentos conformes a quem queria atacallos: heroicidade, que bastou para os inimigos se espalharem pelos mesmos montes donde descêraõ, temerosos de sustentar o campo a hum punhado de mundo, que perdia toda a sórte de semblante na face da sua multidaõ.

Passados poucos dias, o pejo os fez outra vez descer das montanhas para metterem o soccorro na Praça pelo lado, que mandava o Infante D. Fernando, e o Conde de Arrayolos. Quiz mostrar o Infante, que era irmaõ de D. Henrique, e lhe seguio os passos, naõ só movendo-se; mas atacando os Barbaros com alentos taõ superiores á humanidade, que depois de lhes degolar hum grande número, obrigou a fugida vergonhosa hum exercito taõ monstruoso. Esta segunda covardia metteo

teo em tanta cólera aos Reis de Marrocos, de Féz, e de Tafilet, que se assegura viéraõ sobre nós com 600000 Infantes, e 96000 cavallos; deixando deserto este lado de Africa para atacarem a 6000 Portuguezes. Conhecêraõ os Infantes a impossibilidade de levar ao fim os seus designios, quando os batedores do campo os informáraõ, de que se descobriaõ legoas de terra cobertas de homens, que bastava o seu peso para esmagarem debaixo de si corpo muitas vezes mais robusto, que o do nosso exercito. As idéas tristes os faziaõ conceber, que a sórte brevemente os reduziria de sitiantes a sitiados, e que mettidos entre os fógos do campo, e da Praça, naõ havia mais remedio, que sacrificar as vidas, ou render as liberdades. Em fim, sem perder o acordo, elles se entrincheiráraõ o melhor que podéraõ, e entregues nos braços da Providencia, levantáraõ os olhos ao Monte do Deos dos Exercitos, donde esperavaõ o seu soccorro.

Era vulg.

Chegáraõ os Mouros á vista de Tangere, aonde os Infantes os esperavaõ

for-

Era vulg. formados; mas houvéraõ de retroceder, e buſcar as trincheiras opprimidos dos repelões de tanta ſuperioridade de forças. Soube-ſe na armada o aperto em que eſtava o campo, e D. Pedro de Caſtro, que a commandava, preferio a neceſſidade de ſocorrer dous Infantes á obſervancia das ordens, que tinha de a naõ deſamparar. Elle conduz em peſſoa hum deſtacamento da ſua melhor gente, e eſte pequeno corpo foi baſtante para os Mouros ſe conterem taõ moderados, que ſe reſolvêraõ antes a cercar-nos, que a combater-nos; mais confiados em ganhar a victoria pela fome, que pelo ferro. Infallivel parecia, que as medidas tomadas pelos Mouros podeſſem faltar; e qualquer outra gente, que naõ foſſe a Portugueza, em tal aperto a poria o pavor extactico; mas ella na ſua coragẽ, e intrepidez achava ſahida a todos os perigos. Quando os noſſos naõ podiaõ dar hum paſſo fóra das trincheiras, rodeados por hum circulo de homens muitas vezes dobrado; elles ſe eſpantavaõ menos da multidaõ terrivel, que

ti-

tinhaõ na sua face, que da necessidade de agoa, que os consummia. Era vulg.

Acodio o Ceo a este aperto com huma chuva copiosa, que refrescou o exercito, e renovou o valor para pedir o combate. Os Infantes, unicamente lembrados de salvar o seu Povo, discorriaõ o modo de abrir caminho para recolherem tudo nas náos; mas considerando por huma parte a falta de lanchas, por outra as praias bordadas de inimigos, determináraõ com o favor da noite recorrer á industria, lançando-se a nado com todos que soubessem acompanhallos para ferrar as náos, e enviar dellas as Chalupas, que no silencio mais profundo fossem conduzindo o resto da gente. Interrompeo este designio, que sem dúvida se lograva, hum malvado monstro, horror do Sacerdocio, indigno da humanidade, Judas de seu Senhor, o infame Clerigo Martim Vieira, Capellaõ do Infante D. Henrique, que se passou aos Mouros, e lhes descobrio as medidas, que os Infantes tinhaõ tomado para salvar-se com o exercito. Tanto que os Barbaros foraõ

ad-

Era vulg. advertidos, redobrárao as guardas da parte do mar, e a nossa perda seria inevitavel, se elles se soubessem conduzir.

Menos fiados os Mouros nas suas precauções, e na sua multidaõ, que temerosos do nosso valor, e das nossas industrias, elles queriaõ a sua victoria mais pelo de hum ajuste, com tanto que lhes fosse vantajoso, que reduzir-nos a estado de buscar a retirada por meio de hum combate de desesperaçaõ. Rodeados destas reflexões covardes, mandáraõ dizer ao Infante D. Henrique, que se quizesse abandonar o campo com o trem, que tinha nelle, entregar Ceuta, e restituir os prisioneiros, que havia feito, elles lhe deixariaõ o passo livre para se embarcar na sua armada: Que para segurança da palavra, que lhe davaõ, lhe mandariaõ em refens hum filho do Governador de Tangere, e elle enviaria outro da sua parte, até serem consummadas as condições do ajuste. O Infante respondeo por D. Fernando de Menezes, Ruy Gomes da Silva, Fernaõ

de

de Andrade, e Joaõ Fernandes d'Arca, Era vulg.
que encarregou de irem ao campo dos inimigos: Que elle acceitava todas as condições, salvas as vidas do seu exercito.

Nesta figura estavaõ os negocios; a trópa reduzida a pouco mais de 3ↀ000 homens pelos combates horrendos, que haviamos sustentado nas trincheiras, especialmente no dia nove de Outubro; os Infantes, e os Officiaes inquietos no partido, que haviaõ seguir em occasiaõ taõ critica. Se por huma parte elles recusassem cumprir com as condições propostas, entre ellas a de que lhes naõ fariamos a guerra por cem annos, a nossa perda era inevitavel. Se por outro lado convinhamos no que os Barbaros queriaõ de nós, já dispunhamos com antecipaçaõ a affronta das reprehensões, que tinhaõ de cahir sobre nós por acceitarmos humas propostas indignas, especialmente a de entregar huma Praça da importancia de Ceuta, que tanto nos havia custado: Que todo o mundo attribuiria semelhante ajuste a

me-

Era vulg. medo da mórte, e da escravidaõ; objectos, de que sim se deixavaõ tocar os homens, mas naõ os Portuguezes, que sempre os conhecêraõ para os desprezarem.

CAPITULO V.

Continua-se a mesma materia, e a do cativeiro infeliz do Santo Infante D. Fernando.

EM quanto no campo se formavaõ os discursos, que acabo de referir, os Infantes se viaõ embaraçados na escolha dos refens, que haviaõ mandar aos Barbaros. Desatou as dúvidas o Infante D. Fernando, que zeloso da gloria do Reino, ou conduzido da força do Decreto da suá Predestinaçaõ, se offereceo para ficar entre os Mouros por penhor, até que o Conselho del Rei tomasse as deliberaçṍes, que parecessem justas. Entaõ foi vistoso o duelo entre os dous irmãos, arguindo D. Henrique, que esta gentileza lhe pertencia obralla por mais velho; D. Fernando instando,

que

que só a elle tocava por primeiro offerecido, e por mais moço. O ardor, que elle mostrava na porfia, forçou D. Henrique a ceder; e obrigados os Portuguezes a acordar quanto se lhes pedia, entregue nas nossas mãos o filho de Zalá Benzalá, o Infante D. Fernando acompanhado dos Fidalgos da sua casa, partio a soffrer com constancia heroica as calamidades, que lhe tecêraõ a coroa de huma gloria sem fim.

Era vulg.

Além da entrega da pessoa do Infante, que era o Garante da restituiçaõ de Ceuta, em refens do filho de Zalá Benzalá, nós demos quatro Fidaldos, que foraõ Ayres da Cunha, Pedro de Ataide, Joaõ Gomes do Aveiar, que todos morrêraõ de peste em Arzila, e Gomes da Silva, depois Commendador de Noudar. Assim se concluio a negociaçaõ; mas retirado de Tangere Zalá Benzalá, ignoramos se deixando as ordens fraudulentas, que depois se viraõ executar: quando o Infante foi a embarcar-se, os Mouros de tropel o atacáraõ na praia, aonde o nosso valor picado da perfidia, obrou extremos

Era vulg. mos os mais elegantes, e o Infante naõ podendo tomar a ſua lancha, ſe lançou a nado a ferrar as náos, que achou em termos de ſe levar pela falſa noticia, que corria nellas, de que todos eraõ mórtos em terra. Finalmente, cincoenta Heróes dignos de memoria eterna, que quizeraõ ſacrificar as vidas pela ſalvaçaõ de ſeus irmãos, ſe poſtáraõ na reta-guarda do exercito; ſuſtentáraõ o combate contra immenſos Barbaros em quanto elle ſe embarcava, como felizmente conſeguio à troco de illuſtre ſangue dos ſeus cincoenta camaradas fideliſſimos, aos quaes ſentimos ignorar os nomes para authoriſarmos com elles a noſſa Hiſtoria.

O dia 20 de Outubro foi o deſtà glorioſa acçaõ, e o da infame dos Barbaros, que eſtimuláraõ o Infante para alterar os pactos; e deſpedindo a armada para Lisboa, elle ſe recolheo a Ceuta com os Cavalleiros, e criados da ſua Ordem, e Caſa. A impreſſaõ, que a nova triſte cauſou no animo do Rei, que conſentio a jornada, e do

Po-

Povo, que chorava a morte dos parentes, e amigos, se percebia no silencio, e na melancolia. Ao Infante D. Joaõ, que estava no Algarve com gente prompta para soccorrer a seus irmãos, lhe foi ordenado passasse a Ceuta para consolar a D. Henrique, que achou gravemente enfermo, opprimido do peso de tantas fadigas, e cuidados. A chegada de D. Joaõ foi o melhor remedio, que se podia applicar á queixa do Infante, e a alegria que ella lhe causou, lhe restituio com brevidade a saude. Depois de conferirem ambos o estado dos negocios, resolvêraõ fazer novas propostas aos Mouros; queixar-se de rotura, que elles fizeraõ no Tratado, quando houve de embarcar o exercito; affirmar, que esta perfidia o desobrigava de cumprir as condições; que de huma, e outra parte se deviaõ restituir os refens; o Infante D. Fernando pelo filho de Zalá Benzalá, sem se fallar mais palavra na entrega de Ceuta.

Era vulg.

Naõ quizeraõ os Mouros escutar estas proposições, e ameaçavaõ a vin-

gan-

Era vulg. gança na pessoa do Infante, se se lhes faltasse ao cumprimento das promessas. Naõ queria D. Henrique desamparar Ceuta sem conseguir o resgate de seu irmaõ; mas notando entaõ a pouca apparencia de o conseguir, mandou para Portugal ao Infante D. Joaõ com o Conde de Arrayolos para darem conta a El-Rei do que se passára no sitio de Tangere, e elle esteve em Ceuta cinco mezes, envergonhado de apparecer na Patria, como se os destinos imprescrutaveis da Providencia podessem induzir culpa na candura das suas santas intenções. Porém recebendo ordens precizas para se recolher, elle veio ao Algarve, donde passou a avistar-se com El-Rei em Portel para tratar o resgate do Infante, como negocio que derrotava todo o socego do seu espirito. Naõ obstante o combate destes desejos, sempre elle lembrava ao Rei: Que Ceuta naõ se devia entregar aos Mouros, em quanto senaõ esgotassem todos os outros meios, que coubessem na prudencia, e esforços humanos; e que quando naõ houvesse ou-

tro,

tro, lhe entregassem vinte mil homens, ou fosse El-Rei em pessoa, que conquistaría tantas Praças, e ainda toda a Africa, para ter hum cambio superabundante que offerecer pela liberdade de seu irmaõ.

Era vulg.

Alguma consolaçaõ deraõ a El-Rei as palavras do Infante, que respiravaõ christianismo, e heroicidade; mas elle em negocio taõ delicado quiz ouvir os pareceres dos sábios. Naõ houve Ministro, que deixasse de se embaraçar em hum tropel de opiniões. Huns queriaõ deixar ouvir as vozes ternas, com que se explica a natureza, e o sangue, em lugar das duras, que articula a conveniencia, e a politica, e eraõ do voto, que pelo Infante se dêsse Ceuta. Outros, que presumiaõ penetrar a fundo as intenções do Rei, diziaõ, que elle naõ tinha obrigaçaõ de observar hum Tratado injurioso á sua honra, feito sem a sua approvaçaõ: que a pessoa do Infante sim era huma victima de alto valor para se sacrificar aos Barbaros, mas que na perda de Ceuta se interessava a Religiaõ,

a

Era vulg. a gloria do Rei, a reputaçaõ da Patria, tanto ſangue nella derramado: que ſe o Infante fazia ambiçaõ de acabar na guerra contra os Infiéis, que naõ lhe ficava menos glorioſo morrer pela honra da Igreja, e do Eſtado; e que de nenhuma ſórte ſe fallaſſe em entregar Ceuta. Prevalecéo eſte ultimo voto, com que ſe conformava a Familia Real, e antes que os Barbaros condemnaſſem o Infante cativo, elle foi ſentenciado pela Natureza, pelo Rei, pela Pátria.

Se eſte acordo commum foi entaõ apparente, e no animo do Principe ficáraõ alguns reſtos de eſperança a favor de ſeu irmaõ, a morte que lhe ſobreveio a 9 de Setembro do anno ſeguinte, a cortou toda. O Infante teve de ſopportar com gloria immenſa do ſeu eſpirito os opprobrios, calamidades, e affrontas, de que eu devo dar noticia neſte lugar até a ſua morte para credito da virtude, veneraçaõ da ſua peſſoa, e conforto dos atribulados.

Firmado a 16 de Outubro do anno,

no, em que eſtou fallando, o Tratado de Tangere, o Santo Infante D. Fernando foi entregue áquelle Zalá Benzalá, agora venturoſo, que ſeu pai fèz fugir de Ceuta infame. Antes de o levar do campo á Cidade, aviſou os moradores para ſahirem a vêr priſioneiro o filho do Leaõ Luſitano, que fora aterrar os de Africa com os ſeus rugidos. Hia o Infante em hum cavallo do meſmo Mouro, os ſeus criados a pé, e depois de entrar na Cidade, elle ſó foi conduzido no meio de huma tempeſtade de improperios da canalha vil a huma Torre, aonde o hoſpedáraõ com bem pouca quantidade de iguarias groſſeiras, e a terra por cama. De Tangere havia ſer levado para Arzila; mas duas horas antes da jornada, Zalá Benzalá, que devia eſcoltallo, o mandou pôr em hum lugar eminente, aonde o viſſe todo o Povo, lhe moveſſe as cabeças, o ſibillaſſe, como a objecto de zombaria, e eſcarneo. Depois, elle, e os ſeus criados montados nas alquilés mais ridiculas, que ſe buſcáraõ de propoſito, foraõ leva-

Era vulg.

Era vulg. dos em triunfo barbaro á dita Praça, que indicava o seu alvoroço nas muitas bandeiras, que tremolavaõ nas Torres. O Povo impio o recebeo com clamores de irrisaõ, que quebravaõ nesta montanha Real de constancia, taõ inalteravel no animo, e no semblante, como se fosse o Cesar Augusto entrando triunfante em Roma.

Mettido em huma prizaõ, o Infante era tratado com menos dureza, em quanto esteve firme a esperança da entrega de Ceuta; mas quando ella principiou a vacilar, a barbaridade desenfreou contra a victima innocente, quanto ella tinha de impia. A constituiçaõ delicada de hum Principe naõ podia deixar de opprimir-se com o peso de tantas amarguras, com os combates do espirito sublime, que queria sobmetter á carne fragil, e nesta acerbidade de afflicções enfermou o Infante para recrear o Ceo com os actos pasmosos da sua paciencia. Ainda era necessaria a sua vida para confirmar a muitos vacilantes na Fé; para resgatar a outros por meio de Mercadores Ca-

tho-

tholicos, que a isso se lhe offereciaõ; Era vulg.
para no modo possivel soccorrer os seus criados, que soffriaõ tratamentos inauditos; e houve Deos por bem renovar-lhe a saude.

Como já tardava a restituiçaõ de Ceuta, Zalá Benzalá mandou vir o Infante á sua presença, e na de outros muitos lhe disse com arrogancia: Que hiaõ passando os termos estipulados, que elle, e seu irmaõ firmáraõ, sem lhe entregarem seu filho, nem a Praça de Ceuta, zombando delle, e de Lazaraque, que era o maior Senhor de Féz, ambos partes contratantes no dito Tratado: Que seu irmaõ D. Duarte naõ respondia ás Cartas, que se lhe mandavaõ para a entrega de Ceuta, que era sua; que seu pai com violencia lhe tomára; que naõ lhe era possivel deixar de recobrar a todo o custo; e que as injúrias feitas a elle Infante até a morte seriaõ o despique da perfidia, que com elle usavaõ seus irmãos. O Infante com grande moderaçaõ lhe respondeo; mas em palavras geraes, que nada tinhaõ de de-

Era vulg. cisivas, de que o Mouro se desgostou; e mandando-o retirar da sua presença, nunca mais o quiz vêr.

Passado algum tempo, soube Zalá Benzalá, que na Conferencia que El-Rei teve sobre a liberdade do Infante, unicamente seus irmãos os Infantes D. Pedro, e D. Joaõ votáraõ se entregasse Ceuta; e que a parte contraria mais poderosa determinou, que antes se perdesse o Infante, que a Praça. Entaõ o fez elle avisar do que se passava; e que como a fé, e promessas do Tratado estavaõ rotas, dalli em diante era elle hum escravo do Rei de Féz, ao qual sería logo remettido para experimentar cativeiro bem differente, do que até entaõ lhe tinha dado Zalá Benzalá. A este recado respondeo o Infante: Que o Tratado de Tangere foi hum recurso da necessidade, que naõ obrigava, nem tinha força para haver de ser cumprido: que além disso, os Mouros primeiro o quebráraõ, impedindo o embarque das trópas, que foraõ constrangidas a abrir o caminho á ponta da espada: que os Artigos naõ

po-

podiaõ ser válidos pela falta de authoridade delle, e de seu irmaõ, que promettêraõ violentos o que naõ lhes era facil cumprir, se seu irmaõ El-Rei D. Duarte naõ conviesse nelles como Senhor: que nestes termos pensasse em outro ajuste, que naõ fosse entregar Ceuta, lançando por preliminares delle a restituiçaõ de seu filho, a de todos os prisioneiros, a das riquezas que se acháraõ em Ceuta, quando a tomou seu pai, e tudo o mais que elle quizesse. Era vulg.

Desenfreou-se o furor de Zalá Benzalá com esta resposta do Infante, e lhe tornou com outra, que dizia: Como elle naõ era homem, que se embaraçasse com as ternuras de pai, para seu filho lhe fazer a menor especie, quando se mettia de permeio a sua honra: que a perda deste a ajuntaria á de outro, que mandou degollar pela sua reputaçaõ: que o seu coraçaõ era maior, que esta empreza, em que estava mettido; coraçaõ, que teve corage para fazer Reis, depôr, e matar Reis; que elle naõ mandou, nem per-

mi-

mitio a desordem dos soldados na occasiaõ do embarque do exercito, antes os Portuguezes foraõ causa della; por lhe levarem presos dous Mouros, e o Alcaide, que vinhaõ recolher os despojos: que naõ convinha em outros ajustes, senaõ a entrega de Ceuta; porque seria acreditar a sospeita, que delle se tivera quando a perdeo, affirmando-se que elle a vendêra; e que pelo que pertencia a restituirem-se as riquezas, que entaõ foraõ achadas na dita Praça; que essa restituiçaõ elle a faria brevemente, quando a tirasse por força do nosso poder.

Bem inferio o Infante da arrogancia do Barbaro, que era chegado o ponto fatal da sua ruina; e ha quem diga que com o desejo de evitalla, persuadíra a El-Rei, seu irmaõ, que Ceuta era huma Praça impossivel de se conservar muitos annos, e que em cambio da liberdade de hum Infante de Portugal, bem se podia dar huma Cidade em Africa. Outros affirmaõ, que sim pedia se buscassem meios de o livrar do cativeiro; mas que naõ

fos-

fosse o da perda de Ceuta, pelo perigo a que se expunhaõ muitas almas, que importavaõ mais que a sua vida. Como quer que fosse, o Infante que teve modo para sahir de Africa, com magnanimidade só sua, elle o naõ quiz fazer sem a companhia de todos os seus criados, que naõ podia conduzir, e El-Rei, o Infante D. Henrique, o Conselho de Portugal, os votos das Cortes tiveraõ em menos sacrificar o Infante, que perder Ceuta.

Em vulg.

Naõ se fez dissimulavel ao animo pio do Rei de Castella, que hum Principe seu parente ficasse sendo victima muitas vezes immolada ao furor dos Barbaros, e determinou mandar Embaixadores a Zalá Benzalá, que por todos os meios excogitaveis, rogando, pedindo, ameaçando, instassem pela liberdade do Infante. O Mouro astuto, que o prevenio, sem demóra o tirou do seu poder, e com a maior indecencia o remetteo, e a toda a sua familia, para Féz ás ordens do Tyranno Lazaraque. Neste novo theatro foi o Infante recebido pelos alaridos af-

fron-

Era vulg. frontosos de immenso Povo, e conduzido só a huma masmorra escura, e sobterranea, como se usou com cada hum dos seus criados, aonde o tiveraõ descalsó, faminto, sem descanço tres mezes, que foi o termo fixo, que se lhe deo para vir carta sua, e voltar resposta del Rei, em que lhe fizesse saber o estado lamentavel, a que o haviaõ reduzido, e elle declarasse as ultimas determinações a seu respeito.

Veio com a resposta o Judeo Emissario chamado José; e como nella nada havia de decisivo a favor do Infante, elle principiou a fazer os officios vís de escravo, e a ser tratado com a maior deshumanidade pelo impio Lazaraque. Foi-lhe dado lugar na cavalharice para pensar os cavallos: exercicio, em que já achou entretidos os Fidalgos da sua casa; e com elles era mandado cavar nas hortas do Tyranno, aonde soppoRtava todo o dia o peso do trabalho, sem outro alimento, que o de dous pães, e na noite por allivio a escuridaõ do carcere. Como os Barbaros percebêraõ, que o Infan-

te

te se consolava de trabalhar na companhia dos Christãos, até este desafogo lhe negáraõ; cominando a pena de 500 açoites aos que fallassem com elle. Ajuntavaõ-se à este martyrio os clamores dos Fidalgos retidos em Arzila, que lhe pediaõ a liberdade do filho de Zalá Benzalá para elles obterem a sua, e naõ poder remediallos; os incommodos da sua Real Pessoa já coberta de trapos vilissimos: a dureza da sua cama em duas pelles de ovelha sobre a terra: a fome contínua acompanhada de trabalho intoleravel. Barbaridades horrendas, que movêraõ no Rei de Féz os desejos de as evitar; mas como o seu vulto occupáva o Throno, em que o pôz Lazaraque, para ser o senhor delle, naõ teve mais remedio que approvar as impiedades do Tyranno, e abandonar á sua discriçaõ o Infante, objecto digno de lastima.

Era vulg.

Oito mezes passou elle esta vida penósa até ao fim da del Rei seu irmaõ; noticia, que o deixou inconsolavel; muito mais pela perda da esperança, que ainda podia ter da sua

li-

Em vulg. liberdade. Pouco depois ſim correo a vóz, de que D. Duarte no ſeu Teſtamento ordenava ſe trocaſſe Ceuta pelo Infante, o que muito eſtimou Lazaraque, naõ pela reſtituiçaõ da Praça, que era de Zalá Benzalá; mas porque lhe abria a porta para nova negociaçaõ, em que elle no reſgate a dinheiro poderia ſatisfazer a ſua cobiça. Com eſte deſignio mandou alliviar ao Infante, e Fidalgos do peſo do trabalho, e veſtillos com mais decencia: porém conhecido o rumor por falſo, dobrou-ſe a tyrannia; tornáraõ os preſos a ſer carregados de ferros; a naõ ſe lhes dar outro alimento, que hum pouco de paõ, nem lhes conſentir outro veſtido, que huns trapos de borel para eſconderem as partes, que manda occultar o pejo. Aſſim paſſáraõ os afflictos eſcravos até o anno de 1440, em que morreo Zalá Benzalá, e entendendo Lazaraque, que certo Mouro principal tragava meios de fugir com o Infante para Ceuta, o ſeu furor diabolico executou entaõ na peſſoa Real quantas atrocidades lhe ſuge-

ge-

geria o seu animo cruel, feróz, e brutal.

Como o Infante D. Pedro governava o Reino na menoridade de seu sobrinho o Rei D. Affonso V., e elle sempre estivera firme na resoluçaõ, de que Ceuta se devia entregar pela liberdade do Infante, havendo já cinco annos, que elle soffria tantos trabalhos; no de 1441., em nome del Rei, vieraõ á Ceuta Embaixadores para fazerem a entrega da Praça, e conduzirem o Infante a Portugal. Lazaraque, que se embaraçava pouco com Ceuta, e quando naõ podesse negociar á sua satisfaçaõ, queria ficar com o Infante, e o Rei de Féz com a Praça; entraõ a traçar intrigas para o fim dos projectos. A primeira foi fingir, que desconfiava do Judeo, que trazia as cartas, e mandando vir á sala do Conselho ao Infante descalço com os çapatos na maõ, lhe disse: Eu determino mandar-vos a Arzila para de lá seres entregue aos vossos, se este Judeo me falla verdade nas cartas, que me traz. Para atemorisar ao Infante,

Era vulg. com o pretexto de que queria extorquir do Judeo a verdade á força de tormentos, na ſua preſença mandou executar nelle atrocidades barbaras. O reſto da Tragedia até a mórte do Infante ſerá a materia do Capitulo ſeguinte.

CAPITULO VI.

Continúa a narraçaõ dos trabalhos do Infante D. Fernando no ſeu cativeiro até a ſua morte em Féz.

LAZARAQUE depois de fazer repreſentar o acto, que fica referido, e querendo que todo o intereſſe do reſgate do Infante foſſe ſeu, deixou paſſar mezes ſem differir á propoſta das entregas. Depois publicou, e com effeito pôz em practica, que o Rei ſahiſſe de Féz com hum grande exercito; em que levava o Infante para authoriſar as trocas com a preſença; mas conſumindo o tempo em marchas lentas ſem chegar á Arzila, nem a Ceuta, declarou: Que em quanto eſta

ta Praça naõ estivesse na maõ dos Mouros, que o Infante naõ sahia das suas. Todo o restante da sua conduta deo evidencias, de que elle queria Ceuta, o Infante, apoderar-se dos Embaixadores, e depois entrar em idéas mais vastas. Esta perfidia descoberta rompeo a negociaçaõ, e voltou o Infante com a sua infeliz Familia a tolerar em Féz até a morte, sempre constante, as abjecções mais despresiveis, com que os fados podiaõ abater huma pessoa do seu caracter, para adorarmos os segredos do Creador no destino dos homens, que naõ tem excepçaõ na sua presença, rectidaõ, e juizo.

Era vulg.

Intentava o Barbaro conseguir do Infante huma quantia prodigiosa pelo seu resgate, e dos seus criados, e entendeo que o meio mais prompto era desenfrear a impiedade. Naõ he excogitavel aos nossos espiritos o quanto soffreo em huma masmorra escura, e sobterranea o nosso Principe até o anno de 1443 em que Deos, compadecido das suas miserias, o levou para lhe cingir no Ceo a coroa de justiça,

que

Era vulg. que mereceo como premío grande por meio de grandes trabalhos. Resgatáraô-se alguns dos nossos Fidalgos pelo filho de Zalá Benzalá, e de outros Mouros, que deixáraõ satisfeito a Lazaraque para naõ se lembrar mais do resgate do Infante, nem esquecer nunca o martyrisallo com tormentos novos. Em todos os annos do seu cativeiro fez o Principe huma vida angelica, em que practicou os actos mais heroicos de todas as virtudes. Agora que já sentia que a luz occulta nas masmorras de Africa queria apagar-se, elle a esforçou de sórte para brilhar, que a fez digna de ser collocada no Candelabro da Igreja, que pode annunciar o seu louvor, assim como os Póvos contaõ as suas virtudes.

Engraveceo-se a queixa mortal, que obrigou o Infante a mandar pedir ao Tyranno o deixasse morrer em outro lugar, e lhe permitisse a assistencia do seu Confessor, que era Pedro Vaz em lugar de Fr. Gil, que morrêra entre os Barbaros. Lazaraque lhe concedeo sómente a segunda parte, e ordenou

ao

ao seu Medico lhe assistisse. Na noite antecedente ao dia da morte o Confessor, percebendo o socego do Infante, quiz examinar se dormia, e vê, que do rosto lhe sahia hum resplandor brilhante, que illuminava o carcere, e chegando a elle lhe perguntou se dormia. Depois de manhã lhe disse o Infante: O que por mim passava esta noite, quando me viestes fallar, naõ he para o referires em Africa; contai-o em Lisboa depois da minha morte para gloria de Deos: Eu estava meditando nas miserias desta vida, que naõ exceptuaõ algum dos filhos de Adaõ, e desejava desatar-me das prisões da carne para ir estar com Christo. No mesmo instante vi diante de mim hum Throno magestoso, e sentada nelle a Maria Santissima rodeada de huma multidaõ innumeravel do Povo grave, que a louva. Ajoelháraõ aos seus pés dous Personagens, que se me mostrou serem S. Miguel, e o Evangelista Amado, dos quaes sempre fui muito devoto, e lhe rogáraõ pedisse a seu Santo Filho me tirasse já dos trabalhos do mun-

Era vulg.

Era vulg. mundo. Entaõ a Senhora pondo em mim os olhos, com ſemblante alegre me diſſe: Filho hoje ſerás hum dos deſta companhia bemaventurada: e com iſto deſappareceo a viſaõ, e eu eſtou taõ conſolado, como quem eſpera por inſtantes trocar as penalidades deſte carcere pelos prazeres eternos da Caſa do Senhor.

Foi o dia deſta mórte precioſa nos olhos de Deos o de huma quarta feira, 5 de Junho de 1443, em que o Infante D. Fernando, contava quaſi ſeis annos de captivo, e quaſi quarenta e hum de idade, em huma maſmorra do Reino de Fez, que foi honrada com a preſença da Rainha, e Aulicos da Corte do Ceo para exaltarem o amigo de Deos, e confortarem o ſeu Principado, que o mundo desfallecêra até ao ultimo abatimento da fraqueza. Lazaraque ſem lhe fazer a ménor eſpecie eſte cataſtrofe taõ cheio de láſtima, quando lhe déraõ parte da mórte do Infante, reſpondeo: Era bom homem; ſe foſſe Mouro, ſería hum Santo. O meſmo Tyranno mandou, que o cadaver

ver fosse levado ao carcere, aonde estavaõ os seus criados, que rompêraõ nas demonstrações da mais excessiva dôr; mas reparando, que a claridade da gloria do espirito scintilava na face do corpo, a piedade converteo o sentimento em admiraçaõ, o pesar em jubilo.

Era vulg.

Ordenava o Barbaro, que os mesmos criados o abrissem, e embalçamassem, o que elles naõ quizeraõ fazer, entendendo a ordem por huma nova crueldade. Executou-o outro cativo; e Joaõ Alvares, seu Secretario, guardou em huns vasos os intestinos, que enterrou para os trazer a Portugal. Depois foi o corpo posto sobre huma taboa, e levado ás portas da Cidade, aonde Lazaraque o mandou despir todo nú, e atado pelos pés, o fez pendurar de huma das ameias dos muros, como espectaculo á humanidade espantoso, aos Mouros grato, á piedade triste, á nossa contemplaçaõ edificante. Para que esta injúria das Magestades passasse pelas vistas do Rei de Féz, e de toda a sua Corte, Laza-

Era vulg. raque o convidou, e a toda ella para assistirem a humas festas reaes, que mandou fazer no mesmo campo defronte do veneravel cadaver, cuja Alma santa entaõ diria a Deos no Ceo: Quando has de, Senhor, vingar, e julgar o nosso sangue?

Assim esteve o Infante morto quatro dias exposto, e receando o Barbaro os effeitos da corrupçaõ, o mandou metter em hum caixaõ, que deixou suspenso no mesmo lugar com destino superior, para resplandecer em milagres no centro da barbaridade. Eu naõ referirei os muitos, que por intercessaõ do Infante obrou Deos em muitas partes, como escrevêraõ outras pennas mais delicadas, e me contrahirei unicamente aos succedidos no tempo, em que o cadaver veneravel esteve exposto nos muros de Féz. O primeiro foi a incorrupçaõ, e cheiro suavissimo, que recreava aos que passavaõ por aquelle sitio, aonde se agasalhavaõ quantidade de aves, que respeitosas se retiráraõ, e naõ apparecêraõ mais em muito tempo. Em várias noites, as guardas

das, que rondavaõ a Cidade, viraõ sobre o caixaõ globos de luz clarissima, como entre outros atteſtou hum renegado, natural de Olivença, que compungido do que obſervava, ſe lhe repreſentou no meio da luz a figura do Infante, que lhe fallou, e diſſe: Torna para o caminho da verdade, donde ſahiſte: o que elle com effeito executára.

Era vulg.

Hum Mouro cégo, paſſando com o ſeu guia pelo lugar, aonde eſtava o corpo, levantou a cabeça, como em acçaõ de quem o queria vêr; e cahindo-lhe ſobre os olhos humas pingas do humor odorifero, que elle diſtilava, de repente cobrou a viſta. Attonito do prodigio o que fora Barbaro, começou a gritar, que elle queria viver, e morrer na Fé daquelle Infante, que era a verdadeira. Aos ſeus clamores ſe amotinou o Povo, que o ſepultou debaixo de hum chuveiro de pedras; golpes, que recebia goſtoſo até dar a vida, que dizia offerecêr pela Fé, que profeſſára o Infante; e porque no lugar do ſeu ſepulchro quiz Deos provar com

Era vulg. prodigios a ſalvaçaõ do ſeu ſervo, que expiára a culpa no lavatorio do ſeu ſangue, os Mouros edificáraõ nelle huma pequena Meſquita, e recorriaõ ao ſeu paizano nas occaſiões de neceſſidade. Outro Mouro no meſmo ſitio, ficando muito mal ferido de huma pendencia, paſſou a noite debaixo do caixaõ, e vindo pela manhã queixar-ſe ao Juiz, que lhe ordenou moſtraſſe as feridas, deſpindo-ſe para o fazer, nem ſignais ſe lhe acháraõ de as ter recebido. Averiguada a verdade do ſucceſſo, naõ ſe atreveo a infidelidade a duvidar, que fora prodigio obrado por virtude do Infante.

Os ſeus criados, e companheiros nos trabalhos naõ podiaõ diſſimular a dôr de verem o veneravel cadaver de hum Principe ſanto na ſituaçaõ mais indigna; e esforçando as induſtrias, depois de dez dias ganháraõ os guardas, que lhes conſentíraõ tirallo, e eſcondello, ſem que já mais ao impio Lazaraque ſe fizeſſe lembrado. Neſte lugar occulto eſtivéraõ as Reliquias adoraveis até ao tempo, que as foi reſga-

gatar o ſeu Secretario Joaõ Alvares, Era vulg.
como eu vou a dizer para concluir aqui com tudo o que pertence ao Infante ſanto D. Fernando.

Foi reſgatado o dito Secretario pelo Infante D. Pedro em 1448, e trouxe comſigo os dous vaſos com os inteſtinos do Infante; que levou a Santarem para offerecer Reliquias taõ eſtimaveis a ſeu ſobrinho El-Rei D. Affonſo, que as mandou conduzir com grande pompa ao Moſteiro da Batalha, acompanhadas pelo Infante D. Henrique, que com ceremonias magnificas as fez collocar no ſepulchro, que o Rei D. Joaõ I., ſeu pai, lhe tinha preparado. Deſejava-ſe o reſgate dos oſſos do Infante occultos no lugar, que indicára o meſmo Secretario; mas em quanto viverão o Rei de Féz, e Lazaraque, naõ foi poſſivel conſeguillo. Depois correndo o anno de 1470 em que foi tomada Arzila pelo Rei D. Affonſo, o Mouro Muley-Xeque, que nella perdêra mulheres, e filhos, propôz huma trégoa ao Rei para ir continuar o ſitio de Féz, e acabar de ſe fazer

Era vulg. zer ſenhor do Reino. Elle teve a feli-cidade de lhe deſcobrirem as Reliquias do Infante, que entendeo o troco mais precioſo para o reſgate da mulher, e filhos preſos em Arzila.

Entendem alguns, que o Secretario Joaõ Alvares fora da parte del Rei D. Affonſo fazer a propoſta deſta troca: outros preſumem que hum ſobrinho de Muley-Xeque, eſcandaliſado de ſeu tio, lhe furtára os oſſos do Infante, e que acompanhado de alguns cativos Chriſtãos, embarcára em huma náo, e os viera trazer a Portugal. Como quer que foſſe, El-Rei os eſperava em Belém com toda a Nobreza, Cléro, Religiões, e Povo, que os conduzíraõ para a Cathedral de Lisboa, donde foraõ transferidos para o ſeu ſepulchro no Convento da Batalha, aonde pela ſua interceſſaõ obrou Deos muitos milagres. Das ſuas virtudes daõ teſtemunho muitos Eſcritores reſpeitaveis, que o appellidaõ Santo, eſpecialmente Daniel Papebrochio nos *Acta Sanctorum*, aonde a 5 de Junho eſcreve ao largo a vida do ſanto Infante; que conclue com eſ-

ta

ta sobscriçaõ : O santo Principe Fernando Infante de Lusitania, morreo em Féz cativo dos Mouros no anno de 1443 a 5 de Junho. Era vulg.

CAPITULO VII.

Ultimas acções; e morte do Rei D. Duarte.

A EMPREZA desgraçada de Tangere, a prizaõ dura de hum irmaõ, que o Rei D. Duarte amava ternamente, e via que ou a sua vida havia perigar, ou ceder aos Mouros em Ceuta o freio fiel das suas arrogancias, sustentado pela maõ de hum Principe Catholico; eraõ duas imaginações, que sempre o traziaõ suspenso em hum sentimento profundo. As Cortes convocadas em Leiria para se tratar este negocio taõ delicado se oppunhaõ á entrega de Ceuta, e D. Duarte naõ se atrevia a alterar esta resoluçaõ, ainda que depois a deixou determinada no seu testamento, sem effeito, como nós acabamos de vêr na vida do mesmo Infante. Mas como nes-

Era vulg. neste tempo chegáraõ os Embaixadores, que tinhaõ ido ao Concilio, com a Bulla da Cruzada a favor da guerra contra os Infieis, entendeo-se que feita ella com vigor em Africa, sería o meio mais efficaz para resgatar o Infante do cativeiro. Examinada a Bulla, El-Rei deo as ordens precisas para os aprestos de huma armada, e exercito formidaveis, com que marchasse a abater nos Barbaros a arrogancia, em que os deixára o successo de Tangere.

Movia-se o Reino todo, emulo da vingança, e da gloria, sem haver pessoa digna, que deixasse de se fazer hum merecimento especial de tomar parte em expediçaõ taõ justa. Entaõ se cuidou em remediar os excessos do Reino, e reparar as suas faltas, que se attribuiaõ ás liberalidades, e gratificações do reinado precedente, declarando com toda a precisaõ as forças da Lei Mental. Joaõ das Regras, arbitrista deste novo Regulamento, foi o primeiro que lhe sentio o rigor no commodo de sua filha; Phálaris engenhoso, que experimentou o tormento no mesmo potro, que fabri-

bricára. Porém, ainda que esta nova Era vulg.
Ordenaçaõ transtornasse todos os projectos dos Chéfes de familia, e desconcertasse as medidas, que elles haviaõ tomado para o estabelecimento de seus filhos; isso naõ era comparavel com a dessolaçaõ, que a peste tinha causado, e com que continuava a devastar o Reino. Ella era o obstaculo mais forte a todos os intentos do Rei, que andava perseguido deste flagello de terra em terra, buscando para a sua residencia aquellas, aonde naõ chegava a malignidade. De bem pouco lhe valeo esta precauçaõ para deixar de acabar os seus dias ás mãos deste inimigo inexoravel da humanidade, abrindo na Villa de Thomar huma carta inficionada do contagio, que fez desvanecer todos os projectos concebidos contra os Mouros de Africa.

1438

Morreo El-Rei D. Duarte aos 9 de Setembro de 1437 com 47 annos de idade, e cinco naõ completos de governo. Foi de estatura proporcionada, o aspecto humanamente agradavel; os olhos castanhos, e alegres, a bocca pequena, e corada, o cabello da barba louro, e

Era vulg. o da cabeça comprido. Vestia com grande pompa, especialmente nas occasiões públicas; no culto Divino zeloso; das ceremonias Ecclesiasticas taõ exacto, que naõ soffria as negligencias dos Ministros do Altar; rendia á Santa Cruz huma veneraçaõ profunda em todos os lugares aonde a via, naõ consentindo estivesse nos indecentes. Foi muito observante da Justiça: mas inclinado á piedade, e abominando o rigor, queria dos homens a benevolencia, naõ o medo. Na observancia inviolavel da palavra mostrava, que a verdade era o primeiro objecto das suas attenções. Mandava os cavallos com muita destreza, e exercitava com moderaçaõ a caça para recrear o animo, e fortificar o corpo.

Da delicadeza do seu espirito daõ testemunho os melhores Authores. Elle era taõ eloquente, na escolha dos termos taõ natural, e advertido, que movia nos homens os affectos, que queria. Nunca negou a sua conversaçaõ ás pessoas erudítas, que admittia com familiaridade, e premiava com grandeza. Deleitava-se nas composições em prosa,

e

e verso, de que deixou muitas obras, Era vulg.
entre ellas mais estimavel a que intitulou o *Bôm Conselheiro*. Compilou, como já disse; todas as Leis dispersas em hum Codigo, para que fossem observadas, e entre ellas a Mental, de que seu pai tinha sido Legislador, e que prohibe succederem as filhas nos bens da Coroa. A sua Empreza era huma Lança, em que estava enroscada huma cobra em forma de caducêo com a letra *loco, et tempore*, symbolisando na Lança a guerra, na cobra a prudencia, que lhe deve preceder. Se a natureza o dotou de tantas virtudes excellentes, que naõ deo lugar á fortuna para temporalmente lhe deixar gozar as felicidades; estas suppríraõ muitos Escritores nos altos elogios, que conságraõ á sua memoria para viver immortal nas lembranças.

Seu irmaõ o Infante D. Pedro, com a noticia da sua enfermidade, veio logo de Coimbra a assistir-lhe, e foi o unico dos Infantes, que o achou vivo. Elle dispôz o seu enterro para o Convento da Batalha, aonde jáz, e fez celebrar as suas Exequias com a pompa

de-

Era vulg. devida ao caracter de hum taõ grande Rei. Em tudo se conduzio o Infante com a prudencia, e talento, que ornava das experiencias adquiridas em tantas viagens, e no trato de muitos negocios, que o tinhaõ constituido hum Principe perfeito. Elle ordenou tudo o que era necessario para a acclamaçaõ de seu sobrinho o Principe D. Affonso, que se achava na idade de seis annos. Aberto o Testamento foi vista huma das cegueiras do amor na declaraçaõ da Regencia do Reino, que El-Rei encommendava inteiramente á Rainha, sem admitir no Despacho algum dos Infantes, ou dos Ministros: tudo entregue ao caprixo desta Senhora, que contra o voto dos Principes da Europa, e dos Estados da Monarquia, promoveo a jornada infeliz de Tangere; e agora as suas paixões foraõ causa de muitos odios, roturas, dissenções, que ao Infante tiráraõ a vida, ao Rei o credito, á Nobreza o sangue, aos vassallos o socego, como eu já vou a mostrar no Livro seguinte.

FIM.

IN-

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXII.

LIVRO XXIII.

II

LIVRO XXIV.

Joaõ

LIVRO XXV.

ERRATAS DOS TOMOS III. IV., e V.

Erratas.	*Emendas.*

TOMO III.

Erratas.	Emendas.
Pag. 23. Regr. 27. naõ temeres *morrer.*	naõ temeres *a morte.*
—— 30. —— 11. *lhe* acabava	acabava.
—— 63. —— 14. *que* a acclamaçaõ	a acclamaçaõ.
—— 229. —— 14. os Infieis	*contra* os Infieis.
—— 234. —— 11. Espantáraõ-se de	Espantáraõ-se os Mouros de.
—— 255. —— 14. nas *occasiões*	nas *acções.*
—— 256. —— 17. nunca *perigára*	nunca *pegára.*
—— 260. —— 3. mulher de hum,	mulher de hum Rei,
—— 282. —— 9. *Defendiaõ*	*Defendiaõ-se.*

TOMO IV.

Erratas.	Emendas.
Pag. 23. Regr. 21. D. Joaõ o *Forte*	D. Joaõ o *Torto.*
—— 272 —— 10 *Hinô*	*Niño.*
—— 291. —— 6. *crimosa*	*criminosa.*

TOMO V.

Erratas.	Emendas.
Pag. 7. Regr. 21. *vender* os votos.	*render* os votos.
—— 17. —— 24. dos *combates*	dos *combatentes.*
—— 153. —— 15. *castigo*	*castigado.*
—— 178. —— 5 se conduzia	*assim* se conduzia.
—— 201. —— 18. del *Tresno*	del *Fresno.*
Prova mais *catholica*	prova mais *cathegorica.*